



República de Moçambique
Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano

Manual de Apoio Psicossocial para Gestores Escolares e Professores

MAPUTO, NOVEMBRO 2021



REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO HUMANO
DIRECÇÃO DE ASSUNTOS TRANSVERSAIS

Manual Impresso pelo Programa de Parceria Global da Educação

TÍTULO

Manual de Apoio Psicossocial Para Gestores Escolares e Professores

ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF)
Grupo de Coordenação da Educação em Emergência

FINANCIAMENTO

Programa de Parceria Global da Educação (PGE)

COORDENAÇÃO GERAL

Pedro Alberto Cossa

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

Pieter Potter

EQUIPA TÉCNICA

Esta equipa é constituída por formadores nacionais que participaram na formação realizada no MINEDH, em Agosto de 2019, nomeadamente: Florida Magaia, Filomena Tovela, Suzana Matsinhe, Constantino Uamusse, Heber Bomba, Paulo Tsandzana e Dinis Mungoi em memória. A operacionalização do Manual nas fases subseqüentes envolveu outros técnicos das Unidades Orgânicas do MINEDH, pontos focais provinciais e distritais de emergência.

EDIÇÃO / REVISÃO LINGUÍSTICA

Andreia Soares

COORDENAÇÃO GRÁFICA / MAQUETIZAÇÃO / ILUSTRAÇÃO

Grace Leong

IMPRESSÃO

Para determinar



República de Moçambique
Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano

Manual de Apoio Psicossocial para Gestores Escolares e Professores

MAPUTO, NOVEMBRO 2021

Índice

Lista de acrónimos	7
Glossário	8
Introdução	10
Educação em emergência, requisitos mínimos e apoio psicossocial	13
Objectivos da formação	15
Como trabalhar com os módulos?	18

SECÇÃO I: Definições e abordagens

MÓDULO 1: SMAP (Saúde Mental e Apoio Psicossocial)	21
MÓDULO 2: AP (Apoio Psicossocial)	24
ANEXO 2A: Declaração universal dos direitos humanos	28
MÓDULO 3: PSP (Primeiros Socorros Psicológicos)	32
ANEXO 3A: O que é PSP e o que não é PSP?	35
MÓDULO 4: Stresse e trauma	38
MÓDULO 5: Como fortalecer a resiliência	43
ANEXO 5A. Diferentes estilos de enfrentamento	48
ANEXO 5B. Actividades sugeridas e seus possíveis benefícios psicossociais para as crianças	49
MÓDULO 6. Abordagens de saúde mental e apoio psicossocial	55
ANEXO 6A. Diferentes estilos de enfrentamento - basic f e sugestões para AP	58

SECÇÃO 2: O papel do professor na promoção de AP

MÓDULO 7: Direito à educação em situações de emergência	60
ANEXO 7A: Direitos das crianças em situações de emergência	65
MÓDULO 8: Como podem os professores apoiar as crianças	66

MÓDULO 9: Inclusão em salas de aula	70
ANEXO 9A: Construindo um ambiente seguro e favorável para a criança	72
MÓDULO 10: Primeiros socorros psicossocial para o aluno e professor	74
ANEXO 10A: Definindo PSP	76
MÓDULO 11: Protecção da criança – Como referenciar um/a aluno/a	78
ANEXO 11A: Como referenciar um/a aluno/a	80
ANEXO 11B: Cenários para referenciação	82
MÓDULO 12: Violência baseada no género (VBG)	83
ANEXO 12A: Violência baseada no género (VBG)	88
ANEXO 12B: Propostas de actividades a desenvolver com as crianças na escola	92
MÓDULO 13: Violência contra a criança	99
ANEXO 13A: Tipos de violência contra crianças na escola	104
ANEXO 13B: Causas das situações de violência contra as crianças	106
ANEXO 13C: Fluxograma de denúncia, encaminhamento, resposta e assistência a vítima	108
ANEXO 13D: Princípios orientadores para resposta às situações de violência nas escolas (alunos/professores/direção/funcionários)	113
ANEXO 13E: Papel das escolas na prevenção e resposta a violência contra a criança	115
ANEXO 13F: Identificação e avaliação de factores de risco e factores de protecção	119
ANEXO 13G: Propostas de actividades para identificação, avaliação de risco e resposta às necessidades das crianças vítimas de violência nas escolas	125
ANEXO 13H: Mapa de ocorrências de casos de violência contra a criança/vbg nas escolas	144
MÓDULO 14: Higiene pessoal, saneamento e prevenção de transmissão de doenças	146
ANEXO 14A: Tipos de violência contra crianças na escola	149

MÓDULO 15: Envolvimento da comunidade	150
MÓDULO 16: Mapeamento dos riscos e oportunidades	153
ANEXO 16A: Criar um mapa de risco e oportunidades (actividade diurna)	155
MÓDULO 17: Educação para a paz	157
SECÇÃO 3: Sugestões de actividades	163
MÓDULO 18: Actividade de promoção de resiliência: Os 5 sentidos	163
MÓDULO 19: Actividade de promoção de resiliência: Desenhar os sentimentos	166
MÓDULO 20: Actividade de promoção de resiliência: expressão dramática, escrita e musical	169
MÓDULO 21: Actividade de gestão e resolução de conflitos: a girafa e a hiena	172
Anexo 21A: Actividade sobre comunicação não-violenta: a linguagem da girafa	174
Anexo 21B: Gerindo o comportamento na sala de aulas	176
MÓDULO 22: Actividade de promoção de diálogo: reunião da turma	178
ANEXO 22A: Partilhar os nossos sentimentos	182
MÓDULO 23: Actividade de gestão de stresse: diálogo positivo	184
ANEXO 23A: Gratidão e diálogo interno positivo	186
MÓDULO 24: Actividade de gestão de stresse: exercícios de relaxamento	188
ANEXO 24A: Formas de jogo	192
Benefícios psicossociais do jogo	192
APÊNDICE	194

Lista de Acrónimos

AP	Apoio Psicossocial
CAI	Centro de Acolhimento Integrado
DAT	Direcção de Assuntos Transversais
EeE	Educação em Situações de Emergência
INEE	Rede Interinstitucional para a Educação em situações de Emergência
INGC	Instituto Nacional da Gestão de Calamidades
IFP	Instituto de Formação de Professores
IPAJ	Instituto do Patrocínio e Assistência Jurídica
LFC	Luta, Fuga e Congelamento
LFC	Linha Fala Criança
MINEDH	Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano
ONG	Organização Não-Governamental
PSP	Primeiro Socorro Psicológico
RRD	Redução de Riscos de Desastres
SDSMAS	Serviços Distritais de Saúde, Mulher e Acção Social
SMAP	Saúde Mental e Apoio Psicossocial
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para as Crianças
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e Cultura
UP	Universidade Pedagógica
VCC	Violência Contra a Criança
VBG	Violência Baseada no Género
ZIP	Zona de Influência Pedagógica

Glossário

Agressão / abuso sexual: não é apenas quando há contacto físico ou relação sexual entre o perpetrador e vítima. Inclui também a utilização de insultos, mostrar imagens pornográficas, forçar a pessoa a despir-se ou despir-se em frente à vítima sem o seu consentimento.

Apoio Psicossocial (AP): “Processo facilitador da resiliência nos indivíduos, famílias e comunidades, respeitando a sua independência, dignidade e mecanismos de defesa. O AP promove a restauração da coesão social e de infraestruturas” (IFRC Reference Centre for Psychosocial Support, 2009^a, p.25.). O AP tem como objectivo ajudar à recuperação de indivíduos depois de uma crise que tenha interrompido as suas vidas, e reforçar a sua capacidade de recuperação e de regresso à normalidade depois de experimentar adversidades decorrentes dessa crise. AP refere-se às ações que respondam quer às necessidades sociais quer psicológicas de indivíduos, famílias e comunidades.
(Fonte: INEE (2016))

Educação em situações de Emergência (EeE): Conjunto de oportunidades de aprendizagem de qualidade, em particular às pessoas afetadas por situações de instabilidade, fragilidade e crise, em condições de segurança, incluindo desenvolvimento educativo pré-escolar, primário, secundário, não formal, técnico, vocacional, superior e de adultos (...), que deve providenciar protecção física, psicossocial e cognitiva que permita manter e salvar vidas humanas (Fonte: INEE (2010), “Requisitos Mínimos para a Educação”).

Emergência: Uma grave interrupção do funcionamento de uma sociedade, causando

grandes perdas humanas, materiais e ambientais, ultrapassando a capacidade das comunidade afectadas recuperarem do mesmo com os seus próprios recursos. Os desastres são habitualmente classificados em função da sua manifestação (repentina ou lenta) e ainda de acordo com a sua causa (natural ou provocada pelo ser humano)¹.

Género é um conjunto de características definidas pela sociedade. **Normas de Género** incluem atitudes sobre o que significa agir, falar, vestir e expressar-se como homem ou mulher. As crianças aprendem essas normas e expectativas à medida que crescem e isso influencia os papéis que desempenham. Eles absorvem as expectativas de género de muitas fontes, incluindo pais, amigos, professores e mídia. As normas de género podem mudar ao longo do tempo, das zonas geográficas e são criadas pelas próprias sociedades.

Perigo/Ameaça: Acontecimento que pode despoletar um desastre (e.x. Sismo, deslizamento de terras, cheias, erupções, tsunamis, secas)

Primeiro Socorro Psicológico (PSP): Assistência humanitária, solidária e prática a outros seres humanos que recentemente tenham sofrido em consequência de uma emergência e experienciado pesado stresse, medo, tristeza, pânico e perdas etc.

Resiliência infantil: Forma como as crianças conseguem enfrentar e lidar com situação difíceis, depende do seu ambiente, o padrão de riscos e factores de protecção, bem como os seus pontos fortes e capacidades pessoais.

Resiliência: A capacidade de “recuperar” ou retornar ao funcionamento anterior após uma emergência ou evento extremamente stressante. A resiliência é a capacidade de uma pessoa lidar com situações difíceis e continuar a viver a sua vida. Ao invés, significa que uma pessoa continua com a vida de uma maneira normal. O que significa “normal”? Significa ser uma pessoa funcional na sociedade e na sua vida pessoal.

Risco: Probabilidade de um desastre acontecer com um grupo de pessoas em particular – pode ser estimado em função da frequência, da severidade da ameaça, quando combinado com a vulnerabilidade e a capacidade das pessoas enfrentarem essa mesma ameaça.

Saúde Mental: Um estado de bem-estar no qual cada indivíduo reconhece o seu próprio potencial, consegue lidar com os desafios diários e as tensões normais da vida, trabalhar na maneira produtiva, construir amizades, sentir-se parte de uma família ou uma comunidade, ser capaz de contribuir para sua comunidade, sentir-se calmo, satisfeito, feliz etc.

Sexo são as diferenças biológicas entre homens e mulheres (sexo masculino e sexo feminino)

Stresse: Situações de tensão, nervosismo e pressão em que todas as pessoas enfrentam na vida. Um evento stressante pode afectar as pessoas por algum tempo, mas depois as mesmas são capazes de gerir e continuar com as nossas vidas.

Trauma: As experiências traumáticas geralmente decorrem de uma ameaça séria ou dano à vida ou ao bem-estar físico de um indivíduo e / ou uma séria ameaça ou dano à vida ou ao bem-estar físico do filho, esposa/a, pais ou amigos íntimos. Quando as pessoas experimentam um distúrbio nas suas necessidades psicológicas básicas (segurança, confiança, independência, poder, intimidade e estima), elas experienciam um trauma psicológico muito difícil de ultrapassar.

Violência baseada no Género (VBG) é qualquer acto que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual, psicológico ou sofrimento a alguém (de qualquer idade), com base nas expectativas e estereótipos de papéis de género. Está também associada à distribuição desigual de poder entre homens e mulheres². As causas de VBG são atribuídas a uma conjugação de factores culturais e sociais (valores, tradições, crenças, costumes, perpetuação de ciclos de violência familiar), ligadas à desigualdade cultural e sociais (ex: ideia que a mulher é inferior ao homem) e à impunidade face aos agressores; situações de VBG têm consequências emocionais, psicológicas, físicas, comportamentais, económicas e sociais, interferindo com a aprendizagem das crianças.

Vulnerabilidade: Susceptibilidade de pessoas e objetos serem afectados por uma determinada ameaça. A vulnerabilidade de uma determinada pessoa ou de grupo, depende da sua capacidade de antecipar, dar resposta, resistir e recuperar do impacto de uma ameaça.

Introdução

Em março e abril de 2019, Moçambique foi fustigado por dois ciclones (IDAI E KENNETH) num intervalo de tempo de apenas 5 semanas, o que causou muita devastação, danos humanos e materiais avultados, com registo de 650 mortes e eclosão de doenças como cólera e malária nas províncias de Sofala, Manica, Tete, Zambézia, Nampula e Cabo Delgado. Estima-se que um total de 1,5 milhão de pessoas esteja afectada. Eles perderam suas casas e / ou safras (culturas agrícolas), que são suas fonte de renda e subsistência. Os ciclones fortes causaram danos enormes em infraestruturas sociais e económicas, entre públicas e privadas, nomeadamente às telecomunicações, estradas, pontes, casas, edifícios governamentais, escolas, lares e internatos, hospitais, etc., e todos os materiais e equipamentos mantidos nesses edifícios estão perdidos, ou foram seriamente danificados.

Também o sector de educação sofreu seriamente desta força extraordinária da natureza com os serviços interrompidos, e infraestruturas parcialmente danificados ou totalmente destruídos como escolas num total de 1.380 e sendo escolas primárias (1.306), pré-escolas (31), escolas secundárias (26) e técnicas (11), universidades (3) e institutos de formação de professores (3), salas de aula de escolas (4.222), sanitários, blocos administrativos, casas de professores, centros internatos, etc. Foram afectados um total de 382.717 alunos e 9619 professores. E, embora gradualmente, a maioria das crianças e professores tenha retornado às suas escolas e salas de aula, o ensino e a aprendizagem tornaram-se difíceis nas áreas afectadas. Muitas escolas não têm cobertura, equipamento escolar ou materiais didáticos, pois foram danificados pelas tempestades ou varridos pelas inundações. Isso significa que os professores agora têm que ensinar sem livros didáticos e materiais didáticos para crianças.

Felizmente, a resposta do Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano, juntamente com vários parceiros, foi rápida; materiais básicos de ensino, aprendizagem e recreação e cobertura estão sendo fornecidos, e tendas ou espaços temporários de aprendizagem estão sendo estabelecidos para permitir a continuação das aulas. Não só o ciclone, mas também os efeitos a longo prazo do ciclone causaram muito stresse e trauma sob as crianças e os professores. Por isso, é necessário investir tempo e energia no apoio psicossocial a professores e alunos.

Por esse motivo, o Grupo de Coordenação da Educação em Emergência (EeE) desenvolveu um manual de treinamento para instrutores e professores, sobre Apoio Psicossocial, que pode ser usado para qualquer emergência. A abordagem prática e participativa, assim como os materiais, foram selecionados a partir de materiais já publicados e utilizados em Moçambique e noutros locais, por organizações como a Save the Children, a IsraAID, o Right to Play, a Streetchild e a UNESCO. Esses materiais foram selecionados pelo Grupo Técnico de Trabalho em Apoio Psicossocial estabelecido pelo Grupo de Coordenação da EeE (GCEeE), e facilitado pelo MINEDH e o Coordenador Nacional de Grupos de Coordenação da EeE contratado pela UNICEF. Após aprovação preliminar pelo Comité Técnico do MINEDH, os materiais, nomeadamente este Manual sobre Apoio Psicossocial, foram testados durante os treinamentos regionais e provinciais em agosto e outubro de 2019, e, de seguida, revisto. Outras organizações, tais como a ADPP e a Finn Church Aid contribuíram para este processo, apoiando o percurso de treinamento.

O ano de 2020 será lembrado por toda a comunidade mundial: a pandemia COVID 19

causou até à data (3-2-21) 102,1 milhões de casos notificados (18.642 em Moçambique) e mais de 2,2 milhões de mortes a nível mundial desde o início da pandemia, incluindo 415 mortes em Moçambique. O aumento de casos e óbitos fez com que o Governo reforçasse as medidas restritivas por um período de 21 dias. Até a data apenas o ensino superior e técnico/profissional foi reaberto junto com as classes terminais dos ciclos retomaram as aulas presenciais. As demais classes o MINEDH organizou a educação a distância através da TV, rádio, uso do livro do aluno e distribuição de fichas, é claro que a suspensão das aulas presenciais afecta muitas crianças em sua aprendizagem, já que nem todas as crianças têm ferramentas, meios e ambiente propício para aprender em casa. Ficar em casa também aumenta o risco de maus-tratos, abuso sexual e exploração de crianças. Além disso, no norte do país, um grupo de terroristas está causando morte, medo e um deslocamento de mais de 800.000 pessoas, das quais pelo menos 400.000 crianças. Mais recentemente, Moçambique novamente foi seriamente afetado pela tempestade tropical Chalane em dezembro de 2020 e pelo ciclone Eloise em janeiro de 2021 causando mais de 1000 salas de aula e 180.000 crianças.

A partir desses desastres naturais, a pandemia e o desastres causados pelos terroristas, devemos aprender uma lição importante, que é a necessidade de estarmos sempre preparados e aprender a partir das nossas experiências anteriores. O manual, portanto, também salienta a importância da preparação e promoção dos Planos Escolares de Redução de Riscos e a atenção contínua para uma gestão da sala de aula sempre com enfoque nas crianças. Isto permitirá construir a base para a nossa prontidão para responder a uma emergência, sempre no

sentido de proteger e ajudar as nossas crianças da melhor maneira que nos for possível. O apoio psicossocial é uma implicação automática destes princípios e um elemento integrado no nosso sistema da educação e não apenas uma reação a uma determinada calamidade. A continuidade da educação em situações de emergência é importante, para evitar que as crianças deixem de ir à escola por alguma razão, mas também porque dá às crianças e aos professores um sentido de normalidade e um refúgio seguro, onde crianças e professores podem se encontrar e trabalhar juntos, desfrutando de processos de aprendizagem, mesmo nestas circunstâncias difíceis. Construindo o respeito, aceitando ideias pensamentos diferentes de outras pessoas, acolhendo todos, incluindo crianças com deficiências, construindo resiliência e aprendendo a lidar com essas circunstâncias difíceis.... todos estes são elementos importantes que podemos oferecer através educação.

Esperamos que este manual de treinamento responda à necessidade de professores e crianças. Formadores, professores não estarão preparados para serem psicólogos profissionais, mas aprenderão e praticarão como ser melhores ouvintes, observadores e identificar com rapidez, quem precisará de mais apoio ou treinamento. Os formadores e professores estarão preparados para serem mais sensíveis às necessidades individuais das crianças e seus próprios colegas-professores, aprenderem a relaxar, tornarem-se mais preparados e resilientes a desastres e calamidades e aprenderem a ajudar e referenciar as crianças, oferecendo-lhes um ambiente seguro e adequado para crianças.

Um ambiente de aprendizagem, no qual aprendem a falar, expressam-se no brincar, nas artes e no diálogo com os professores. Eles aprenderão que não serão os únicos a sofrer, ou ficarão tristes, mas descobrirão ou estarão mais convencidos de que compartilhando sentimentos, estando próximos um do outro, chorando e rindo juntos e se sentindo intimamente ligados à escola, amigos, família e comunidade ajudará a superar, até mesmo as circunstâncias mais difíceis.

É o que sempre dizemos e sentimos quando estamos juntos em Moçambique: **“Estamos juntos”!**

Educação em emergência, requisitos mínimos e Apoio Psicossocial

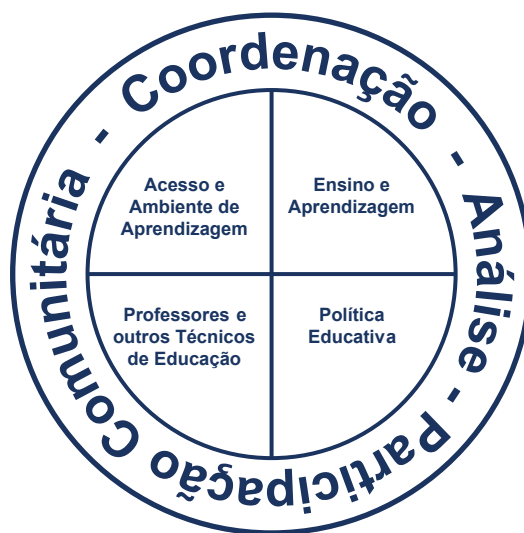
O acesso a uma educação de qualidade, relevante e em condições de segurança é um direito humano fundamental contemplado em vários documentos nacionais e internacionais de carácter normativo e legal. Desde a Declaração Universal dos Direitos Humanos, à Agenda de Desenvolvimento Sustentável 2030 e respectivos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável³, passando pela Declaração de Incheon e o seu Quadro de Acção⁴ relativa ao sector de educação.

Ainda assim, as calamidades, os desastres e consequentes situações de emergência ou crises prolongadas representam grandes obstáculos à concretização em pleno do Direito à Educação. De facto, o impacto das emergências sobre o sistema educativo pode representar a destruição das escolas, danos nas infraestruturas educativas, deslocação forçada de professores, pais e alunos/as, ou ainda a destruição de habitações e bens pessoais, entre outros.

O conceito de *Educação em Situações de Emergência* (EeE) surge, precisamente, para dar resposta às necessidades educativas próprias destes contextos e tem como propósito garantir, em particular às pessoas afetadas por situações de instabilidade, fragilidade e crise, o acesso à educação de qualidade, em condições de segurança. Em concreto, a EeE consiste no conjunto de oportunidades de aprendizagem de qualidade, incluindo desenvolvimento educativo pré-escolar, primário, secundário, não formal, técnico, vocacional, superior e de adultos (...) que deve providenciar protecção física, psicossocial e cognitiva que permita manter e salvar vidas humanas (Fonte: INEE (2010), “Requisitos Mínimos para a Educação”).

No sentido de assegurar uma resposta humanitária coordenada e de qualidade, indo ao encontro dos direitos e necessidades das populações afectadas por uma determinada situação de emergência, a Rede Interinstitucional para a Educação em Situações de Emergência (INEE) facilitou a concepção de um Manual com orientações para a intervenção no sector de Educação em todas as fases de emergência, nomeadamente: prevenção, resposta, recuperação e reconstrução.

O manual dos Requisitos Mínimos da rede INEE está organizado em cinco domínios. Em cada um destes domínios são listados requisitos obrigatórios para o acesso a uma educação de qualidade, bem como acções-chave e notas de orientação sobre como preparar e responder a uma situação de emergência aguda, de forma a reduzir os riscos, melhorar a preparação para o futuro e construir uma fundação sólida para uma educação de qualidade. Isto contribui para a construção de sistemas educativos mais fortes nas fases de reconstrução e desenvolvimento.



OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

Moçambique sofre em média 1,17 desastres de grande magnitude por ano e é visto como estando numa das três regiões mais expostas aos desastres naturais em África (INGC et al., 2003). A vulnerabilidade aos impactos dos eventos extremos resulta, em parte, i) da sua localização na foz de nove rios internacionais, ii) a existência de zonas áridas e semi-áridas no território nacional; iii) a longa extensão do território nacional localizado na zona de convergência inter-tropical sujeita a perdas e ganhos excessivos de humidade, iv) a extensa zona costeira que sofre a influência de ciclones tropicais e v) a existência de zonas sísmicas activas (PDRRD, 2017). A área de infraestruturas é a que tem sido recorrentemente afectada pelos impactos dos eventos climáticos extremos, sendo a educação um dos sectores mais afectados, podendo causar sofrimento humano, ferimentos, mortes nas comunidades escolares, destruição de salas de aulas, perda de material escolar, interrupção de aulas e paralisação de serviços essenciais como na educação para as comunidades, incluindo os alunos.

No âmbito de resposta aos ciclones **Idai** e **Kenneth**, que assolaram as províncias de Sofala, Manica, Zambézia, Nampula, Tete, Nampula e Cabo Delgado, o MINEDH através da Direcção de Assuntos Transversais (DAT), em coordenação com os parceiros ligados à resposta de Emergência tem desenvolvido várias actividades com vista ao aumento da resiliência do professor, aluno e das infraestruturas escolares em Moçambique.

Nesse contexto, a produção do manual para formadores e professores na área de apoio psicossocial visa essencialmente capacitar os pontos focais de emergência a nível provincial e distrital, bem como os coordenadores das ZIPs, formadores de IFPs e de UP (UniRevuma, UniLicungo, UniSave e UniPungue), directores das escolas e professores das províncias supracitadas, em matéria de Apoio Psicossocial.

No entanto, não se pretende com a formação proposta neste manual formar professores e professoras para serem profissionais de apoio psicossocial ou terapeutas de apoio psicológico. Ao usarem este manual, professores e professoras, serão capazes de facilitar processos educativos tendo em conta a dimensão de apoio psicossocial, na medida em que:

- Os beneficiários finais e os participantes activos quer do trabalho dos professores, quer do apoio psicossocial são as crianças, sendo este um grupo particularmente vulnerável.
- As crianças são particularmente vulneráveis em situações de “stresse tóxico”, sendo que estas situações podem ter um grande impacto na sua capacidade de aprender, crescer e se desenvolver. Para assegurar que as crianças das províncias afetadas por calamidades tenham acesso a oportunidades de tratamento, recuperação e aprendizagem, é fundamental que se garantam ambientes educativos estimulantes e seguros.

- Aliar o AP à educação é crucial porque as crianças que experienciam situações de stresse extremo podem apresentar sintomas de vários problemas psicossociais e de saúde mental, tais como regressão a comportamentos anteriores, ansiedade e alienamento. Sem uma integração efectiva no sector de educação, muitas das crianças afetadas pelas calamidades não teriam acesso a ambientes escolares protetores e educação de qualidade.
- A educação pode ser promovida com o apoio da comunidade, garantindo que a educação é segura, estimulante e que respondem aos indicadores básicos de protecção da criança, contribuindo assim para a sua saúde mental e desenvolvimento psicossocial.
- Promover a Saúde Mental e Apoio Psicossocial através da educação também garante a inclusão das crianças mais vulneráveis – incluindo crianças com deficiência – nas oportunidades educativas disponíveis. Além disso, permite que os professores desenvolvam competências essenciais para apoiar as crianças de forma mais eficaz, assim como lhes garante o apoio necessário a criar ambientes de aprendizagem seguros e onde todos e todas se sintam cuidados. Mais ainda, permite ao professor conhecer e encaminhar as crianças com mais necessidades para mecanismos de resposta ao nível do apoio psicossocial.

OBJECTIVO GERAL DA FORMAÇÃO

Capacitar os pontos focais de emergência a nível provincial e distrital, bem como os coordenadores das ZIP's, directores das escolas e professores das províncias supracitadas, formadores de IFPs e UP em matéria de Apoio Psicossocial.

Objectivos específicos

1. Recuperadas a autoestima e socialização por parte dos professores e alunos.
2. Promovida a comunicação aberta e saudável ao nível das escolas e comunidades.
3. Melhorada a resiliência e a segurança do professor, aluno e das infraestruturas antes, durante e pós-emergência.
4. Reforçadas as capacidades técnicas do sector de educação ao nível central, provincial e distrital (local) na implementação de acções antes, durante e pós-emergência.
5. Estimulados os professores e alunos a desenvolverem suas habilidades antes, durante e pós-emergência.

Resultados esperados

1. Recuperadas a autoestima e socialização por parte dos professores e alunos.
2. Promovida a comunicação aberta e saudável ao nível das escolas e comunidades.
3. Melhorada a resiliência e a segurança do professor, aluno e das infraestruturas antes, durante e pós-emergência.
4. Reforçadas as capacidades técnicas do sector de educação ao nível central, provincial e distrital (local) na implementação de acções antes, durante e pós-emergência.
5. Estimulados os professores e alunos a desenvolverem suas habilidades antes, durante e pós-emergência.

COMO TRABALHAR COM OS MÓDULOS?



Neste manual pode encontrar um conjunto de módulos sobre apoio psicossocial desenhados para professores, mas também para crianças. Os módulos estão divididos em três secções: 1) Definições e abordagens; 2) O papel do professor na promoção de Apoio Psicossocial; e 3) Sugestões de Actividades. Todos os módulos têm a mesma estrutura de abordagem que compreende: objectivos, metas de aprendizagem, descrição da actividade e proposta de avaliação de conhecimentos, habilidades e valores, atitudes.

Cada módulo tem diferentes actividades que visam a participação activa das crianças, professores ou formadores. No entanto, na secção 3) Sugestões de Actividades, podem ser encontradas algumas actividades específicas que envolvem a intervenção dos professores e alunos no desenvolvimento das suas habilidades usar brincar, arte etc., visando apoiar as crianças na construção de uma maior resiliência.

Princípios Metodológicos

Fora do período de emergência os formadores e professores são livres para trabalhar os módulos seguindo a ordem para fazer mais sentido tendo em conta o contexto e o grupo de participantes nas sessões, no entanto, faz sentido combinar sempre um pouco as definições e teorias sobre as abordagens de apoio psicossocial, na secção 1 - em particular quando os participantes ainda não têm formação, ou não estão ainda suficientemente treinados em apoio psicossocial - com outros módulos nas secções 2 e 3.

As crianças não precisam ser treinadas nos conteúdos da secção 1, ou isto é, definições e abordagens de AP. Os professores podem iniciar as actividades com crianças usando qualquer módulo das secções 2 e 3.

O diagrama abaixo apresenta uma sugestão do uso dos módulos tendo em conta os destinatários, mas também, a fase de emergência em que os módulos podem ser melhor utilizados. Por um lado, existem módulos mais adequados à fase de preparação, antes de um desastre acontecer. Por outro lado, há alguns que podem ser usados imediatamente depois de uma calamidade (na fase de resposta directa) e outros módulos que podem ser usados mais tarde na fase de recuperação. Relativamente aos destinatários, o diagrama também indica a quem os módulos se podem melhor adequar. Há módulos que especificamente são dirigidos a professores e formadores (assinalados com o símbolo ) e outros especificamente dirigidos a crianças (assinalados com o símbolo ) e, finalmente, módulos que se adequam a crianças e professores/formadores no mesmo tempo, desta forma com as devidas adaptações – descritas no próprio módulo.

ESBOÇO DOS MÓDULOS DIRIGIDOS A PROFESSORES E FORMADORES E CRIANÇAS

MÓDULOS	SECÇÃO	PREPARAÇÃO	RESPOSTA	RECUPERAÇÃO
Módulos 1 a 6	Teoria e Definições			
Módulos 7 e 8	Papel do professor			
Módulos 9 e 10				
Módulo 11			/	/
Módulo 12				
Módulo 13				
Módulo 14		/	/	/
Módulo 15				
Módulo 16		/	/	/
Módulo 17				
Módulo 18		Sugestões da actividades		/
Módulo 19			/	
Módulo 20			/	
Módulo 21	/		/	/
Módulo 22 e 23			/	/
Módulo 24			/	/

Os módulos estão desenhados para serem implementados em aulas ou treinamento de 90 minutos, para que possam ser usados sempre que um professor tiver um tempo livre na sua agenda. Os módulos também podem ser usados em oficinas das Zonas de Influência Pedagógica. Todos os módulos estão concebidos com o intuito de promover a aquisição de novos conhecimentos, bem como a mudança de práticas e comportamentos ou ainda a forma como se sentem ou se posicionam face a determinados aspetos da realidade em que vivem, ou seja, três dimensões do saber: saber ser, saber estar e saber fazer. Independentemente do módulo que o formador ou professor decidir explorar com o grupo de participantes há um conjunto de princípios que deve procurar garantir no decorrer das sessões, nomeadamente:

- A participação de todas as pessoas do grupo de participantes de forma livre e sem medo que os outros o julguem pela sua contribuição. Os participantes devem sentir-se livres para expressar ou não expressar abertamente as suas ideias, experiências e sentimentos, sem se sentirem julgados/as e sem ser posto em risco o seu bem-estar no grupo ou na comunidade. Para tal é fundamental estimular o respeito e a confiança no grupo. Para tal, o formador ou professores deve procurar intervir o mínimo possível e dar voz aos participantes.
- O processo de aprendizagem deve estar centrado nos participantes, quer procurando responder às suas necessidades, quer procurando estimular a sua reflexão, atitude, crítica e acção.

- O formador deve procurar usar métodos diferentes, tal como sugerido nos diferentes módulos, com o objectivo de desenvolver competências específicas, de forma integrada, combinando conhecimentos, habilidades e atitudes.

Importa ter em conta que a implementação dos módulos com diferentes perfis de participantes, quer sejam professores e outros actores educativos ou as crianças numa sala de aula ou outro ambiente de aprendizagem informal, não-formal ou formal, implica que o formador ou facilitador faça as devidas adaptações.

Esperamos que goste e considere interessantes os módulos seleccionados sobre apoio psicossocial. Estes módulos serão apresentados ao Conselho Técnico do MINEDH, testados nos treinamentos e posteriormente revistos com base nas recomendações de instrutores, professores e ONGs, e agências envolvidas na resposta e recuperação da emergência.

MÓDULO 1

SMAP

Saúde Mental e Apoio Psicossocial



MÓDULO 1

SMAP (Saúde Mental e Apoio Psicossocial)

Materiais necessários: Papel, canetas, quadro da sala da aula, ou flipchart e marcadores

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

No final da sessão, os participantes devem:

- Saber o que é SMAP;
- Demonstrar algumas habilidades na área de SMAP;
- Entender e aceitar a importância de SMAP.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Explicar o que é Bem-Estar, Saúde Física e Mental, Apoio Psicossocial, apoio emocional, apoio social, e apoio profissional e psicólogo e o que é SMAP (Saúde Mental e Apoio Psicossocial);
- Mencionar e demonstrar algumas actividades que fazem partes da SMAP;
- Entender as razões e necessidade de SMAP para algumas pessoas e em circunstâncias específicas (emergências) e entender quais características e qual o comportamento devem mostrar para ser bons formadores/professores nesta temática.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

Conversa/discussão em grupo

1. Os participantes sentam-se num grande círculo ou em grupos pequenos dependendo do número total. De seguida:

2. Perguntar aos participantes o que eles sabem sobre:

- a. Saúde
- b. Saúde física e Saúde mental (Bem-Estar) e as diferenças entre si

3. Apresentar algumas sugestões de definições:

- a. Definição da Saúde mental: Um estado de bem-estar no qual cada indivíduo reconhece o seu próprio potencial, consegue lidar com os desafios diários e as tensões normais da vida, trabalhar na maneira produtiva, construir amizades, sentir-se parte de uma família ou uma comunidade, ser capaz de contribuir para sua comunidade, sentir-se calmo, satisfeito, feliz etc.
- b. Definição de SMAP: O termo “Saúde Mental e Apoio Psicossocial” (SMAP) é, frequentemente, utilizado na literatura para descrever qualquer tipo de apoio local ou externo prestado com o objectivo proteger ou promover o bem-estar psicossocial e/ou prevenir ou tratar distúrbios mentais de pessoas em situações de crise (Inter-Agency Standing Committee [IASC], 2007). “Saúde Mental” e “Apoio Psicossocial” são termos interrelacionados que refletem abordagens diferentes, mas complementares. (Fonte: INEE (2016)⁵).

4. Explicar que não existe uma definição única de Bem-Estar ou Saúde Mental que se aplique a todas as pessoas, porque as pessoas são diferentes, tem sentimentos, objectivos pessoais e sonhos diferentes, entre outros, mas há alguns elementos comuns do bem-estar de todas as pessoas. Sabe quais são?

- a. As pessoas são diferentes. Por isso a lição importante a tirar é que deve se respeitar todas as pessoas, com todas as suas ideias e sentimentos;
- b. Quando uma pessoa está triste e precisa apoio, atenção, compreensão, etc.

5. Perguntar aos participantes se podem indicar os diferentes tipos de apoio a disponibilizar para qualquer pessoa numa situação de emergência e organizar estes tipos de apoio em:

- a. Apoio emocional
- b. Apoio da comunidade (rede social de amigos, família)
- c. Apoio profissional na área psicossocial

6. Explicar que as actividades na área de SMAP têm 3 objectivos:

- a. Prevenir as reacções psicológicas possivelmente graves;
- b. Fortalecer as relações entre os indivíduos e as famílias, os amigos, as comunidades ou a rede social;
- c. Trazer uma sensação de controlo onde havia desesperança, trauma, pânico ou sentimento de impotência.

AVALIAÇÃO:

Através de uma rápida conversa com os participantes ou perguntas individuais, verificar:

- **Conhecimento:** Os participantes aprenderam o que se pretendia transmitir nesta sessão (ver os resultados esperados)?
- **Habilidades:** Os participantes conseguem demonstrar algumas habilidades na prática de apoio emocional?
- **Valores/comportamento:** Os participantes já demonstram o entendimento, aceitação e o comportamento adequado para prestar apoio emocional, psicossocial e poderiam ser bons formadores/professores neste assunto?

MÓDULO 2

AP

Apoio Psicossocial



MÓDULO 2

AP (Apoio Psicossocial)

Materiais necessários: Papel, canetas, quadro na sala da aula, ou flipchart e marcadores

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

No final da sessão, os participantes devem:

- Saber o que é Apoio Psicossocial (AP);
- Demonstrar algumas habilidades na área de AP;
- Entender e aceitar a importância de AP.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Podem explicar o que é Apoio Psicossocial, apoio emocional, apoio social e apoio profissional e psicólogo;
- Podem mencionar e demonstrar algumas actividades que são partes do AP;
- Entender as razões e necessidade de AP para algumas pessoas e em circunstâncias específicas (emergências) e entender quais características, valores e qual comportamento devem mostrar para ser bons formadores/professores nesta temática.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

Conversa/discussão em grupo

1. Os participantes sentam-se num grande círculo ou em grupos pequenos dependendo do número total.
2. O bem-estar de uma pessoa depende da sua própria condição física e mental ou psicológica. Os participantes podem dar ou escrever exemplos de coisas, factores ou situações que afectam a condição física e a condição mental ou psicológica de uma pessoa.
 - a. Fazer uma lista de factores, situações etc. que afectam a condição física e mental/psicológica dum pessoa.
 - b. Discutir e rever as listas.
3. A identidade de uma pessoa conjuga, ao mesmo tempo as suas características individuais e as suas relações sociais.
 - a. É verdade, sim ou não? Todos os participantes podem mencionar uma característica típica de si mesmo e explicar as suas relações sociais enquanto elemento identitário. Podem ser relações boas ou maus, mas o importante é dar exemplos.

4. O que é Apoio Psicossocial (AP)? Explicação e definição

- a. *“Psico” – o estado psicológico de uma pessoa*
- b. *“Social” – o contexto social (a rede social, um grupo de amigos/as, a família, a escola, o clube desportivo, a comunidade, a sociedade, etc.*
- c. *“Psicossocial” – Conjugação de dois aspectos-chave na vida que determinam o bem-estar de uma pessoa. O termo “psicossocial” refere-se à relação dinâmica entre aspetos psicológicos relacionados com a experiência de cada pessoa (ou seja, pensamentos, emoções e comportamentos) e a sua experiência social mais ampla (ou seja, relacionamentos, família e redes comunitárias, valores sociais, e práticas culturais), em que uma influencia a outra (IFRC Reference Centre for Psychosocial Support, 2014; Psychosocial Working Group, 2005).*
- d. *O uso do termo “Apoio Psicossocial” (AP) baseia-se no princípio de que há uma combinação de factores responsáveis pelo bem-estar psicossocial das pessoas, e de que os aspectos biológicos, emocionais, espirituais, culturais, sociais, mentais e materiais da experiência não podem ser separados. Por isso, em vez de se concentrar exclusivamente nos aspectos físicos ou psicológicos da saúde e bem-estar, o AP enfatiza a totalidade da experiência das pessoas e salienta a necessidade de se analisarem estas questões no contexto das redes familiares e comunitárias em que ocorrem (Action for the Rights of Children [ARC], 2009).*
- e. **Apoio Psicossocial pode descrever-se como** *“um processo facilitador da resiliência nos indivíduos, famílias e comunidades, respeitando a sua independência, dignidade e mecanismos de defesa. O AP promove a restauração da coesão social e de infraestruturas” (IFRC Reference Centre for Psychosocial Support, 2009^a, p.25.). O AP tem como objectivo ajudar à recuperação de indivíduos depois de uma crise que tenha interrompido as suas vidas, e reforçar a sua capacidade de recuperação e de regresso à normalidade depois de experimentar adversidades decorrentes dessa crise. AP refere-se às acções que respondam quer às necessidades sociais quer psicológicas de indivíduos, famílias e comunidades. (Fonte: INEE (2016) “Documento de Referência da INEE sobre Apoio Psicossocial e Aprendizagem Social e Emocional de Crianças e Jovens em contextos de Emergência”)*

No módulo 1 falamos de:

- Apoio emocional
- Apoio da comunidade (rede social de amigos, família)
- Apoio profissional na área psicossocial

O processo de formação proposto neste manual concentra-se no: a) apoio emocional e b) apoio da comunidade. Deixamos o apoio profissional na área psicossocial entregue aos especialistas, mas como formadores e professores no sector da educação podemos aprender como oferecer apoio psicossocial aos nossos colegas, alunos, famílias, e comunidades, etc.

1. Falamos sobre valores e comportamentos/attitudes. Os participantes sabem quais são os valores ou comportamentos ou attitudes-chave para ser um bom facilitador ou professor na área de Apoio Psicossocial (AP)?

2. Discutir em torno desta pergunta (tendo por base o pressuposto de que não existem más ideias). Depois de uma pequena discussão, o formador e/ou professor pode explicar alguns princípios no trabalho de AP:

- a. Estar alinhado com e aplicar os Direitos Humanos (Consultar o Anexo 2A. sobre os 30 Direitos Humanos. Neste contexto, para o nosso trabalho os artigos mais importantes sobre os quais o grupo pode refletir são os 1º a 3º, 19º, 25º e 26º).
- b. Estimular sempre uma participação activa
- c. Respeitar todas as pessoas, independente das suas ideias, género, religião, características. Seguir o princípio humanitário de **Não Prejudicar**⁶.

AVALIAÇÃO:

Através de uma rápida conversa com os participantes ou perguntas individuais, verificar:

- **Conhecimento:** Os participantes aprenderam o que se pretendia transmitir nesta sessão (ver os resultados esperados)?
- **Habilidades:** Os participantes conseguem demonstrar algumas habilidades na prática de apoio emocional?
- **Valores/comportamento:** Os participantes já demonstram o entendimento, aceitação e o comportamento adequado para prestar apoio emocional, psicossocial e poderiam ser bons formadores/professores neste assunto?

ANEXO 2A

Declaração Universal dos Direitos Humanos⁷

Artigo 1º

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Artigo 2º

Todos os seres humanos podem invocar os direitos e as liberdades proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação.

Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania.

Artigo 3º

Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

Artigo 4º

Ninguém será mantido em escravatura ou em servidão; a escravatura e o trato dos escravos, sob todas as formas, são proibidos.

Artigo 5º

Ninguém será submetido a tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes.

Artigo 6º

Todos os indivíduos têm direito ao reconhecimento, em todos os lugares, da sua personalidade jurídica.

Artigo 7º

Todos são iguais perante a lei e, sem distinção, têm direito a igual protecção da lei. Todos têm direito a protecção igual contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação.

Artigo 8º

Toda a pessoa tem direito a recurso efectivo para as jurisdições nacionais competentes contra os actos que violem os direitos fundamentais reconhecidos pela Constituição ou pela lei.

Artigo 9º

Ninguém pode ser arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Artigo 10º

Toda a pessoa tem direito, em plena igualdade, a que a sua causa seja equitativa e publicamente julgada por um tribunal independente e imparcial que decida dos seus direitos e obrigações ou das razões de qualquer acusação em matéria penal que contra ela seja deduzida.

Artigo 11º

1. Toda a pessoa acusada de um acto delituoso presume-se inocente até que a sua culpabilidade fique legalmente provada no decurso de um processo público em que todas as garantias necessárias de defesa lhe sejam asseguradas.

2. Ninguém será condenado por acções ou omissões que, no momento da sua prática, não constituíam acto delituoso à face do direito interno ou internacional. Do mesmo modo, não será infligida pena mais grave do que a que era aplicável no momento em que o acto delituoso foi cometido.

Artigo 12º

Ninguém sofrerá intromissões arbitrárias na sua vida privada, na sua família, no seu domicílio ou na sua correspondência, nem ataques à sua honra e reputação. Contra tais intromissões ou ataques toda a pessoa tem direito a protecção da lei.

Artigo 13º

1. Toda a pessoa tem o direito de livremente circular e escolher a sua residência no interior de um Estado.
2. Toda a pessoa tem o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país.

Artigo 14º

1. Toda a pessoa sujeita a perseguição tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países.
2. Este direito não pode, porém, ser invocado no caso de processo realmente existente por crime de direito comum ou por actividades contrárias aos fins e aos princípios das Nações Unidas.

Artigo 15º

1. Todo o indivíduo tem direito a ter uma nacionalidade.
2. Ninguém pode ser arbitrariamente privado da sua nacionalidade nem do direito de mudar de nacionalidade.

Artigo 16º

1. A partir da idade núbil, o homem e a mulher têm o direito de casar e de constituir família, sem restrição alguma de raça, nacionalidade ou religião. Durante o casamento e na altura da sua dissolução, ambos têm direitos iguais.
2. O casamento não pode ser celebrado sem o livre e pleno consentimento dos futuros esposos.
3. A família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à protecção desta e do Estado.

Artigo 17º

1. Toda a pessoa, individual ou colectiva, tem direito à propriedade.
2. Ninguém pode ser arbitrariamente privado da sua propriedade.

Artigo 18º

Toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, assim como a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos.

Artigo 19º

Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e de expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por qualquer meio de expressão.

Artigo 20º

1. Toda a pessoa tem direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas.
2. Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação.

Artigo 21°

1. Toda a pessoa tem o direito de tomar parte na direcção dos negócios, públicos do seu país, quer directamente, quer por intermédio de representantes livremente escolhidos.
2. Toda a pessoa tem direito de acesso, em condições de igualdade, às funções públicas do seu país.
3. A vontade do povo é o fundamento da autoridade dos poderes públicos: e deve exprimir-se através de eleições honestas a realizar periodicamente por sufrágio universal e igual, com voto secreto ou segundo processo equivalente que salvaguarde a liberdade de voto.

Artigo 22°

Toda a pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social; e pode legitimamente exigir a satisfação dos direitos económicos, sociais e culturais indispensáveis, graças ao esforço nacional e à cooperação internacional, de harmonia com a organização e os recursos de cada país.

Artigo 23°

1. Toda a pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha do trabalho, a condições equitativas e satisfatórias de trabalho e à protecção contra o desemprego.
2. Todos têm direito, sem discriminação alguma, a salário igual por trabalho igual.
3. Quem trabalha tem direito a uma remuneração equitativa e satisfatória, que lhe permita e à sua família uma existência conforme com a dignidade humana, e completada, se possível, por todos os outros meios de protecção social.
4. Toda a pessoa tem o direito de fundar com outras pessoas sindicatos e de se filiar em sindicatos para defesa dos seus interesses.

Artigo 24°

Toda a pessoa tem direito ao repouso e aos lazeres, especialmente, a uma limitação razoável da duração do trabalho e as férias periódicas pagas.

Artigo 25°

1. Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade.
2. A maternidade e a infância têm direito a ajuda e a assistência especiais. Todas as crianças, nascidas dentro ou fora do matrimónio, gozam da mesma protecção social.

Artigo 26°

1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito.
2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do Homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das actividades das Nações Unidas para a manutenção da paz.
3. Aos pais pertence a prioridade do direito de escolher o género de educação a dar aos filhos.

Artigo 27º

1. Toda a pessoa tem o direito de tomar parte livremente na vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar no progresso científico e nos benefícios que deste resultam.
2. Todos têm direito à protecção dos interesses morais e materiais ligados a qualquer produção científica, literária ou artística da sua autoria.

Artigo 28º

Toda a pessoa tem direito a que reine, no plano social e no plano internacional, uma ordem capaz de tornar plenamente efectivos os direitos e as liberdades enunciadas na presente Declaração.

Artigo 29º

1. O indivíduo tem deveres para com a comunidade, fora da qual não é possível o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade.
2. No exercício deste direito e no gozo destas liberdades ninguém está sujeito senão às limitações estabelecidas pela lei com vista exclusivamente a promover o reconhecimento e o respeito dos direitos e liberdades dos outros e a fim de satisfazer as justas exigências da moral, da ordem pública e do bem-estar numa sociedade democrática.
3. Em caso algum estes direitos e liberdades poderão ser exercidos contrariamente e aos fins e aos princípios das Nações Unidas.

Artigo 30º

Nenhuma disposição da presente Declaração pode ser interpretada de maneira a envolver para qualquer Estado, agrupamento ou indivíduo o direito de se entregar a alguma actividade ou de praticar algum acto destinado a destruir os direitos e liberdades aqui enunciados.

MÓDULO 3

PSP

Primeiros Socorros Psicológicos



MÓDULO 3

PSP (Primeiros Socorros Psicológicos)

Materiais necessários: Papel, canetas, quadro na sala da aula, ou flipchart e marcadores

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

No final da sessão, os participantes devem:

- Saber o que é PSP e que é uma parte integrante do AP (Apoio Psicossocial);
- Demonstrar algumas habilidades na área de PSP;
- Entender e aceitar a importância de PSP.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Explicar o que é Apoio Psicossocial e PSP;
- Mencionar e demonstrar algumas actividades que são PSP;
- Entender as razões e a necessidade de PSP para algumas pessoas e em circunstâncias específicas (emergências) e entender quais princípios, valores e qual o comportamento devem demonstrar para apoiarem pessoas de forma adequada para serem bons formadores/professores nesta temática.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

Conversa/discussão em grupo

1. Os participantes sentam-se num grande círculo ou em grupos pequenos dependendo do número total. De seguida inicia-se a discussão tendo por base as seguintes perguntas: Assim como existe o Primeiro Socorro na área da Saúde física existe também o Primeiro Socorro para o nosso bem-estar ou Saúde mental ou psicológica. Os participantes podem explicar a diferença ou dizer quais são as actividades que podem ser feitas no âmbito dos PSP?

- a. Discutir a diferença entre AP e PSP.
- b. Fazer uma lista das actividades de PSP.
- c. Discutir e rever as listas.
- d. Comparar os resultados com o anexo 3A.

2. O que é o Primeiro Socorro Psicológico (PSP)? Explicação e definição

- a. *Os PSP correspondem à assistência humanitária, solidária e prática a outros seres humanos que recentemente tenham sofrido em consequência de uma emergência e experienciado pesado stresse, medo, tristeza, pânico e perdas etc.*

3. Perguntar aos participantes se eles sabem o que fazer e o que NÃO fazer enquanto PSP

- a. Discutir o que fazer e NÃO fazer enquanto PSP.
- b. Rever as listas e comparar com o anexo 3B.

c. *Abordagem e o princípio principal: A assistência não pode ser imposta às pessoas, mas sim organizada quando as pessoas pedem ajuda e estão prontas e dispostas a receber essa ajuda. Por isso um dos primeiros princípios para o formador ou professor será demonstrar a habilidade de OUVIR.*

4. Sabendo isto, os participantes podem adicionar mais princípios, actividades, comportamentos relativamente ao que fazer e NÃO fazer enquanto PSP?

a. Discutir ou escrever e logo apresentar os resultados e as opiniões manifestadas.

b. Rever as listas (fazer e NÃO fazer) e comparar com o anexo 3B.

5. Os participantes podem demonstrar, através de uma dramatização, uma situação em que uma pessoa dá e outra recebe ajuda (a vítima) numa situação da emergência. Os formadores/professores observam e comentam sobre o tipo de apoio, a abordagem, as palavras e a língua usada, o comportamento, entre outros, do profissional que está a disponibilizar a ajuda e as reacções das vítimas.

a. Organizar o grupo de participantes em grupos mais pequenos ou pares.

b. Apoiar a preparação das dramatizações.

c. Apresentação das situações dramatizadas.

d. Avaliação (sempre com um pendor positivo de forma a melhorar o entendimento sobre o que fazer ou NÃO fazer enquanto PSP).

AVALIAÇÃO:

Através de uma rápida conversa com os participantes ou perguntas individuais, verificar:

- **Conhecimento:** Os participantes aprenderam o que se pretendia transmitir nesta sessão (ver os resultados esperados)?
- **Habilidades:** Os participantes conseguem demonstrar algumas habilidades na prática de apoio emocional?
- **Valores/comportamento:** Os participantes já demonstram o entendimento, aceitação e o comportamento adequado para disponibilizar PSP e ser bons formadores/professores nesta temática?

ANEXO 3A

O que é PSP e o que não é PSP?

O QUE É PSP?	O QUE NÃO É PSP?
Avaliar as necessidades e preocupações da pessoa.	Não é algo que apenas profissionais podem fazer.
Ajudar as pessoas a responderem às suas necessidades básicas (comida, água).	Não é uma forma de aconselhamento Profissional.
Ouvir, mas não pressionar as pessoas a falar.	NÃO é “debriefing psicológico” (Ou seja, não se trata de uma discussão detalhada sobre o evento angustiante).
Confortar as pessoas e ajudá-las a sentirem-se calmas.	Não pede que as pessoas analisem o que Aconteceu ou ordenem cronologicamente os eventos.
Ajudar as pessoas a acederem a informações, serviços e apoio social.	
Proteger as pessoas mais afectadas.	

ANEXO 3B

Que fazer e o que não fazer enquanto disponibiliza primeiros socorros psicológicos

COMO AJUDAR AS PESSOAS A SENTIREM-SE CALMAS	O QUE NÃO DIZER E NÃO FAZER
Ouvir com os olhos, orelhas e coração, dando à pessoa toda a sua atenção.	Não pressionar alguém para contar a sua história.
Manter o contacto visual.	Não interromper ou apressar a história de alguém.
Ouvir com cuidado a preocupação da pessoa que está a partilhar, assim como com carinho e mostrando respeito.	Não dar a opinião sobre a situação da pessoa que está se está a ouvir.
Manter o tom de voz suave e calmo.	Não tocar na pessoa se não tiver certeza de que é apropriado fazê-lo.
Assegurar a(s) pessoa(s) que está/estão seguro(s) e de que você está lá para ajudar	Não julgar o que as pessoas fizeram ou não fizeram, ou como se estão a sentir. Não dizer: “Você não deveria se sentir assim” ou “Você deveria se sentir com sorte por ter sobrevivido”
Se alguém se sentir “fora da realidade”, ajude-os a estabelecer contato com eles mesmos (pousar os pés no chão, bater as mãos no colo)	
Entender o contexto. Observar as coisas ao seu redor.	
Focar na respiração e respirar lentamente.	

Outros princípios básicos de PSP

- Conhecer a importância de estabelecer uma relação com as pessoas como forma de apoio social e garantir os serviços disponíveis.
- Garantir que as pessoas saibam como aceder aos serviços (especialmente as pessoas vulneráveis, como crianças com deficiências, meninas e adolescentes, professores directamente afetados pela situação de crise).
- Manter as famílias juntas e as crianças com os seus pais ou encarregados de educação.
- Ajudar as pessoas a entrarem em contacto com amigos e membros da sua família.
- Facilitar o acesso ao apoio religioso (através da sua igreja ou mesquita, dependendo da ideologia religiosa de cada pessoa).
- As pessoas afetadas podem ajudar-se umas às outras, por isso promova a aproximação entre as pessoas com experiências semelhantes (apoio de pares).

MÓDULO 4

Stresse e trauma



MÓDULO 4

Stresse e trauma

Materiais necessários: Papel, canetas, quadro na sala da aula, ou flipchart e marcadores

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

No final da sessão, os participantes devem:

- Saber o que é stresse, trauma, possíveis reacções e resiliência;
- Demonstrar algumas possíveis reacções;
- Entender e aceitar que todas as pessoas são diferentes e podem reagir de maneira diferente ao stresse e ao trauma.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Explicar a diferença entre stresse e trauma e sabem mais sobre as diferentes reacções de diferentes tipos de pessoas;
- Reconhecer e demonstrar algumas reacções de adultos e crianças numa emergência ou situação stresse ou trauma e saber como fazer e apoiar as pessoas diferentes numa emergência;
- Entender a importância de reconhecimento das diferentes reacções de adultos e crianças no âmbito do AP.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

Conversa/discussão em grupo

- 1. Os participantes sentam-se num grande círculo ou em grupos pequenos dependendo do número total.**
- 2. Discutir com os participantes o que é stresse e trauma. Que exemplos os participantes podem dar ou escrever sobre stresse e trauma. Como é que as pessoas reagem ou o que fazem quando estão stressadas ou traumatizadas?**
 - a. Discutir a diferença entre stresse e trauma;
 - b. Discutir as possíveis causas de stresse e trauma;
 - c. Quais são os possíveis comportamentos ou reacções das pessoas stressadas ou traumatizadas?
 - d. Comparar com as definições apresentadas abaixo.

O que é Stresse? Definição: Tensão, nervosidade, pressão etc.

- a. *Todos nós temos enfrentados situações de stresse nas nossas vidas.*
- b. *Depois de um evento stressante, geralmente ficamos chateados por algum tempo, mas depois continuamos com nossas vidas com nada mais do que uma imagem e lembrança na memória.*

O que é Trauma? Eventos stressantes que não conseguimos esquecer ou negar facilmente. Pode levar anos a ultrapassar um trauma.

- a. *As experiências traumáticas geralmente decorrem de uma ameaça séria ou dano à vida ou ao bem-estar físico de um indivíduo e / ou uma séria ameaça ou dano à vida ou ao bem-estar físico do filho, esposa/a, pais ou amigos íntimos. Quando as pessoas experimentam um distúrbio nas suas necessidades psicológicas básicas (segurança, confiança, independência, poder, intimidade e estima), elas experienciam um trauma psicológico muito difícil de ultrapassar.*

Possíveis reacções (LFC)

1. *A resposta aguda ao stresse é uma reacção normal a um evento altamente stressante, tal como uma situação de emergência ou um desastre. Quando uma pessoa percepção a situação stressante como ameaçadora, além de sua capacidade de enfrentar, o corpo reage para garantir a sobrevivência de uma das três seguintes maneiras:*

a. Luta;

b. Fuga; ou

c. Congelamento.

2. **Existem diferentes estilos pelos quais as pessoas enfrentam as situações que vivenciam em emergências.**

a. Como podemos apoiar as pessoas tendo em conta as suas diferentes reacções?

b. Como podemos apoiar uma pessoa cuja reacção se manifesta ao nível, respetivamente, cognitivo, emocional e social?

c. Rever as respostas e comparar com as sugestões apresentadas abaixo.

EXEMPLO DE POSSÍVEIS MANIFESTAÇÕES DOS ESTILOS DE ENFRENTAMENTO:**> Cognitivo**

Desconfortável - Confusão, desorientação, preocupação, pensamentos e imagens intrusivos, auto-culpa, dificuldade de concentração, indiferença, desejo de evitar pensar em situações relacionadas com o evento.

Confortável - Determinação, percepção mais apurada, coragem, optimismo, fé.

> Emocional

Desconfortável - Choque, sofrimento, pesar, tristeza, medo, raiva, entorpecimento, irritabilidade, culpa e vergonha, medo, choro, stresse, sentimentos de incerteza, falta de disposição para falar sobre o que aconteceu e assim por diante.

Confortável - Sentir-se envolvido, desafiado, mobilizado.

> Social

Desconfortável - Isolamento extremo, conflito interpessoal, reclusão e solidão, maior necessidade de apoio do ambiente circundante, dependência de uma pessoa próxima e assim por diante

Confortável - Conectividade social, comportamentos altruístas.

3. Os participantes podem demonstrar, através de uma dramatização, estes diferentes estilos de enfrentamento. Os formadores/professores observam e comentam as dramatizações apresentadas e o tipo de reacção da vítima.

- a. Organizar o grupo de participantes em grupos mais pequenos ou pares.
- b. Apoiar a preparação das dramatizações.
- c. Apresentação das situações dramatizadas.
- d. Avaliação (sempre com um pendor positivo de forma a melhorar o entendimento sobre o que fazer ou não fazer enquanto PSP).

4. Como serão, foram ou poderiam ser as reacções das crianças numa situação de emergência?

- a. Discutir as possíveis reacções.
- b. Comparar com a lista apresentada abaixo

LISTA DE POSSÍVEIS REACÇÕES:

- A criança não quer ficar sozinha, não vai à escola, não permite que os pais trabalhem.
- A criança não come.
- A criança se sente envergonhada, culpada.
- A criança tem medo de cair no sonho, medo de pesadelos, medo de ficar sozinha no escuro.
- Dificuldades de concentração e em aprender, tédio, dificuldades de saber o que fazer.
- Dor física sem explicação fisiológica, queixas psicossomáticas, como: dor do estômago, dor da cabeça.
- Agressão física em relação a pessoas próximas a ele ou ela, comportamento criminoso, comportamento sexual agressivo.
- Decisões imprudentes tais como abandonar a escola.
- Mudanças súbitas e extremas nas relações pessoais e sistemas de apoio.
- Preocupações e medo que algo possa acontecer aos seus outros queridos (pais, família, amigos).
- Sentimentos de depressão, apatia, desamparo, longos silêncios, desengajamento

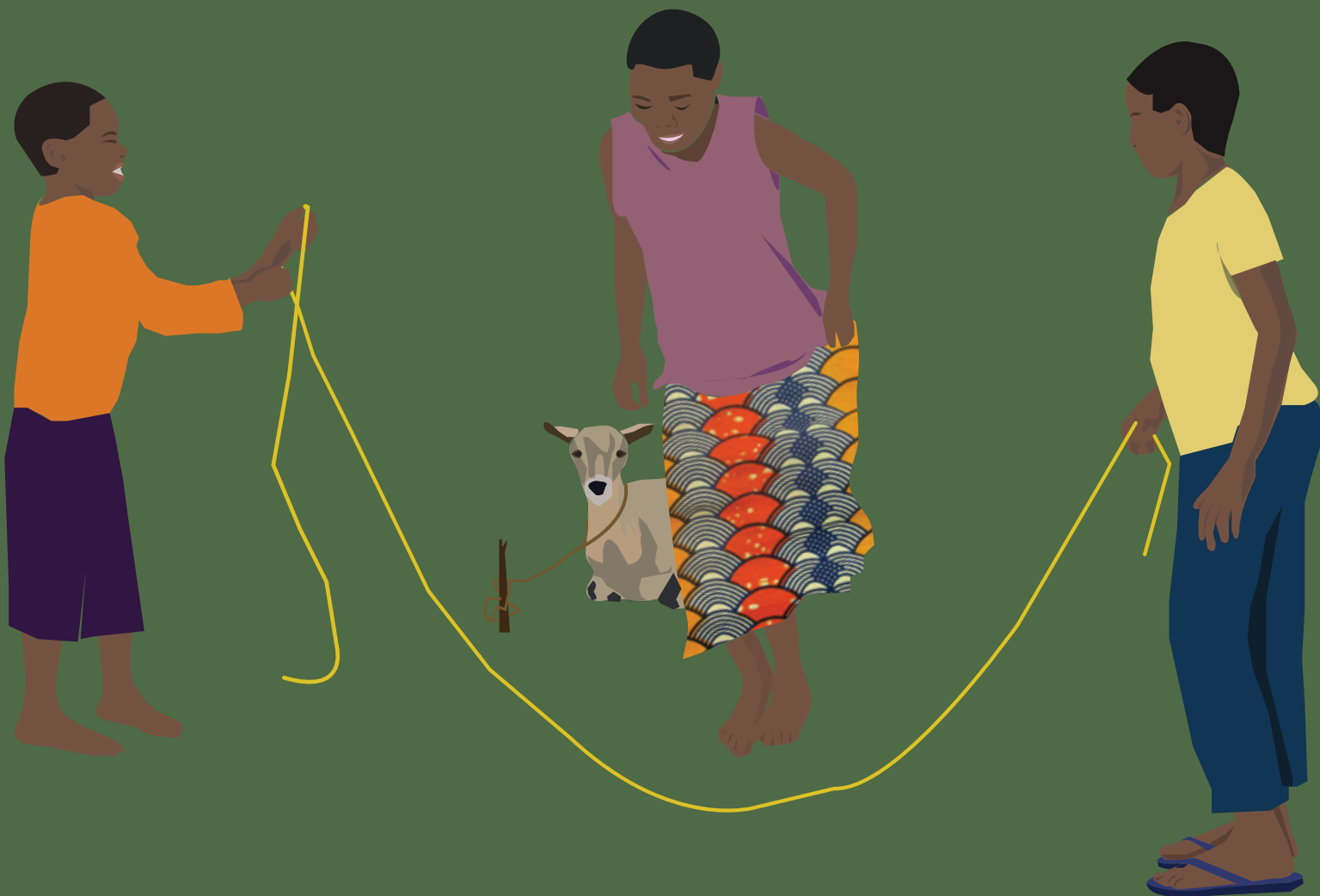
AVALIAÇÃO:

Através de uma rápida conversa com os participantes ou perguntas individuais, verificar:

- **Conhecimento:** Os participantes aprenderam o que se pretendia transmitir nesta sessão (ver os resultados esperados)?
- **Habilidades:** Os participantes conseguem demonstrar algumas habilidades na prática de apoio emocional?
- **Valores/comportamento:** Os participantes já demonstram um entendimento, aceitação e comportamento adequado para disponibilizar AP, independentemente do tipo de stresse ou trauma da pessoa?

MÓDULO 5

Como fortalecer a resiliência



MÓDULO 5

Como fortalecer a resiliência

Materiais necessários: Papel, canetas, quadro na sala da aula, ou flipchart e marcadores, bola, materiais desportivos, se for possível, ainda trazer instrumentos musicais, sabão, água, toalha

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

No final da sessão, os participantes devem:

- Saber o que é resiliência;
- Demonstrar alguns exemplos de como reforçar a resiliência de pessoas adultas e crianças;
- Entender que os formadores/ professores podem assumir um papel de líder, facilitador
- na área de AP.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Explicar o que é resiliência, quais podem ser as diferentes reacções das crianças e como estimular as reacções positivas nas crianças;
- Demonstrar actividades para estimular reacções positivas em situações de emergência e organizar actividades para grupos de crianças;
- Sentir empatia com qualquer reacção e reconhecer a importância das actividades-chave em situações de emergência.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

Conversa/discussão em grupo

- 1. Os participantes sentam-se num grande círculo ou em grupos pequenos dependendo do número total.**
- 2. Discutir com os participantes o que é resiliência. Que exemplos os participantes podem dar ou escrever sobre sinais de resiliência já mostrada por adultos e crianças:**
 - a. Discutir sobre o que é resiliência
 - b. Discutir sobre como que reforçar ou desenvolver a resiliência das pessoas adultas e crianças.
 - c. Comparar com a definição e descrição apresentada abaixo.

O QUE É RESILIÊNCIA? (SER CAPAZ ULTRAPASSAR, RECUPERAR E VOLTAR A VIDA NORMAL)

Resiliência é a capacidade de “recuperar” ou retornar ao funcionamento anterior após uma emergência ou evento extremamente stressante. A resiliência é a capacidade de uma pessoa lidar com situações difíceis e continuar a viver a sua vida. Isso não significa que uma pessoa “esqueça” experiências difíceis. Ao invés, significa que uma pessoa continua com a vida de uma maneira normal. O que significa “normal”? Significa ser uma pessoa funcional na sociedade e na sua

4. Como podemos apoiar as pessoas adultas a desenvolverem ou reforçar a sua resiliência e como fazer as crianças se sentirem protegidas e calmas nas suas escolas numa situação de emergência?

- a. Discutir ou escrever sobre as suas opiniões dos participantes relativamente à pergunta anterior.
- b. Comparar com a lista e outra informação apresentação abaixo.

O processo de desenvolver ou reforçar a resiliência de todas as pessoas (adultos e crianças) é um processo longo que requer tempo e paciência. Aqui estão algumas mudanças que os professores podem promover e que os pais gostariam de ver numa sala de aula ou escola para que sejam um lugar de segurança, paz e amizade. Ambos meninas e meninos:

- *se sentem bem-vindos, confortáveis e seguros;*
- *aprendem a fazer perguntas;*
- *aprendem através de actividades participativas, interactivas e cooperativas;*
- *se maravilham e aprendem brincando e fazendo;*
- *se ajudam mutuamente;*
- *encontram esperança e valorizam o sentido da vida;*
- *conhecem seus direitos e responsabilidades;*
- *adoram ir à escola;*
- *libertam energia e tensão e reduzem o nível de stresse;*
- *vêem o/a professor/a como seu grande apoio ou pessoa amiga;*
- *aprendem com os seus erros e com os erros dos outros;*
- *aprendem a construir a paz e a encontrar a paz interior;*

vida pessoal. Por exemplo, ser capaz de desenvolver ou manter relacionamentos significativos com os membros da família, amigos e a comunidade.

RESILIÊNCIA INFANTIL

A forma como as crianças conseguem enfrentar e lidar com situação difíceis, depende do seu ambiente, o padrão de riscos e factores de protecção, bem como os seus pontos fortes e capacidades pessoais.

- 4. Os participantes podem explicar e demonstrar como realizar estes tipos na sala de aulas e escolas tranquilas. Podem representar estes tipos de salas da aula ou escolas através de uma dramatização?**
Os formadores/professores observam e fazem comentários sobre as dramatizações apresentadas.
- a. Organizar o grupo de participantes em grupos mais pequenos ou pares.
 - b. Apoiar a preparação das dramatizações.
 - c. Apresentação das situações dramatizadas.
 - d. Avaliação (sempre com um pendor positivo de forma a melhorar o entendimento sobre este tipo de salas de aula e escolas amigas e pacíficas).
- 5. Os participantes podem discutir que outras actividades podem apoiar na escola e nas comunidades para as pessoas (adultos e crianças) que sofrem as consequências da emergência e que possam estar tristes, inactivas e desesperadas.**
- a. Discutir ou escrever as opiniões dos participantes.
 - b. Comparar com a lista apresentada abaixo. Também ver os 2 anexos: Anexo 5A, Anexo 5B.

POSSÍVEIS ACTIVIDADES

- a. Monitorizar os sentimentos dos alunos
- b. Exercícios de relaxamento
- c. Falar sobre o que aconteceu
- d. Envolver os pais na conversa sobre o que aconteceu e como eles podem apoiar os seus filhos
- e. Praticar desporto
- f. Fazer música (canta, dança, tocar instrumentos musicais)
- g. Desenhar os sentimentos
- h. Actividades artísticas
- i. Ler e contar histórias
- j. Higiene e saneamento
- k. Educação moral

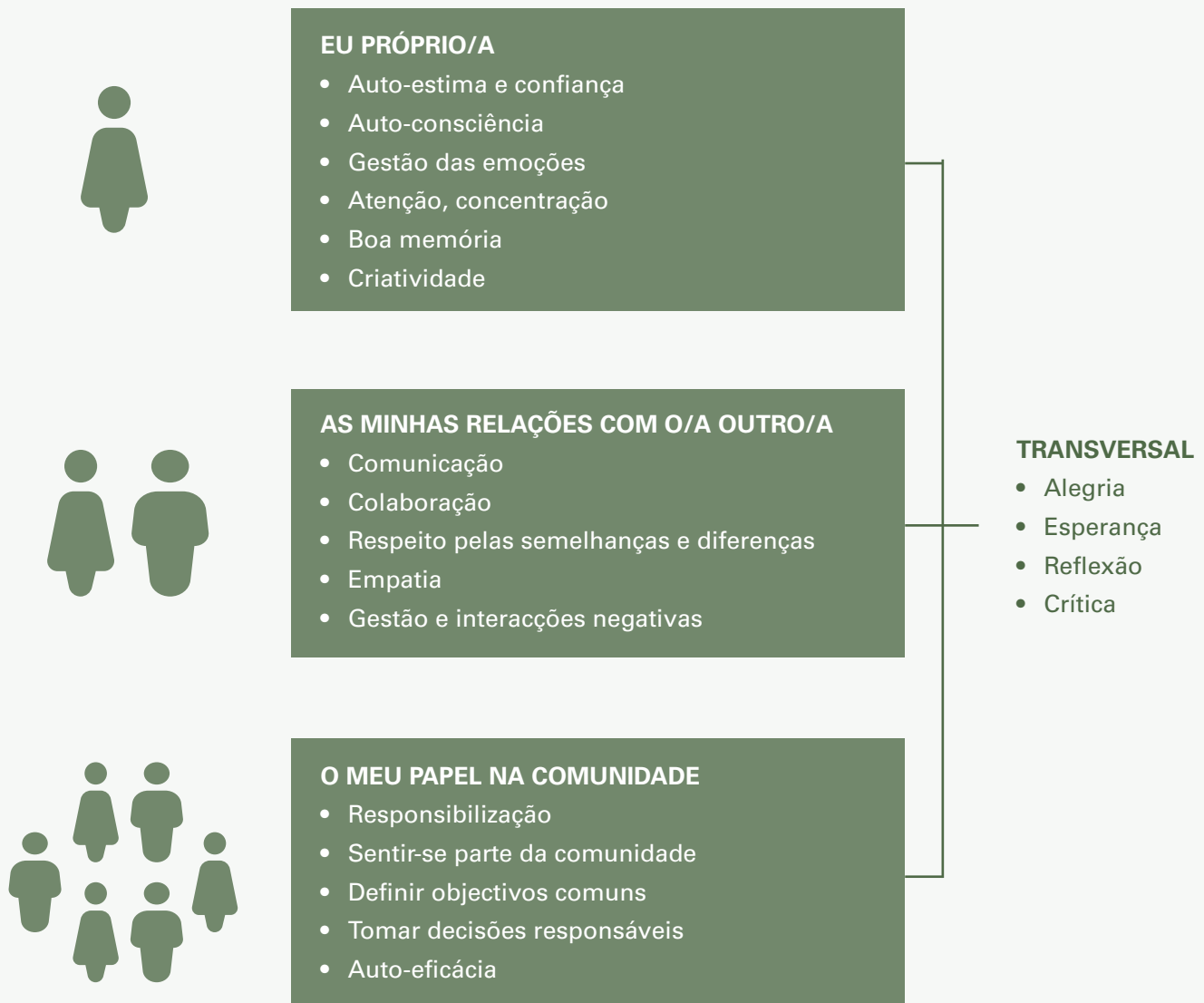
AVALIAÇÃO:

Através de uma rápida conversa com os participantes ou perguntas individuais, verificar:

- **Conhecimento:** Os participantes aprenderam o que se pretendia transmitir nesta sessão? (ver os resultados esperados)
- **Habilidades:** Os participantes conseguem demonstrar como estimular reacções positivas em situações de emergência e organizar actividades para os grupos das crianças que ajudam, no sentido de reforçar a resiliência?
- **Valores/comportamento:** Os participantes já demonstram um entendimento dos valores importantes no trabalho de reforço da resiliência, tais como respeito, trabalho conjunto, paciência, empatia, etc.?

ANEXO 5A

Diferentes estilos de enfrentamento



Ver o Módulo 6 e a pirâmide de Apoio Psicossocial. Como explicado, no contexto deste manual, trabalhamos em três níveis dessa pirâmide: 1) Serviços básicos e segurança; 2) Apoio da comunidade e da família; e 3) Apoio não-especializado. Quando comparamos esta pirâmide de AP com o modelo apresentado acima, não se encontram muitas diferenças.

Ou seja, para ser feliz, se sentir satisfeita na vida, uma pessoa precisa ter um equilíbrio entre:

- 1. Dimensão Individual - eu própria/o** (auto-estima, consciência, gestão das emoções, atenção, concentração, auto-confiança, criatividade, capacidade, etc.);
- 2. As suas relações com os outros** (comunicação, colaboração, respeito para semelhanças e diferenças entre pessoas, empatia, gestão das emoções negativas);
- 3. O papel (positivo) na comunidade** (responsabilização, sentir-se parte da comunidade, ter objectivos comuns, tomar decisões responsáveis, eficácia).

Para enfrentar e ultrapassar os desafios e as condições difíceis de uma emergência, os formadores de AP e os professores tem que reflectir sempre sobre estes 3 aspectos da vida. O apoio prestado tem que oferecer actividades que permitam desenvolver, ou reforçar todas estas relações (pessoais, sociais e com a comunidade ou família). Todas as actividades listadas como AP no Módulo 5 respondem a estes requisitos:

- *Praticar desporto*
- *Fazer música (canta, dança, instrumentos musicais)*
- *Desenhar*
- *Ler e contar histórias*
- *Higiene e saneamento*
- *Ensino moral*

ANEXO 5B

Actividades sugeridas e seus possíveis benefícios psicossociais para as crianças

> PRATICAR DESPORTO

Todas as crianças devem estar envolvidas regularmente em diferentes tipos de desportos. As actividades físicas oferecem às crianças a oportunidade de gastar energia, desenvolver-se fisicamente e aprender formas positivas de interacção social. Esses desportos podem incluir:

- Futebol
- Saltar à corda
- Corridas
- Salto em comprimento
- Jogos locais

COMO?

- Organize ou peça às crianças mais velhas para organizar e treinar vários desportos diferentes. Se não tiver o material adequado, os tipos “certos” de bolas, improvise ou use alguns materiais feitos por crianças mais velhas e pais.
- Seja criativo! O futebol é um excelente desporto. Promova e organize muitos outros. Tente saltar à corda, fugir da bola, corridas ou salto em altura e em comprimento.
- Certifique-se de que as meninas têm tantas oportunidades quanto os meninos na prática de desporto e que se envolvem equitativamente em exercícios vigorosos. Aproveite as oportunidades desportivas para monitorizar o nível de bem-estar e sofrimento das crianças
- Os formadores de AP e outros líderes desportivos da comunidade devem prestar atenção às alterações de humor e comportamento das crianças de maneira a informar o psicólogo se virem intimidação, raiva, impaciência, vingança, etc. ou se, por exemplo, as crianças não se juntarem ao grupo.
- Organizar desportos entre crianças com as necessidades especiais (vítimas de abuso, órfãos, crianças com deficiência), crianças em idade escolar e crianças da comunidade. Esta é uma ótima maneira de promover a integração e ampliar as oportunidades psicossociais para crianças fora da escola que, de outra forma não teriam essas oportunidades.
- Os desportos promovem a normalização da vida das crianças e, em certa medida, ajudam-nos a recuperar alguma resiliência, porque estão familiarizados com ela. Algo que viram e participaram ou quiseram participar antes da emergência, mas que não terá sido oportuno.

BENEFÍCIOS PSICOSSOCIAIS

A prática de desporto:

- Ajuda a liberar energia e tensão e reduzir o nível de stresse.
- Desvia a mente das crianças daquilo que as incomoda, oferecendo às crianças mais afectadas, o alívio de pensamentos e imagens intrusivas.
- Promove o prazer e traz diversão para as vidas das crianças.
- Ajuda a promover a auto-estima e um sentimento de orgulho.
- Promove a socialização com os pares, cooperação na comunidade e apoio mútuo.

OS BENEFÍCIOS PSICOSSOCIAIS DO JOGO

- A actividade física permite que as crianças libertem energia, o que os ajuda a relaxar e acalmar;
- As actividades recreativas organizadas criam uma sensação de segurança, normalidade e estabilidade;
- Permite que as crianças controlem o seu ambiente;
- Pode promover o sentimento de pertença e permitir que as crianças trabalhem juntas; tarefas colaborativas convidam as crianças a trabalhar as diferenças;
- Pode promover uma sensação de competência (por exemplo, dominar uma habilidade ou criar uma obra de arte);
- Pode permitir que as crianças se concentrem no presente. Por um lado, a actividade física pode permitir às crianças um período de relaxamento e de desgaste de energia, durante o qual elas não estão a pensar na sua perda. Por outro lado, o tempo e espaço para jogar pode permitir que as
- crianças repetem eventos. Ao expulsarem os seus próprios sentimentos e sonhos, as crianças podem ser

- apoiadas a chegar a um compromisso com elas mesmas e alcançar uma sensação de controle;
- Permite que as crianças expressem emoções verbalmente ou não verbalmente. As actividades criativas também podem servir como um trampolim para a verbalização. Eles podem ajudar as crianças a identificarem os seus sentimentos e a encontrar as palavras para descrever as suas experiências;
 - Ajuda as crianças a superarem a dor emocional e recuperar o controlo sobre as suas vidas;
 - Os desafios criativos levam as crianças a expandirem os seus modos de pensar e de resolver problemas. Lentamente, isso pode mudar a forma como eles pensam sobre sua própria situação e incentivar a gestão saudável de riscos;
 - Pode restaurar uma sensação de auto-identificação, valor pessoal, e auto-confiança ou auto-estima;
 - Pode ajudar as crianças a dar sentido ao que lhes aconteceu;
 - Desportos, arte, jogos, música e dança podem ajudar as crianças a recuperar sua criatividade e prazer o jogo é uma forma segura para as crianças desenvolverem habilidades adaptativas de vida que apoiam o seu bem-estar psicossocial. Através de brincar, as crianças desenvolvem competências cognitivas, sociais, emocionais e físicas.

> MÚSICA (CANTO, DANÇA E INSTRUMENTOS MUSICAIS)

- Esta é uma actividade interessante para as crianças que gostam de cantar em suas línguas locais e dançar essas mesmas músicas. O professor (ou o formador de AP) pode, com muita frequência, envolver um talentoso músico da comunidade para se juntar às crianças.

COMO?

- Tente usar músicas tradicionais ou músicas que sejam familiares para as crianças.
- Além de ter crianças a cantar músicas familiares, encoraje os alunos mais velhos a criar novas melodias e letras. É comum que as crianças que passaram por situações de emergência fiquem ansiosas para “cantar” as suas tristezas, provações e tribulações.
- Envolver as pessoas da comunidade que são boas em expressão musical para participarem e fazer as crianças felizes durante o maior período de tempo possível.

BENEFÍCIOS PSICOSOCIAIS

- A música pode acalmar, capacitar, energizar e trazer alegria para a criança stressada ou traumatizada.
- A música e a dança podem ajudar as crianças a entrarem em contacto com emoções poderosas sem precisarem verbalizá-las.
- Canções e danças tradicionais proporcionam uma sensação de familiaridade, continuidade e estabilidade na vida agitada das crianças.
- Criar novas músicas que tenham relevância para sua situação, ajuda as crianças a sentirem que o seu sofrimento é ouvido e ajuda algumas a processar algumas das suas experiências.
- Cantar e dançar ajuda na diminuição da tensão e dos níveis de stresse.
- Música e dança promovem a comunicação não-verbal, que pode ser particularmente benéfica para crianças que estão longe das suas famílias.
- Música e dança criam e sustentam a ligação com os pais e com a comunidade em geral.

> DESENHO / BLOCO DE CONSTRUÇÃO

A maioria das crianças gosta de desenhar. Dê às crianças de qualquer idade um pedaço de papel e alguns lápis, e eles começarão a desenhar. Alguns ficarão profundamente absorvidos no seu desenho. Outros serão vistos como que “presos”, com o lápis no ar, aparentemente à procura de inspiração. O professor (ou o facilitador do AP) tomará este exercício como uma oportunidade para identificar crianças com problemas e outras crianças com factores de risco para que possam ser referenciadas aos assistentes sociais e encaminhadas para outros mecanismos de protecção da criança, caso seja necessário.

COMO?

- Envolver as crianças de qualquer idade, disponibilizando um papel e lápis para desenhar.
- Depois de começarem e enquanto as crianças desenhavam, é bom circular no grupo e fazer perguntas simples e positivas. As crianças sentem-se assim reconhecidas e sentem que o seu “trabalho” é importante.
- Exemplos de perguntas simples: “O que é isso? Quem é este? Já viu alguma dessas coisas? Isso parece divertido, isso parece maravilhoso! Já tentaste alguma vez?”
- Enquanto formador de AP ou professor, por favor não julgue o desenho pela sua qualidade artística no momento da avaliação.

BENEFÍCIOS PSICOSSOCIAIS

- Através do desenho, as crianças comunicam experiências e sentimentos que são difíceis para elas verbalizarem.
- O desenho ajuda as crianças a compreender, a se distanciarem e, eventualmente, controlar os eventos, pensamentos e emoções ocultas que a criança ainda não havia reconhecido ou que não conhecia antes.
- Como o desenho ajuda a revelar pensamentos e sentimentos até aí no subconsciente, isto pode ajudar as crianças a dar sentido aos eventos, o que é um factor de resiliência.
- O desenho pode trazer uma sensação de realização e orgulho, na medida em que é uma criação sua e a criança pode sentir-se valorizada pelos outros.

> CONTAR HISTÓRIAS

Contar histórias, bem como outras actividades extracurriculares, pode fazer parte das actividades que promovem uma maior resiliência. As crianças mais novas, em particular, gostam de contar histórias. Os professores (ou facilitadores de AP) devem liderar a sessão contando histórias às crianças em línguas locais ou em língua portuguesa. Além disso, habitualmente as histórias têm uma moral e lições educativas.

COMO?

- As crianças podem estar sentadas em círculo, e o contador de histórias lê ou conta uma história, mimando essa história, mudando o tom de voz ou expressando emoções diferentes dos personagens.
- O professor pode contar histórias tradicionais, algumas divertidas, cheias de aventura ou de vidas felizes de crianças. Ele/ela pode apresentar histórias que se pareçam, em parte, com o que as crianças passaram. O final deve ser sempre feliz.

- Envolver as crianças muito jovens em mimar a história com o/a contador.
- O professor pode contar histórias de ficção semelhantes à situação desafiadora vivida pela comunidade e mostrar às crianças como podem trabalhar a resiliência nessas situações.

BENEFÍCIOS PSICOSSOCIAIS

- Dependendo da escolha das histórias a contar, o professor/a pode fazer com que as crianças se sintam mais seguras e esperançosas, especialmente quando é capaz de resolver problemas difíceis e encontrar boas soluções para situações difíceis.
- As crianças podem se identificar com as personagens e isso faz com que elas se sintam mais fortes ou menos sozinhas.
- Quando as crianças são convidadas a criar uma história ou fazer comentários e mudar alguma coisa numa determinada personagem ou evento, isso ajuda a expressar as suas próprias ideias e emoções.
- As crianças podem construir resiliência através de uma personagem.

> HIGIENE E SANEAMENTO

Uma das formas mais eficazes de proteger as crianças contra uma doença é a promoção de uma boa higiene pessoal. Esta é uma prática apropriada à preservação da saúde e à prevenção de doenças, especialmente através da limpeza. Os profissionais de Água, Saneamento e Higiene (ASH) devem apoiar os professores (ou facilitadores de AP) nesta actividade com as crianças.

COMO?

- As crianças devem aprender sempre sobre a necessidade e a importância de lavar as mãos antes e depois de comer, ou depois de ir à casa de banho, latrina e/ou balneário.
- Os profissionais devem priorizar a higiene pessoal das meninas, especialmente a higiene íntima e menstrual.
- Outros hábitos importantes incluem: escovar regularmente os dentes, tomar banho com sabão, cortar as unhas, farpas de cabelo, lavagem de panos etc.

BENEFÍCIOS PSICOSSOCIAIS

- Além do benefício para a saúde, a boa higiene faz que as crianças se sintam orgulhosas de si mesmas.
- Ajuda-as a terem gosto em manter a sua higiene pessoal ao longo do seu processo de crescimento.
- Melhora a auto-estima.
- Estimula os sentimentos de alegria, felicidade e satisfação.
- As crianças são sempre valorizadas por outras pessoas quando mantém a sua higiene pessoal.

> EDUCAÇÃO MORAL

Toda comunidade deseja promover a sua cultura e os seus valores mesmo quando uma situação de crise atrapalha as normas e os valores da sociedade. Os professores (ou facilitadores de AP) devem seguir estritamente os padrões adoptados pela comunidade afectada. Um padrão corresponde a uma regra que especifica algo que deve ou não ser feito. Isto é importante porque irá apoiar a criança a ser capaz de diferenciar o certo do errado. Esta é uma abordagem de apoio psicossocial para combater e prevenir abusos e comportamentos não-approvado pela comunidade.

COMO?

- Todo indicador moral identificado e acordado na comunidade deve ser ensinado e representado.
- As crianças devem ser ensinadas que a desonestidade e a trapaça estão erradas e têm más consequências no futuro.
- Os professores (ou facilitadores de AP) devem demonstrar amor incondicional às crianças, pois isso evitará situações de violência ou crueldade.
- Promover o respeito por todas as pessoas, respeitando as diferentes religiões, tribos, culturas, identidades de género, pensamentos, etc.
- Professores ou facilitadores de AP devem permitir que as crianças entendam que, para alcançar um objectivo comum, é necessário que todos trabalhem em conjunto. Por exemplo, a limpeza é um objectivo comum da família e deve ter a participação de todas as crianças.
- Todas as culturas e religiões ensinam o respeito e perdão e previnem a violência, luta, agressão, raiva etc., desde que as crianças aprendam esse valor.

BENEFÍCIOS PSICOSSOCIAIS

- A educação moral preparará as crianças para serem melhores mães e pais e cidadãos na comunidade.
- O triste facto é que há muita violência no mundo e para combatê-la e preveni-la, é benéfico para a paz, que o respeito e o perdão sejam ensinados e/ou demonstrados nas salas da aula.
- Aumenta a auto-eficácia das crianças e combate as más influências da sociedade.
- A educação moral influencia o bem-estar social de crianças e pessoas adultas.
- Ajuda a fortalecer o valor das vidas humanas.

MÓDULO 6

Abordagens de Saúde Mental e Apoio Psicossocial



MÓDULO 6

Abordagens de Saúde Mental e Apoio Psicossocial

Materiais necessários: Papel, canetas, quadro na sala da aula, ou flipchart e marcadores, instrumentos musicais (caso estejam disponíveis ou possam ser trazidos para a sessão)

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

No final da sessão, os participantes devem:

- Conhecer as abordagens de SMAP (Saúde Mental e Apoio Psicossocial);
- Demonstrar alguns estilos de enfrentamento positivo numa situação de emergência;
- Entender e aceitar a importância de trabalhar em múltiplos níveis da SMAP: sensorial, emocional, perceptivo, cognitivo e simbólico, conforme a necessidade.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Explicar quais são os elementos e a pirâmide de SMAP: os serviços básicos e segurança, apoio da comunidade, apoio não-especializado, apoio especializado.
- Mencionar e demonstrar algumas actividades de SMAP.
- Reconhecer e demonstrar diferentes estilos de enfrentamento positivo numa situação de emergência.
- Entender a importância e necessidade de habilidades diferentes de enfrentamento positivo e respeitar as pessoas que são capazes ou não de lidar com a situação de emergência e usar estilos diferentes de enfrentamento.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

Conversa/discussão em grupo

- 1. Os participantes sentam-se num grande círculo ou em grupos pequenos dependendo do número total.**
- 2. Discutir com os participantes sobre o AP ou SMAP especializado e não-especializado. Que exemplos os participantes podem dar ou escrever sobre estes serviços especializados e não-especializados de AP ou SMAP?**
 - a. Discutir a diferença entre serviços especializados e não-especializados
 - b. Comparar com a pirâmide de SMAP (ver abaixo).
 - c. Rever as respostas sobre as actividades mencionadas na discussão e ver são exemplos de quais elementos de AP, nomeadamente: 1, 2, 3, ou 4.



Existem 4 níveis ou elementos de AP:

4. Serviços especializados
3. Apoio não-especializado
2. Apoio comunitário e familiar
1. Serviços básicos e segurança

3. Todas pessoas são diferentes. Por isso é lógico que todas pessoas reajam de maneira diferente a uma determinada situação de emergência. Os participantes podem dar alguns exemplos sobre as maneiras diferentes (diferentes estilos de enfrentamento) das pessoas reagirem a uma situação de emergência?

- a. Discutir ou escrever e apresentar os resultados, as opiniões partilhadas pelos participantes.
- b. Rever as respostas e comparar com o Anexo 6A. Diferentes Estilos de Enfrentamento.

4. Os participantes podem demonstrar estes estilos diferentes de enfrentamento através de uma dramatização? Os formadores/professores observam e fazem comentários sobre as dramatizações apresentadas.

- a. Organizar o grupo de participantes em grupos mais pequenos ou pares.
- b. Apoiar a preparação das dramatizações.
- c. Apresentação das situações dramatizadas.
- d. Avaliação (sempre com um pendor positivo de forma a melhorar o entendimento dos participantes sobre os estilos de enfrentamento).

AVALIAÇÃO:

Através de uma rápida conversa com os participantes ou perguntas individuais, verificar:

- **Conhecimento:** Os participantes aprenderam o que se pretendia transmitir nesta sessão? (ver os resultados esperados)
- **Habilidades:** Os participantes conseguem demonstrar como estimular reacções positivas em situações de emergência e organizar actividades para os grupos das crianças que ajudam, no sentido de reforçar a resiliência?
- **Valores/comportamento:** Os participantes já demonstram um entendimento, aceitação e comportamento adequado para disponibilizar AP, e sabem como reagir aos diferentes estilos de enfrentamento?

ANEXO 6A

Diferentes estilos de enfrentamento - basic f e sugestões para AP

Crença – Belief (B)

- A pessoa recorre ao seu sistema de crenças como meio de enfrentamento dependendo dos seus valores centrais. Procurar dar sentido aos acontecimentos através da religião ou espiritualidade comum. Pessoas que são criadas, envolvidas e educadas num sistema de fé frequentemente encontram grande consolo em práticas cerimoniais formais durante situações de emergência, stresse e incerteza.
- *AP: Os professores podem reforçar essa estratégia de enfrentamento, entrando em contato com a comunidade de fé e oferecendo oportunidades para que os seus colegas-professores e os seus alunos passem tempo com outras pessoas, particularmente com colegas que partilham as suas crenças.*

Afecto – (A)

- Sentimentos ou emoções. A pessoa utiliza o seu afecto como mecanismo de enfrentamento dependendo da capacidade de expressar ou ventilar através da emoção. A pessoa vai exigir oportunidades para partilhar ansiedades, medos, raiva, tristeza e pesar, e ver essas emoções validadas pelos amigos e pessoas na sua vida.
- *AP: Os professores podem fomentar o desenvolvimento emocional de suas crianças modelando a expressão aberta e genuína de sentimentos, enfatizando que estão sempre disponíveis para ajudá-los, conforme necessário.*

Social (S)

- A pessoa lida com a emergência ou adversidade através dos seus canais sociais. Mais ainda, procura apoio e controlo nas suas estruturas de relacionamento. Os papéis e responsabilidades atribuídas a uma pessoa dentro de um contexto social, tal como uma família ou um local de trabalho, podem aumentar a inter-relação e diminuir o isolamento, além de restaurar a segurança emocional e fortalecer a sensação de bem-estar da pessoa.
- *AP: Para crianças devem ser incentivadas actividades extracurriculares ou jogos que aprofundem as habilidades de socialização e colaboração.*

Imaginação (I)

- Outra maneira de lidar com o trauma é recorrer à criatividade. A criança em idade pré-escolar pode recriar um acidente testemunhado através dos carros de brincar; um estudante com 10 anos fala de uma história sobre o seu pai, que é doente desde há muito tempo, mas de repente melhorou; e um estudante do ensino secundário usa uma dramatização com outros alunos para lidar com uma recente tragédia comunitária.
- *AP: Esses são exemplos de processos imaginativos sobre eventos traumáticos. Os professores devem oferecer oportunidades para que as crianças expressem sentimentos na maneira criativa (arte, música, jogos etc.), fornecendo os materiais, recursos, ambiente e incentivo necessários para apoiar os seus esforços.*

Cognitivo (C)

- A pessoa com um estilo de enfrentamento baseado na cognição utiliza uma abordagem direta para lidar com questões de preocupação. Ele ou ela provavelmente estará aberta a estratégias sugeridas para abordar problemas, ansiedades e medos.
- *AP: A partilha de informação, brochuras, documentos, jornais etc. ou informação veiculada através da rádio comunitária pode apoiar essas pessoas.*

Fisiológico (F)

- Diariamente, as actividades físicas constituem-se como forma de ocupação útil do tempo para muitas pessoas. Praticar desportos ajuda a relaxar, a esquecer ou afastar as preocupações e a incerteza e ainda a sentir-se mais relaxado. Após o exercício físico, a maioria das pessoas sente-se cansado fisicamente, mas mais relaxado e revigorado, o que pode resultar num melhor pensamento, sendo capaz de encontrar soluções e sentir-se mais forte para superar as dificuldades. A prática de uma actividade física permite um processo informal da partilha de experiências traumáticas num contexto não ameaçador.
- *AP: Praticar ou organizar actividades desportivas ou jogos cria um senso de alegria, de estar junto, de ser parte duma equipa. Os jogos ou actividades desportivas podem funcionar com um apoio para estabelecer uma normalidade e ajudam pessoas, professores ou os alunos afectados a lidarem com a emergência.*

MÓDULO 7

Direito à educação em situações de emergência



MÓDULO 7

Direito à educação em situações de emergência

Materiais necessários: Papel, caneta, flipchart, quadro da sala da aula

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

No final da sessão, os participantes devem:

- Conhecer os direitos das crianças durante uma situação de emergência, o conceito de educação inclusiva, o bem-estar e a definição de stresse e seu nível (ver também o módulo 4);
- Demonstrar como garantir a participação de todas as crianças num ambiente apropriado e seguro que promova seu bem-estar e como reconhecer os sintomas de crianças com angústia;
- Entender que há crianças vulneráveis que podem ser excluídas do ambiente de aprendizagem e respeitar a diversidade das crianças com base no género, religião, etnia, estatuto social e língua. Ser capazes de promover a inclusão.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Listar alguns direitos inalienáveis da criança e a importância de os salvaguardar numa emergência.
- Mencionar os elementos do bem-estar da criança e reconhecer porque é que a educação inclusiva é importante.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

1. **Discutir com o grupo de participantes o tema: A EDUCAÇÃO COMO DIREITO, ESPECIALMENTE, EM SITUAÇÕES DE EMERGÊNCIA.** Perguntar se os participantes sabem mencionar alguns direitos das crianças nestas situações? (ver Anexo 7A)

Numa situação de emergência, a situação da maioria das crianças é crítica, devido às suas circunstâncias socioeconómicas, culturais, tradicionais e de desenvolvimento, exacerbada por desastres naturais, conflitos armados, e contextos de exploração e de fome.

À luz disto, uma abordagem com base nos Direitos, numa determinada resposta humanitária, deverá definir os seguintes objectivos:

- *Assegurar o direito das crianças à sobrevivência;*
- *Restaurar a normalidade o mais rapidamente possível;*
- *Aceder e proteger os mais vulneráveis;*
- *Assegurar o direito das crianças à protecção e prevenção da violência.*

RESULTADOS ESPERADOS

- Explicar o que é stress e quais são os sintomas que crianças e professores podem apresentar quando estão stressados durante ou após uma situação de emergência.
- Entender a relação entre aprendizagem, ensino e bem-estar.
- Demonstrar habilidades para usar estratégia de sala de aula inclusiva junto de diferentes categorias de alunos em prol de um ambiente mais seguro e saudável.
- Usar técnicas de gestão da sala de aula que promovem disciplina positiva e bem-estar para melhor responder aos comportamentos das crianças, resultantes de sofrimento ou trauma.
- Compreender que as diferenças de género, bem como outras diferenças são socialmente construídas e podem, em última instância, afectar as oportunidades de vida para as crianças.
- Reconhecer que as crianças que sofrem situações de stress podem precisar de mais cuidado e atenção, de forma a continuarem a aprender e a garantir um crescente bem-estar.

À luz disto, uma abordagem com base nos Direitos, numa determinada resposta humanitária, deverá definir os seguintes objectivos:

- Sobrevivência e Desenvolvimento;*
- Não discriminação;*
- Participação e;*
- Adaptação aos melhores interesses da criança.*

Numa situação de emergência, a educação pode proporcionar às crianças protecção física, psicossocial e cognitiva.

2. Trabalho em grupo: peça aos participantes para identificarem exemplos de como este direito pode ser alcançado (use o Anexo 9A como suporte) ao nível da:

- Protecção física
- Protecção psicossocial
- Protecção cognitiva

3. Discutir o seguinte: O QUE É A EDUCAÇÃO INCLUSIVA? Comparar com uma possível definição apresentada abaixo.

A educação inclusiva é uma abordagem que oferece a todas as crianças melhores oportunidades de realização académica e social. Por inclusão entenda-se a garantia de que cada criança, rapaz ou rapariga, é bem-vindo e que as suas necessidades e estilos de aprendizagem são atendidos e valorizados. Assegurar a inclusão melhora a aprendizagem, na medida em que os alunos aprendem ao lado de amigos/as e vizinhos/as. É um ambiente em que todos se sentem seguros, apoiados e encorajados a expressar os seus pontos de vista e preocupações. A inclusão numa sala de aula dependerá dos tipos de interações que ocorrem entre alunos, alunas e entre o professor e os alunos durante as interações de ensino e aprendizagem no contexto de sala de aula.

4. Discutir como assegurar que todos os alunos e alunas podem participar activamente na sala de aula. Comparar com as orientações e/ou respostas apresentadas abaixo.

Para que toda participação seja significativa, o professor deve assegurar que as crianças têm:

- a. ESPAÇO: As crianças devem ser capazes de expressar uma visão.*
- b. VOZ: As crianças devem estar habilitadas para expressar uma visão.*
- c. ESCUTA: As crianças devem ser ouvidas.*
- d. INFLUÊNCIA: As opiniões devem ser consideradas consoante o apropriado.*

5. Trabalho em grupo: Os participantes preparam uma lista de perfis de crianças que são mais vulneráveis e as razões dessa vulnerabilidade numa folha de flipchart (use o Anexo 7A como suporte, mas só no final da sessão). De seguida, explique que:

- a. As situações de crise, frequentemente, aumentam as diferenças entre as pessoas. O risco de exclusão das crianças, à partida mais vulneráveis a esse risco, vai aumentar. Ainda assim, o apoio disponibilizado às crianças pode não atingir as mais vulneráveis.
- b. Embora as situações de crises possam intensificar fenómenos de exclusão, as crises também podem apresentar uma oportunidade de mudança.
- c. As escolas podem precisar fazer esforços para incluir crianças marginalizadas ou altamente vulneráveis.
- d. Se isso faz parte das suas responsabilidades como formador ou professor é importante fazer isso, mas sem nunca estigmatizar ou destacar essas crianças.

6. Proponha aos grupos de trabalho ou em plenário a seguinte discussão: 1. Como um professor pode ajudar os seguintes grupos a virem e permanecerem na escola?

- a. Meninas
- b. Crianças com deficiências
- c. Meninas com filhos

Proponha que a discussão inclua as possíveis formas de assistência a estas crianças e porquê a necessidade de uma assistência individualizada.

(o Anexo 7A pode servir de suporte à discussão sobre estratégias adicionais que professores podem usar para promover salas de aula inclusivas e para incentivar a participação das crianças.)

AVALIAÇÃO:

Através de uma rápida conversa com os participantes ou perguntas individuais, verificar:

- **Conhecimento:** Os participantes reconhecem o que importa saber sobre a educação inclusiva, enquanto direito das crianças, e sabem como apoiar estudantes com sinais de stresse?
- **Habilidades:** Os participantes demonstram algumas habilidades na identificação de grupos mais vulneráveis e em assegurar o acesso destes grupos à escola?
- **Valores/comportamento:** Os participantes demonstram um entendimento, aceitação e comportamento para incluir as crianças mais vulneráveis e criar um ambiente seguro e inclusivo na sua sala de aula e sentem que podem ser bons formadores/professores e estimular a participação activa de alunos e alunas e no apoio a pessoas mais vulneráveis?

ANEXO 7A

Direitos das crianças em situações de emergência

O que acontece com as crianças e jovens que não estão inseridos na escola numa situação de emergência?

Estas crianças estão em risco de:

- Perder a sensação de normalidade;
- Assumir papéis que são da responsabilidade dos adultos;
- Perder os benefícios de aprendizagem, ficando negligenciadas as suas necessidades cognitivas e de desenvolvimento;
- Ter menos oportunidades de aprender e aceder a bons meios de subsistência;
- Nunca mais voltar à escola, se matricular ou mesmo frequentar a escola;
- Danos psicossociais, exacerbados pela falta de espaços amigos da criança e oportunidades de convívio com os seus pares;
- Ser vítima de sequestro, tráfico, alistamento ou trabalho forçado em grupos ou forças armadas ou gangues criminosos, passando a ser portadores, espiões, soldados ou ainda prestarem favores sexuais;
- Ser forçado a casar-se precocemente, ainda muito jovens (especialmente meninas);
- Envolver-se em actividades de trabalho infantil ilegal e;
- Estar sujeito a violação e violência sexual.

A educação pode fornecer às crianças protecção física, psicossocial e cognitiva numa situação de emergência. Exemplos do modo como isso é alcançado podem incluir:

> Protecção Física:

- Proporcionar locais seguros para aprender e brincar;
- Identificar crianças com necessidades especiais;
- Prestação de cuidados e supervisão de crianças;
- Melhorar a nutrição das crianças com vista ao desenvolvimento físico e intelectual;
- Prevenir a marginalização e delinquência (prevenir a violência grupos marginais e consumo de drogas)

> Protecção Psicossocial:

- Proporcionar às crianças uma identidade enquanto alunos e alunas;
- Proporcionar um local de expressão livre;
- Facilitar a integração social;
- Apoiar as redes sociais existentes;
- Assegurar uma rotina diária para transmitir uma sensação de normalidade.

> Protecção cognitiva:

- Disponibilizar informações sobre saúde ou segurança para salvar vidas;
- Proporcionar às crianças conhecimento sobre os direitos humanos;
- Apoiar os alunos a serem capazes de analisar informações e agir em conformidade, relativamente a algumas questões;
- Estimular o próprio desenvolvimento cognitivo, através de actividades.

MÓDULO 8

Como podem os professores apoiar as crianças



MÓDULO 8

Como podem os professores apoiar as crianças

Materiais necessários: Grande papel branco, papel, canetas coloridas, quadro na sala da aula, ou flipchart e marcadores

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

No final da sessão, os participantes devem:

- Agir em conformidade com o Regulamento Interno da escola, compreendendo o seu papel e cumprindo as suas metas;
- Compreender o estudante de forma integral, procurando identificar as suas necessidades de desenvolvimento no nível intelectual, físico, emocional, social e cultural;
- Conhecer a realidade do aluno, da sua família e da comunidade em que a escola e alunos estão inseridos;
- Conhecer os interesses, anseios e/ou o projecto de vida dos seus alunos e apoiá-los a alcançar seus objectivos;
- Agir com integridade.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Entender o que é empatia e cumplicidade;
- Entender os círculos de apoio aos alunos;
- Demonstrar como ser um agente mediador e de apoio aos alunos;
- Mostrar um comportamento de respeito a todos os alunos e suas famílias e um interesse para estabelecer ou manter boas relações com os pais, encarregados e a comunidade

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

- 1. Conversa/discussão em grupo. Os participantes sentam-se num grande círculo ou em grupos pequenos dependendo do número e discutem porquê é importante o professor conversar com os seus alunos durante e após a aula?**
- 2. O que deve fazer o professor para agir com base no pressuposto de que todos os alunos são diferentes e têm os seus próprios sonhos, maneiras de reagir e aprender, entre outros?**

Explicar logo a seguir à discussão que: *A capacidade, assim como o comportamento, de respeito pelas diferenças, bem como de reconhecer que cada estudante é único e não aprende apenas de uma única forma chama-se **empatia**.*

- 3. Quais são as actividades que o professor planifica para facilitar a integração dos alunos? Também considera o aluno ou aluna durante todo o tempo em que está em sua casa ou escola ou só apenas na sua sala de aula?**

4. **Explicar logo a seguir à discussão que:** *Entender que a **cumplicidade implica** que o professor também promova visitas a casa dos seus alunos. Conhecer as famílias dos seus alunos, dialogar com elas e criar vínculos para fortalecer o seu desenvolvimento integral.*

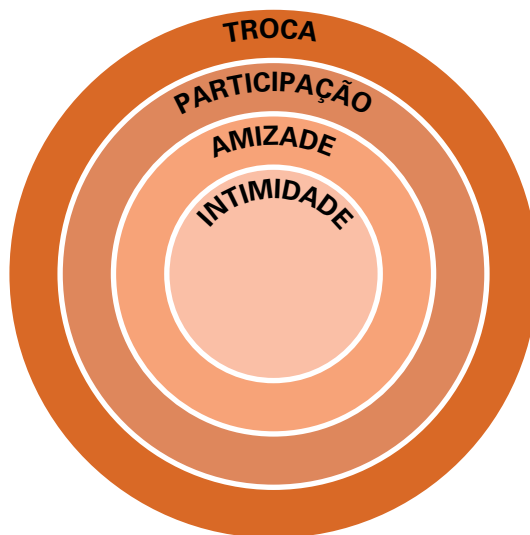
5. **Perguntar se os professores, nas suas actividades, orientam os alunos na escolha das suas futuras profissões?**

Explicar que é importante construir roteiros educativos que conjuguem disciplinas tradicionais com actividades complementares, saber académico e do povo.

6. **Organizar uma discussão sobre a imagem abaixo depois de explicar que cada um dos círculos corresponde a um círculo de apoio ao aluno ou aluna. A discussão deve incluir perguntas como: O que os professores acham desta imagem? Já colocaram em prática alguns destes círculos de apoio? Se sim, quais e como?**

CÍRCULOS DE APOIO

Os círculos de apoio representados na imagem pretendem representar os diferentes “espaços” ou níveis onde a criança pode encontrar o apoio, sendo que o círculo no centro diz respeito ao maior nível de intimidade (por exemplo com a sua mãe ou pai); o círculo seguinte, onde a criança encontra por exemplo os seus amigos; o círculo de apoio relativo à participação é aquele em que a criança obtém apoio das pessoas que partilham os mesmos espaços de participação cívica, por exemplo e finalmente o círculo de apoio relativo à troca e partilha, no qual se encontram as pessoas com quem a criança se relaciona mais superficialmente.



7. **Pergunte de que maneira os professores estão a colaborar com os alunos?**

Explique logo a seguir à discussão: *Trabalhar de forma colaborativa com outros professores da escola, criando “comunidades de aprendizagem” para partilhar desafios e propor estratégias articuladas que respondam à procura de oportunidades de desenvolvimento integral de todos alunos, apoiará muito o processo de aprendizagem dos alunos.*

O professor deve ser um **mediador, facilitador** e **articulador** de conhecimento, introduzindo aprendizagem no aluno a partir de seus próprios questionamentos.

Mais ainda, o professor deve **acompanhar** os seus alunos para avaliar continuamente o processo de ensino- aprendizagem, em conjunto com eles, estimulando a que reconheçam o que precisam fazer para alcançar seus objectivos individuais e colectivos. Neste processo de aprendizagem é importante **admitir que pode errar e aprender** enquanto ensina, inclusive com os seus alunos.

AVALIAÇÃO:

Através de uma rápida conversa com os participantes ou perguntas individuais, verificar:

- **Conhecimento:** Os participantes aprenderam o que se pretendia transmitir nesta sessão? (ver os resultados esperados)
- **Habilidades:** Os participantes podem demonstrar algumas habilidades para comunicar melhor com os alunos e entender as suas características?
- **Valores/comportamento:** Os participantes já demonstram um entendimento, aceitação e comportamento de que todos os alunos são diferentes e têm sua própria maneira de reagir, aprender e os seus próprios sonhos?

MÓDULO 9

Inclusão em Salas de aula



MÓDULO 9

Inclusão em salas de aula

Materiais necessários: Flipchart, marcador permanente, papel e caneta, fotocópias do anexo 9A. “Construindo um ambiente seguro e favorável para a criança”.

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

Assegurar que os professores estejam cientes do seu papel como educadores, criando um ambiente favorável para as crianças após uma situação de emergência. No final da sessão, os participantes devem:

- Saber quais são as qualidades de um professor num ambiente favorável à criança;
- Saber demonstrar as qualidades do professor necessárias para promover um ambiente favorável à criança;
- Compreender, aceitar, respeitar e se comportar de acordo com o que se reconhece ser um bom professor.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Identificar quais são as qualidades do professor (ver anexo 9A) necessárias para criar um ambiente favorável à criança;
- Demonstrar as qualidades do professor (ver anexo 9A) necessárias para promover um ambiente favorável às crianças;
- Reflexão sobre as qualidades do professor, necessárias para promover um ambiente favorável à criança face às qualidades que eles possuem para melhorar as suas competências pedagógicas.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

1. O formador apresenta uma visão geral da sessão, objectivos e resultados esperados (5 minutos);
2. Chuva de ideias sobre quais as qualidades do professor necessárias para um ambiente favorável às crianças, em plenário;
3. Apresentação do formador sobre o documento “Construindo um ambiente seguro e favorável para a criança” (ver anexo 9A) e as complexidades do processo de ensino- aprendizagem, incluindo as diferenças sociais e culturais, religiosas, diversidade do tipo de formação, diferenças nas necessidades humanas e motivação dos professores.
4. Enquanto professor/a, cada participante anota 2 ideias que procurará incorporar no seu processo de ensino e 1 ideia que eles não acham útil e, por isso, não incorporarão. Estas ideias são recolhidas pelo facilitador/formador no final da sessão.

AVALIAÇÃO:

Através de uma discussão, perguntas (sugeridas abaixo), ou observação, procure perceber junto dos participantes aquisição de:

- **Conhecimento:** Definir uma qualidade-chave do professor, necessária para criar um ambiente saudável para as crianças;
- **Habilidades:** Incorporar o que aprenderam neste módulo e serem capazes de aplicar alguns dos aspectos para se tornarem melhores professores. O formador ou coordenador ZIP pode identificar isso através da observação em treinamentos e práticas na sala de aula.
- **Valores/comportamento:** Mostrar interesse em aprender e adaptar os seus estilos de ensino-aprendizagem.

ANEXO 9A

Construindo um ambiente seguro e favorável para a criança

COMO CRIAR UM AMBIENTE SEGURO E FAVORÁVEL PARA AS CRIANÇAS	NÃO FAZER (Veja alguns exemplos abaixo, pode adicionar mais coisas?)
PREPARAÇÃO	
Torne o espaço confortável.	
Esteja sempre preparado antes de começar o dia. Sabe o quê o como fazer.	
Conheça os nomes de todas as crianças e alunos/ alunas.	

COMO CRIAR UM AMBIENTE SEGURO E FAVORÁVEL PARA AS CRIANÇAS	NÃO FAZER (Veja alguns exemplos abaixo, pode adicionar mais coisas?)
HABILIDADES, METODOLOGIA	
Identifique as crianças que precisam de uma atenção especial e ajuda-os.	
Use as actividades em que os alunos gostam de participar.	
Use uma variedade de actividades na sala de aula.	
Recorra ao trabalho em pares e actividades em grupo para incentivar os alunos a interagir e resolver problemas.	
Conte histórias e poemas.	
COMPORTEAMENTO	
Seja amigável e incentive TODOS os alunos e alunas a fala-rem.	Não bata nos alunos e nem os trate mal
Encoraje brincadeiras, diversão e risos.	
Procure entender o sentimento das crianças	
Seja calmo, confiável, paciente e bom ouvinte	
Não impeça o aluno de falar se ele disser algo incorreto. Permita que continue e agradeça pela contribuição.	Não julgue os alunos e alunas
Elogie e encoraje, para melhorar a auto-estima dos TODOS OS alunos.	Não tem alunos ou alunas favoritas
Ganhe confiança das crianças. Dá amor e atenção às crianças.	
Mostre interesse na cultura local.	
Aconselhe as crianças, Propõe actividades aos alunos em que eles possam participar.	

MÓDULO 10

Primeiros socorros psicossocial para o aluno e professor



MÓDULO 10

Primeiros socorros psicossocial para o aluno e professor

Materiais necessários: Flipchart, marcador permanente, papel, canetas, “Instruções para PSP” (veja Anexo 10A.)

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

Promover a consciencialização e o conhecimento dos professores sobre os Primeiros Socorros Psicossociais (PSP), em prol do bem-estar de alunos e professores. No final da sessão, os participantes devem:

- Saber o que são Primeiros Socorros Psicossociais;
- Conseguir implementar Primeiros Socorros Psicossociais para as crianças;
- Reconhecer que os próprios professores podem sofrer impactos psicossociais incluindo stresse, cansaço e aumento da vulnerabilidade após uma situação de emergência, bem como reconhecer a importância do bem-estar do/a professor/a.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Perceber o que são Primeiros Socorros Psicossociais;
- Saber como usar os Primeiros Socorros Psicossociais para as crianças;
- Enquanto professores, proteger seu próprio bem-estar após uma situação de emergência.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

1. O formador apresenta uma visão geral da sessão, objectivos e resultados esperados (5 minutos);

2. Apresentação da Teoria dos primeiros socorros psicossociais (15 minutos) (Anexo 10A).

- Definição dos primeiros socorros psicossociais;

3. Actividade em grupo: dramatização

- Constituição de grupos de três: 1 observador, 1 pessoa desempenhando o papel de “professor”; 1 pessoa desempenhando o papel de “aluno”;
- Instruções para as personagens - “Aluno”: apresenta sinais de trauma; “Professor”: responde de acordo com a teoria dos primeiros socorros psicossociais; o “observador” toma notas sobre a estratégia de resposta do participante que desempenha o papel de “professor”;
- Após 10 minutos, os papéis de cada personagem nos grupos de três devem ser alternados;
- Segue-se a reflexão em grupo: o “professor” irá comentar como se sentiu ao prestar o Primeiro Socorro psicossocial ao “estudante”. Então o “estudante” e o observador farão um breve comentário construtivo ao “professor”;

4. Os participantes reúnem-se para discutir as actividades; os desafios na prestação de primeiros socorros psicossociais, e quais as principais lições que daí se retiram;
5. O formador explica a importância do bem-estar do professor durante e após uma situação de emergência, e encoraja os professores a criarem grupos de duas pessoas, par-a-par, de modo a partilharem experiências e opiniões com os seus colegas eventualmente das suas escolas, criando assim um grupo de discussão.

AVALIAÇÃO:

Através de uma rápida conversa com os participantes ou perguntas individuais, verificar:

- **Conhecimento:** Durante a discussão final, os professores referem-se ao que aprenderam com o modelo? Eles aprenderam o que esperávamos que aprendessem e que entendessem?
- **Habilidades:** Os formadores avaliam se os participantes desenvolveram habilidades de primeiros socorros psicossociais durante o exercício de dramatização;
- **Valores/comportamento:** Os professores participam activamente na discussão, ouvindo e aprendendo uns com os outros e apresentando suas próprias ideias?

ANEXO 10A

Definindo PSP

Primeiros socorros psicológicos para crianças é uma abordagem que tem como objetivo reduzir a angústia inicial das crianças, causada por acidentes, desastres naturais e conflitos. Assim, através da formação em PSP pretende-se disponibilizar:

- Ferramentas de comunicação e reconforto para equipas que trabalham de próximo com crianças angustiadas e traumatizadas.
- Conselhos aos pais e cuidadores primários sobre como apoiar uma criança angustiada e traumatizada.
- Ferramentas de sobrevivência e reconforto para funcionários e cuidadores.

Directrizes para PSP

Consulte o módulo 3 sobre PSP

Bem-estar do professor/a

Os educadores/as têm necessidades físicas e psicossociais próprias. Em muitos casos, essas necessidades intensificam o stresse na vida de um educador e podem levar ao absentismo, ao desgaste e ao abandono da profissão.

- Em casos de situações de emergência, fontes adicionais de stresse podem incluir lesões físicas, perda de serviços domésticos e públicos, perda de um dos pais ou de outros parentes, aumento da pobreza e uma sensação de vulnerabilidade.
- Dicas para professores durante situações de emergência:
 - > Falar sobre os nossos sentimentos pode ajudar a recuperar.
 - > Os professores podem beneficiar da comunicação, estabelecendo rotinas diárias e semanais e recebendo apoio de familiares e amigos.
 - > Solicite ao seu director ou supervisor que agende reuniões regulares, se possível, onde os professores possam discutir suas preocupações.
 - > Solicite ao seu director ou supervisor para, se possível, alternar regularmente as responsabilidades dos professores.
 - > Faça intervalos durante os dias de aulas e procure relaxar.
 - > Solicite ao seu director ou supervisor que lhe dê oportunidades para melhorar as suas habilidades. Desenvolver novas habilidades pode aumentar a sua confiança.

MÓDULO 11

Protecção da criança – como referenciar um/a aluno/a

SERVIÇO DISTRIAL DA SAÚDE,
MULHER E ACÇÃO SOCIAL



MÓDULO 11

Protecção da criança – como referenciar um/a aluno/a

Materiais necessários: Flipchart, marcador permanente, papel, canetas, Anexo 11A. Como Referenciar um/a aluno/a, Anexo 11B. Cenários para Referenciação.

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

Professores garantem que todas as crianças são protegidas no contexto escolar. No final da sessão, os participantes, enquanto professores, devem:

- Ter consciência de como criar um ambiente protector;
- Estar cientes dos mecanismos de referenciação existentes quando as crianças não estão suficientemente protegidas.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes, enquanto professores, são capazes de:

- Criar um ambiente de aprendizagem seguro e protector (ver os módulos 8 e 9 para criar um ambiente de sala de aula seguro e adequado para crianças após uma emergência);
- Reconhecer os mecanismos de referenciação quando as crianças não estão suficientemente protegidas.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

1. O formador apresenta uma visão geral da sessão, objectivos e resultados esperados (5 minutos);
2. O formador faz uma introdução sobre mecanismos de referenciação (ver anexo 11A) (15 minutos);
3. Os professores são divididos em 4 grupos e recebem um cenário para encaminhamento, (ver anexo 11B.) no qual se descrevem situações de violação da protecção das crianças. Os professores são divididos e têm que decidir como proceder, apresentar e justificar a sua abordagem (20 minutos);
4. O formador faz um comentário para cada professor, sobre a sua abordagem (20 minutos).

AVALIAÇÃO:

Avalie através de perguntas, discussão ou observações se os participantes adquiriram:

- **Conhecimento:** Entendem o que é um ambiente de aprendizagem seguro e protector;
- **Habilidades:** São capazes de avaliar a abordagem de cada grupo, e fazer comentários, e podem demonstrar algumas actividades de como estabelecer ou reforçar um ambiente de aprendizagem seguro e protector para as crianças.
- **Valores/comportamento:** Reconhecem a importância da protecção e segurança das crianças, e assume um papel de liderança, como professor, na criação de um ambiente de aprendizagem positivo

ANEXO 11A

Como referenciar um/a aluno/a

Os professores devem, sempre que possível, tentar proteger a si mesmos e aos alunos contra os perigos e garantir que as emergências não interferem na aprendizagem ou ameaçam a sua saúde e segurança. Os professores devem promover um ambiente de aprendizagem protector e positivo sempre que possível, estando cientes dos riscos na área e respondendo ou relatando os perigos de segurança.

- Que tipo de apoio a criança lhe disse que precisava? (Não pergunte à criança, apenas ouça se a criança escolher partilhar). Que tipo de apoio acha que a criança / família precisa?
- Que apoios informais podem ajudar a atender a essa necessidade? Que apoios formais podem ajudar a responder a essa necessidade?
- Fale sobre os serviços disponíveis (o quê, onde) e porque você acha que podem ser úteis.
 - > Pergunte se eles gostariam que fizesse o encaminhamento. Se sim, obtenha o consentimento por escrito das crianças e dos pais (a menos que não seja apropriado). Em seguida, discuta e chegue a um acordo sobre as informações da criança, que podem ser partilhadas com a agência que disponibilizará o serviço. Certifique-se de que a criança entende que pode recusar o encaminhamento.
 - > Dependendo da agência, pode solicitar à criança e os pais que se dirijam pessoalmente à agência (e até ir com eles, se assim o desejarem). Ou pode entrar em contacto com a agência por via telefone, e-mail ou on-line. Se a criança/pai ou mãe entrar em contacto directamente com a agência, verifique se ela conhece as etapas apropriadas para aceder os serviços.

O QUE FAZER E NÃO FAZER

No seu trabalho com crianças, lembre-se dos princípios de: procurar o melhor interesse da criança; e garantir que as nossas acções não prejudiquem nem causem danos.

FAZER	NÃO FAZER
<ul style="list-style-type: none"> • Tratar a referenciação e as informações sobre a criança sempre de forma confidencial. • Partilhar informações somente com aqueles que precisam saber, tendo em conta que a confidencialidade pode ser violada, desde que para manter as crianças seguras. 	<ul style="list-style-type: none"> • NÃO prometa manter as informações em segredo. Explique à criança que é necessário contar a alguém para mantê-la segura e / ou ajudá-la.
<ul style="list-style-type: none"> • Escutar as crianças de forma solidária, sobretudo se elas trouxerem uma preocupação. • Ajudar a entender que elas não estão sozinhas. • Se alguém prejudicou ou tentou prejudicá-las, ajude-as a entender que isso nunca é culpa delas. • Tomar o que a criança diz com muita seriedade, mesmo que envolva alguém que você tem certeza que não iria prejudicá-la. • Registrar as informações fornecidas e informar o mais rapidamente possível à pessoa apropriada (por exemplo, seu supervisor, o responsável pela Protecção Infantil). • Certificar a distinção entre o que a criança tenha realmente dito e as conclusões que possa ter tirado. 	<ul style="list-style-type: none"> • NÃO faça quaisquer sugestões à criança sobre como o incidente pode ter acontecido. • NÃO complete as palavras, termine suas frases ou faça suposições • NÃO peça mais informações à criança ou tente avaliar suas necessidades. Este papel é para os profissionais que são formados para fazer perguntas de forma apropriada e avaliar a situação. • NÃO diga: <ul style="list-style-type: none"> > “Você deveria ter dito a alguém antes” > “Eu não posso acreditar! Estou chocado!” > “Oh, isso explica muita coisa” > “Não Não ... ele é um amigo meu” > “Eu não vou contar a ninguém” > “Por quê? Como? Quando? Onde? Quem?” • NÃO marque as crianças como diferentes ou as trate de maneira a criar / aumentar o estigma. • NÃO tente identificar de forma proativa questões de protecção da criança.
<ul style="list-style-type: none"> • Seguir as etapas necessárias para fazer uma indicação, caso exista um processo. Exemplos: <ul style="list-style-type: none"> > Em algumas comunidades, precisa relatar as preocupações de protecção infantil a uma organização específica de bem-estar infantil que, então, fará encaminhamentos. > Em alguns locais de trabalho, precisa informar ao seu supervisor, se acha que uma criança precisa de apoio. > Seu supervisor fará então a referência. 	<ul style="list-style-type: none"> • NÃO tente aconselhar. • NÃO procure ajuda enquanto a criança estiver a falar consigo. • NÃO faça a criança contar a sua história a ninguém. Ele/ela pode ter que ser formalmente entrevistada mais tarde e é importante minimizar o número de vezes que a informação é repetida.

FAZER	NÃO FAZER
<ul style="list-style-type: none"> • Explicar a referência e obter o consentimento informado do filho e / ou seus cuidadores (quando apropriado) antes de fazer o encaminhamento. Lembre-se de que você deve sempre denunciar incidentes, revelações e suspeitas de abuso infantil. 	<ul style="list-style-type: none"> • NÃO confronte o agressor.
<ul style="list-style-type: none"> • Procure o apoio de um supervisor ou de um trabalhador de protecção à criança, caso não tenha certeza de como apoiar uma criança. Lembre-se de respeitar a confidencialidade. • Procure ajuda para si mesmo se achar que precisa de apoio. 	

ANEXO 11B

Cenários para referenciação

Preparação:

- Dividir os participantes em 4 grupos;
- Cada grupo recebe a descrição de um cenário (abaixo);
- Quais os serviços de apoio para os quais os participantes devem encaminhar as crianças referenciadas?
- Criar e apresentar uma dramatização para demonstrar como faria esse encaminhamento.

Cenários

Sendo um/a professor/a

1. As outras crianças dizem que uma das crianças com quem você trabalha não vive com a família e não sabe onde os elementos da família estão. Ela vive com a prima, que é apenas um ano mais velha. Um vizinho às vezes lhes dá comida.
2. Uma das crianças é trazida para a sala de aula/sessão todos os dias, pela sua tia. Enquanto o professor está a dinamizar as actividades, ele geralmente não participa. Um dia, a sua tia diz-lhe que ela costumava ir bem na escola, mas agora parece estar a ficar para trás. Ela diz que ele presenciou quando seus pais ficaram feridos. Os seus pais moram noutra comunidade, onde estão a receber cuidados médicos. Ela não sabe como falar com ele sobre o que aconteceu.
3. Uma das crianças diz-lhe que é frequentemente maltratada durante os tempos livres.
4. Uma das meninas diz que os seus pais querem que ela se case. Ela tem 14 anos, mas ainda está na 3ª classe. Ela diz que não acha que pode terminar a escola, mas também não quer se casar.

MÓDULO 12

Violência baseada no gênero (VBG)



MÓDULO 12

Violência baseada no género (VBG)

Materiais necessários: Flipchart, marcador permanente, papel, canetas,

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

Saber identificar casos de VBG na comunidade e definir uma adequada estratégia de intervenção e gestão do caso. No final da sessão, as/os participantes devem:

- Compreender o que é VBG e como se manifesta (tipos de VBG)
- Compreender o contexto social, incluindo relação sociocultural entre género e violência
- Compreender as causas e os impactos da VBG

RESULTADOS ESPERADOS

As/Os participantes são capazes de:

- Definir VBG, causas e impactos;
- Identificar os diferentes tipos de VBG;
- Identificar aspectos culturais e sociais que influenciam a relação entre género e violência
- Identificar sinais de alerta para a VBG

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

1. Quebra gelo (30 minutos)

O/a facilitador/a deve pedir aos participantes que desenhem num pedaço de papel uma figura ou símbolo que represente a sua personalidade.

Depois de todos terem terminado, pedir a cada um que diga o seu nome, sua função e mostrar o que desenhou, explicando o seu significado ao restante grupo, numa breve apresentação. O/A facilitador/a também deve participar fazendo a sua representação e apresentação.

Podem aplaudir no final de cada apresentação e depois de todos se terem apresentado, podem colar todos os desenhos numa parede ou colocar em cima de uma mesa/no chão, de forma a serem todos vistos durante a capacitação.

2. Actividade geral para compreender (VBG)

- O facilitador/professor começa por escrever o título “Violência Baseada no Género (VBG)” no flipchart e sugerir aos participantes que escrevam num pedaço de papel as primeiras 5 palavras que lhe vêm à cabeça quando pensam nesta temática. No final, peça a ajuda de alguém do grupo para ir escrever no quadro as palavras que todos escreveram⁸. Sugere para a pessoa voluntária espalhar as palavras por todo o espaço do quadro, em vez de escrever numa linha ou coluna.

- Sempre que apareça uma palavra que já foi dita/escrita, deve fazer-se um círculo à volta dessa palavra e escrever as restantes que não estão repetidas.
- O objectivo é contabilizar as palavras que foram ditas mais vezes e menos vezes; observar quais as palavras de associação mais/menos evidente para os participantes. Depois de alguns minutos de análise em grupo, o facilitador pode assinalar com uma cor distinta ou uma marcação diferente (exemplo: sublinhar apenas), à volta das palavras que estão diretamente ligadas com a definição de VBG, suas características e/ou tipos de violência (Ver anexo 12A e Anexo 13A).
- Os participantes podem associar os resultados com a sua realidade local e com o contexto nacional e regional. Depois o facilitador apresenta o conceito de VBG, os vários tipos e as relações entre o contexto sociocultural, género (distinguindo do conceito de sexo) e violência. Neste ponto analisar também alguns exemplos de consequências/impactos da VBG com apoio do anexo 12A.
- Na análise sobre as palavras que foram escritas, o Facilitador pode pedir ao grupo alguns exemplos concretos de VBG. Pode também perguntar diretamente se uma situação de casamento forçado é VBG ou se privar uma rapariga do acesso à educação é uma situação de VBG? Procure que os participantes apresentem argumentos onde mostrem que compreenderam as relações socioculturais e tradicionais entre género e violência, particularmente para o contexto nacional. Solicitar aos participantes que partilhem o conhecimento que tem sobre as causas e consequências da VBG e sinais de alerta, remetendo ao mesmo anexo.

Importa referir que, em 2009, foi promulgada a Lei nº 29/2009, de 29 de Setembro, sobre a Violência Doméstica Praticada contra a Mulher, que, para além de criminalizar a violência contra mulheres, também, torna esta prática em **crime público**, o que é um importante passo para acabar com a impunidade dos perpetradores, especialmente, na esfera doméstica onde ocorre a larga maioria dos casos. Nesta situação qualquer pessoa que tem conhecimento ou suspeita de um caso de VBG pode e deve denunciar. Em particular para os funcionários da educação é obrigatória a denúncia às autoridades policiais (Artº 20, Lei nº7/2008 de 97).

- **NOTAS A RETER:** Veja o Glossário para as definições de **VBG**, **sexo** e **género**. As **causas de VBG** são atribuídas a uma conjugação de factores culturais e sociais (valores, tradições, crenças, costumes, perpetuação de ciclos de violência familiar), ligadas à desigualdade cultural e sociais (ex: ideia que a mulher é inferior ao homem) e à impunidade face aos agressores;

Situações de VBG têm **consequências** emocionais, psicológicas, físicas, comportamentais, económicas e sociais, interferindo com a aprendizagem das crianças.

Tipos de Violência Baseada no Género são violência física; violência na família e no namoro; violência doméstica; violência e violação sexual (incluindo dentro do casamento), casamentos prematuros, violência psicológica, emocional e moral; violência social e verbal; violência patrimonial ou económica;

violência tradicional e práticas nefastas (ou violência sociocultural/práticas tradicionais danosas.

Ex: lobolo, mutilação genital feminina, casamento/uniões prematuras, trabalho forçado, prática cultural de purificação da viúva, negligência, ...). Acrescentar ainda que, por vezes os actos de violência ocorridos inserem-se em mais do que uma categoria em simultâneo.

Exemplos concretos de VBG: assédio sexual, estupro, agressão, casamento prematuro/uniões forçadas, negar acesso da rapariga à educação ou negligenciar seus direitos básicos.

Por vezes há uma confusão entre VBG e “Violência Contra as Mulheres”, que são designações distintas, pois VBG é mais ampla e inclui violência também contra homens.

Sinais de Alerta são os comportamentos e reacções emocionais (imediatas e/ou a longo prazo) ao *stress* sofrido em situações de maus tratos (ex: reacções de ansiedade, de agressividade ou de *stress* pós traumático), com impacto também na forma de se relacionarem e participarem nos contextos sociais onde estão inseridos (ex: evitamento, isolamento, desinteresse,...). As crianças comunicam através dos seus comportamentos e estados emocionais. Algumas das actividades sugeridas no anexo 13G-*Actividades para avaliação do risco*, podem orientar os professores nesta pesquisa por melhor compreender os comportamentos das crianças e identificar se existem sinais de alerta. Para mais detalhe sobre os sinais de alerta consultar o Anexo 12A.

O/a professor/a pode encontrar no anexo 13G e no anexo 12B, várias propostas de actividades, para desenvolver com os alunos, de diferentes idades e para alcançar diferentes propósitos.

Em **contextos de Emergência**, seja por calamidade natural, conflito armado ou pandemia, como a Covid-19, crianças e mulheres são mais vulneráveis a episódios de violência baseada no género. Atendendo às questões culturais e de género, as meninas e raparigas ficam também mais vulneráveis a situações de casamento/uniões prematuras, como recurso para fazer face às dificuldades económicas na família.

3. Encerramento da actividade:

É importante finalizar a sessão ajudando os participantes a reflectir sobre como podem aumentar a consciência sobre a VBG em si mesmos e nos outros, contribuindo para o combate à violência com base no género. O/a facilitador/a pode ajudar os participantes a reflectirem como é que eles, enquanto membros de uma comunidade, profissionais de educação e elementos de uma família, podem sensibilizar para a prevenção da VBG nas suas famílias, escolas e comunidades.

Pergunte se alguém quer dar algum exemplo de acções que podem fazer, quer na vida pessoal, quer na vida profissional.

Apoie na discussão com alguns exemplos:

VIDA PESSOAL	VIDA PROFISSIONAL
<ul style="list-style-type: none"> • Seja um modelo de igualdade de gênero em casa, garantindo que os filhos e filhas têm igual acesso aos recursos de saúde e educação, recreação e oportunidades de descanso; • Incentivar e dar o exemplo na divisão de tarefas domésticas em casa, entre rapazes e raparigas; • Prefira práticas de não-violência e de diálogo respeitosos na relação com os outros; • Evitar piadas sexistas ou reforçar a discriminação de gênero. 	<ul style="list-style-type: none"> • Sensibilizar os membros da comunidade, os profissionais da educação e os alunos para os factores que contribuem para a VBG; • Fazer um exercício de mapeamento da comunidade para identificar os serviços de referência para a VBG e fortalecer o sistema de referência; • Partilhar informações sobre as leis, políticas e programas que protegem as mulheres, homens e crianças da violência baseada no gênero; • Sempre que possível, introduzir mensagens de prevenção à VBG em todas as actividades escolares; • Evitar discriminação de tratamento e reforço dos estereótipos de gênero, através da linguagem. Ex: “a mulher do Júlio”; “o mundo é dos homens”

No final, agradecer os contributos de todos os participantes e perguntar se há alguma questão que tenha ficado por responder/esclarecer, antes de terminar a sessão.

AVALIAÇÃO:

Avaliar através de uma breve discussão, ou perguntas ou observação, se os participantes são capazes de:

- **Conhecimento:** Entendem o que é a VBG, condicionantes socioculturais sobre o gênero, tipos e consequências; reconhecem o papel de cada um, na sua vida pessoal e profissional no combate à VBG;
- **Habilidades:** demonstram capacidade de observar, avaliar e identificar sinais de alerta e características dos diferentes tipos de violência; demonstram capacidade em identificar condutas preventivas da VBG;
- **Valores/comportamento:** demonstram capacidade de se escutarem uns aos outros com respeito e sem julgamento; promovem uma participação equitativa entre todos; demonstraram atitudes de apoio uns aos outros, facilitando um ambiente de cooperação, partilha e aprendizagem significativa; reconhecem expressões linguísticas, preconceitos e situações, em si e no outro, sobre as questões de gênero. São sensíveis aos valores de justiça e protecção dos mais vulneráveis, assim como ao dever de denúncia e consequências para os perpetradores.

ANEXO 12A

Violência baseada no género (VBG)

VBG é qualquer acto que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual, psicológico ou sofrimento a alguém (de qualquer idade), com base nas expectativas e estereótipos de papéis de género. Está também associada à distribuição desigual de poder entre homens e mulheres.⁹

O QUE É VIOLÊNCIA BASEADA NO GÉNERO	O QUE NÃO É VIOLÊNCIA BASEADA NO GÉNERO
<ul style="list-style-type: none"> • Casamento/uniões e gravidez prematuros • Estupro conjugal e Violência praticada pelo parceiro íntimo (forçar a mulher a relações sexuais) • Mutilação genital feminina • Assassinatos de honra: marido mata a mulher por alguma conduta que considera imoral (ex: recusa de casamento prematuro; forma como mulher veste; infidelidade da mulher;...) • Tráfico para sexo ou escravidão • Castigos corporais e maus tratos • Violência sexual, emocional ou psicológica • Assédio ou atenção indesejada em espaços públicos • Parceiro proíbe convívio social • Piadas e linguagem que insinue que as mulheres são inferiores aos homens. • Violência patrimonial e económica 	<ul style="list-style-type: none"> • Um cônjuge falar com o outro na intenção de acabar a relação apresentando as suas razões de forma respeitosa; • Ter relações sexuais com um/a parceiro/a com consentimento e interesse de ambos, maiores de 18 anos; • Alguém assalta o seu carro/casa e pede todo o dinheiro em troca da vida; • Convidar alguém para tomar uma bebida sem intenções de intimidade sexual forçada; • Alguém pergunta-lhe se está interessado/a em namorar e aceita uma resposta “não”, respeitando a decisão; • Briga na barraca entre homens; • Assalto físico entre homens ou entre mulheres.

Baseado no *Mecanismo Multisectorial de atendimento integrado à mulher vítima de violência*.
 Governo de Moçambique. Maputo. 2012.pdf

IMPACTO/CONSEQUÊNCIAS (PRINCIPALMENTE NA RAPARIGA):

- Problemas de saúde mental (redução da auto-estima, depressão, isolamento social, ansiedade, Stress pós-traumático, agressividade, suicídio, constante estado de stress e medo);
- Lesões (internas, traumatismos, fracturas, queimaduras);
- Doenças não transmissíveis e comportamentos de risco (consumo de álcool e tabaco);
- Saúde Materno-Infantil (gravidez precoce, complicações na gravidez, morte do feto, negligência e maus tratos da criança);
- Doenças transmissíveis e comportamentos de risco (práticas sexuais inseguras, múltiplos parceiros sexuais, infecções sexualmente transmissíveis, como HIV-SIDA, gonorrea etc.);
- Efeitos negativos no percurso escolar dos alunos, que interferem com o direito ao acesso a uma educação de qualidade, equitativa e inclusiva (baixo rendimento, retenções e abandono); Efeitos que dificultam o alcance da educação primária universal e a eliminação das disparidades de género na educação;
- Aumentam os custos sociais e económicos para a sociedade (baixo nível de produtividade e consequências para a comunidade e país);
- Condiciona o capital humano futuro do país e o desenvolvimento pleno da criança ao longo da vida;
- Ciclo de violência (a criança que foi submetida ou assistiu a VBG pode replicar os modelos assistidos)
- Gravidez indesejada e casamentos/uniões prematuros;
- Estigmatização familiar, comunitária e social;
- Conflitos e desintegração familiar.

As consequências da Violência Baseada no Género podem também ser entendidas ao nível de Sinais e Sintomas que alertam para situações em que a criança está ou esteve exposta a actos de violência.

SINAIS DE ALERTA (INDICADORES DE CASOS DE VIOLÊNCIA)		
FÍSICAS	PSICOLÓGICAS, EMOCIONAIS E COMPORTAMENTAIS	RELACIONAIS E SOCIAIS
<ul style="list-style-type: none"> • Dor genital/anal; • Prurido genital constante; • Gravidez ou complicações ginecológicas; • Infecções sexualmente transmissíveis; • Queixas de dores que anteriormente não existiam (cabeça, barriga, tonturas, náuseas); • Alterações no apetite e/ou no sono; • Descuidado na higiene • Dificuldade em ter contacto visual com as pessoas 	<ul style="list-style-type: none"> • Baixa auto-estima; • Sentimentos de vergonha e culpa; • Medos concretos e outros indeterminados; • Choro descontrolado; • Alterações bruscas de humor e de comportamento; • Depressão; • Auto-mutilação; • Ideias suicidas ou tentativas; • Ansiedade; • Gaguez ou atraso no desenvolvimento da linguagem; • Perturbações da memória; • Comportamentos regressivos a idade anterior (ex: fazer xixi na roupa, chuchar no dedo, usar linguagem de idades anteriores); • Envolvimento em condutas anti-sociais; • Comportamento hostil e agressivo; • Fugas da escola e/ou de casa; • Consumo de álcool, tabaco ou droga; • Comportamentos sexuais estranhos, inesperados e inadequados para a idade; • Linguagem sexual precoce; 	<ul style="list-style-type: none"> • Evitamento social, timidez e isolamento; • Aumento de conflito e tensão nas relações interpessoais; • Padrão de desconfiança em relação aos outros; • Procura indiscriminada de afecto e aprovação; • Demasiado infantil ou demasiado adulto/a para a idade; • Desinteresse por actividades que apreciava; • Dificuldades escolares: problemas na aprendizagem, redução do rendimento, distrações, faltas frequentes.

SINAIS DE ALERTA (INDICADORES DE CASOS DE VIOLÊNCIA)

- Crianças com estas manifestações e elevado nível de angústia, não devem ser deixadas sozinhas.
- **As reações das vítimas dependem de:** estágio de desenvolvimento/idade; da reação dos outros; do tipo de experiência traumática e das experiências anteriormente vividas.
- Os comportamentos e estratégias emocionais da criança devem ser observados de forma holística com as características do contexto.
- Assim, por exemplo, **uma criança que evite o contacto corporal de forma consistente**, contínua e exagerada e se sinta incomodada na presença de outras pessoas, provavelmente tem a expectativa de que o contacto físico seja lesivo e lhe provoque aversão e/ou sofrimento. Esta expectativa pode estar muito relacionada, por exemplo, com experiências abusivas por parte dos pais ou de outros adultos.
- Outros comportamentos como **as birras ou os comportamentos agressivos** podem obedecer a outro tipo de expectativas, como por exemplo conseguir chamar a atenção ou dominar um contexto relacional habitualmente caótico ou inconsistente.
- A **identificação destes Sinais** pode decorrer da observação natural da criança nos espaços da escola e fora da escola, mas também pode resultar de informação recolhida com actividades que os professores podem desenvolver e que permitem melhor compreender o estado da criança.
- Ver anexo 13G-Actividades para avaliação do Risco e Anexo 12B- Actividades na Escola. Todos os casos identificados devem ser registados no Mapa de Ocorrências (ver anexo 13H).

RESPOSTA AOS CASOS DE VBG:

Em alguns casos, dependendo da **avaliação do risco e dos factores de protecção**, o apoio psicossocial (AP) e os Primeiros Socorros Psicológicos (PSP) poderão não ser suficientes para apoiar a criança, sendo necessário encaminhar para atendimento psicológico especializado, ao nível da saúde mental. Para apoiar essa decisão, os professores podem recorrer aos anexos 13F e 13G, onde encontram algumas **actividades e critérios, para identificar se existe a necessidade de apoio psicológico especializado**.

Nos casos de suspeita ou confirmação de VBG o/a professor/a/ponto focal deve **encaminhar a um Posto de Saúde com urgência** quando se trata de violência sexual (até 72h desde o acto sexual) e para os Serviços Distritais de Saúde, Mulher e Acção Social (SDSMAS) quando **é violência física/sexual**.

Tratando-se de um caso de violência, inclui também **o reporte obrigatório** às autoridades policiais/justiça, uma vez que VBG é **crime público** (Artº 20, Lei nº7/2008 de 97), ou seja, que quem sabe ou assistiu ao crime pode e deve denunciar.

Se **o director da escola** estiver envolvido o caso deve ser encaminhado directamente para os serviços distritais e direcção provincial de educação para abertura **de processo disciplinar**. Se o director da escola não estiver envolvido no caso de violência, deve ser ele a abrir o processo disciplinar contra o professor ou funcionário envolvido e a fazer a denúncia.

ANEXO 12B

Propostas de actividades a desenvolver com as crianças na escola

Estas actividades podem ser desenvolvidas na escola, em clubes, em contexto de aula ou de recreação. Podem ser facilitadas por um/a professor/a ou ponto focal de género nas escolas.

TEMÁTICAS:			
Fortalecimento das relações de entreaajuda e pertença ao grupo; Promover consciência acerca das semelhanças, diferenças e respeito pela diversidade, direitos humanos e valor de cada um; Promover competências de regulação emocional e bem-estar psicossocial;			
Idades recomendadas:		7-12 anos	
OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS / DURAÇÃO	MONITORIA
Provocar diversão, ajuda mútua e atenção às características que aproximam e distinguem	<ul style="list-style-type: none"> Organizar grupos de 10 na sala/espaco. Dizer que vai pedir que formem uma linha/ sequencia de acordo com a característica que irá dizer. Quando completarem cada sequencia, o/a professor/a verifica se estão todos correctos, caso não estejam avisa esse grupo que tem de rever a sequencia. Exemplos de características: altura-do mais baixo para o mais alto; Comprimento do pé – do mais curto ao mais comprido; Idade -do mais velho ao mais novo; Ordem alfabética do nome (para grupos mais velhos. Nestes pode acrescentar a regra de que não podem falar entre si);... No final pergunte o que gostaram mais na actividade, o que aprenderam uns sobre os outros, 	Nenhum / 15 minutos	<p>Registe como o grupo acolheu e se envolveu na actividade; se alguma criança preferiu não participar; se alguma precisou de mais apoio e proximidade para sentir confiança/ segurança para fazer o que foi pedido; se observou algum sinal de alerta (ver anexo 12A).</p> <p>Registe se alguma criança choramingou, se apresentou comportamentos mais infantis ou se queixou de dores.</p>

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS / DURAÇÃO	MONITORIA
<p>Animar as crianças e ajudá-las a aprender que cada pessoa é única, mas há características que partilham com outras</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Todo o grupo está sentado em círculo. • Proponha que um aluno se levante e diga uma frase verdadeira sobre si. o/a professor/a pode dar o exemplo em primeiro. Ex: levanta-se, diz “eu gos-to de cantar” e segue caminhando do lado de fora do círculo de crianças. Todos aqueles que também gostam de cantar devem levantar-se e seguir essa pessoa. Depois de todos darem uma volta ao círculo, voltam a sentar e é outra criança que se levanta, diz uma frase sobre si e começa a caminhar à volta do círculo. • Todas as que também se identificam com o que ela disse seguem-na até dar uma volta completa. O/A professor/a pode jogar também com as crianças. 	<p>Nenhum / 20 minutos</p>	<p>Registe como o grupo acolheu e se envolveu na actividade; se alguma criança preferiu não participar; se alguma precisou de mais apoio e proximidade para sentir confiança/segurança para fazer o que foi pedido; se observou algum sinal de alerta (ver anexo 12A).</p> <p>Registe se alguma criança choramingou, se apresentou comportamentos mais infantis ou se queixou de dores.</p>
<p>Ajudar as crianças a perceberem o seu estado de espírito e a conseguirem acalmar quando precisam.</p> <p>Ajuda a reconhecerem fontes de apoio e as emoções associadas.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Peça às crianças para formarem um círculo bem afastado e diga para elas sacudirem o corpo, começando pelas mãos, depois pelos braços, pernas, tronco e cabeça. Diga para sacudirem todas as partes do corpo. Diga para começarem a andar pelo espaço em volta, depois correr e depois correr ainda mais depressa. Mantenha o grupo em movimento rápido por um minuto, para aumentar a frequência cardíaca deles. Diga às crianças para pararem e ficarem quietinhas (podem ficar em pé, sentadas ou deitadas). Diga para sentirem o que está a acontecer no corpo delas, sentirem o coração a bater, sentirem algum formigueiro na barriga, pernas ou braços. Sentirem o calor no corpo. Diga-lhe que essa é a energia deles, a sua energia interior. Diga que às vezes parece que é difícil acalmar, mas podemos lembrar que é possível acalmar a nossa energia do corpo. 	<p>Nenhum / 20 minutos</p>	<p>Registe como o grupo acolheu e se envolveu na actividade; se alguma criança preferiu não participar; se alguma precisou de mais apoio e proximidade para sentir confiança/segurança para fazer o que foi pedido; se observou algum sinal de alerta (ver anexo 12A).</p> <p>Registe se alguma criança choramingou, se apresentou comportamentos mais infantis ou se queixou de dores.</p>

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS / DURAÇÃO	MONITORIA
	<ul style="list-style-type: none"> Diga às crianças que o chão firme ajuda o corpo a estar seguro. Pode dizer que quem ficar confortável pode estar de olhos fechados. Diga às crianças para pensarem em alguém que as ajuda a sentirem-se seguras. Diga para usarem a energia interior para sentir o apoio dessas pessoas e o carinho delas. Depois diga para abrirem os olhos devagar e comecem a mexer devagar o corpo, desde os dedos, mãos, braços, ombros, cabeças de um lado para o outro e voltar ao “normal”. Conversem sobre o que sentiram, qual a diferença de sensações nos vários momentos, onde se sentiram mais confortáveis, conseguiram acalmar a energia interior. 	<p>Nenhum / 20 minutos</p>	<p>Registe como o grupo acolheu e se envolveu na actividade; se alguma criança preferiu não participar; se alguma precisou de mais apoio e proximidade para sentir confiança/segurança para fazer o que foi pedido; se observou algum sinal de alerta (ver anexo 12A).</p> <p>Registe se alguma criança choramingou, se apresentou comportamentos mais infantis ou se queixou de dores.</p>
<p>Ajudar as crianças a acalmarem e a auto regularem as suas emoções</p>	<ul style="list-style-type: none"> Peça as crianças para sentarem numa posição confortável e diga-lhe que vão respirar de uma maneira diferente, que pode ajudar o corpo a acalmar: Cada um pensa na sua cor preferida. Quando o ar entra pelo nariz pensem na vossa cor preferida e nas coisas bonitas que associam a essa cor; Quando expiram, deitam o ar fora, pelo nariz ou pela boca, pensem na cor cinzenta e deixem sair com esse ar todas as sensações desagradáveis que estão dentro. Vamos tentar juntos, inspirem devagar e expirem. Pensem na cor bonita quando o ar entra e no cinzento quando o ar sai. 	<p>Nenhum / 10 minutos</p>	<p>Registe como o grupo acolheu e se envolveu na actividade; se alguma criança preferiu não participar; se alguma precisou de mais apoio e proximidade para sentir confiança/segurança para fazer o que foi pedido; se observou algum sinal de alerta (ver anexo 12A).</p> <p>Registe se alguma criança choramingou, se apresentou comportamentos mais infantis ou se queixou de dores.</p>

Baseado no *Catalogue for child friendly spaces low res.pdf* e no *PFA for schools. Field operations guide*. pdf

TEMÁTICAS: Fortalecimento das relações de entreajuda e pertença ao grupo; Promover competências de regulação emocional e bem-estar psicossocial; Promover competências de relacionamento interpessoal positivas; Estimular competências de resolução de problemas e conflitos; Desenvolver competências para lidar com as emoções e gestão de stress			
Idades recomendadas:		12 a 18 anos	
OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS / DURAÇÃO	MONITORIA
Estimular a interação, conhecimento mútuo e apoio	<ul style="list-style-type: none"> • Divida o grupo em pares e peça a cada um para entrevistar o seu par durante 5 minutos para conhecer a sua vida e principais interesses. • Peça para trocarem de papeis dentro do par. • Reúna todos no grande grupo e peça para cada um apresentar o seu par e não a si próprio. 	Nenhum / 30 minutos	Registe se: <ul style="list-style-type: none"> • Alguém não quis falar em plenária; • Alguém mencionou alguma situação de alarme sobre o seu par; • Quantos alunos participaram, quantos rapazes e quantos raparigas; • Registe como foi o envolvimento do grupo na actividade. • Registe se alguém apresentou comportamentos de oposição, desafio, de muita fantasia, de culpa ou vergonha muito marcados.
Criar boa disposição, gerar mais energia e concentração no grupo, estimular atenção, concentração e memória. Experiência de lidar com o stress e pressão.	<ul style="list-style-type: none"> • Peça para formarem grupos de 10 alunos/as; Entregue uma bola a cada grupo e diga que o objectivo é atirarem a bola entre si, com as seguintes regras: - a bola não cair ao chão; cada um só apanha e lança a bola uma vez; não podem atirar a quem está imediatamente ao seu lado esquerdo e direito. 	Várias bolas (podem ser feitas de qualquer material, até de papel amassado) / 30 minutos	Registe se: <ul style="list-style-type: none"> • Alguém não quis falar em plenária; • Alguém mencionou alguma situação de alarme sobre o seu par; • Quantos alunos participaram, quantos rapazes e quantos raparigas;

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS / DURAÇÃO	MONITORIA
	<ul style="list-style-type: none"> Quando chegarem ao final podem recomeçar e treinar várias vezes. Pode dificultar introduzindo mais uma ou duas bolas em cada grupo, sendo que os jogadores têm sempre de cumprir as mesmas regras para todas as bolas. No final reúna todos os alunos e peça que falem sobre a experiência. O que foi fácil/difícil para cada um? Se gostariam de ter feito algo diferente,... 		<ul style="list-style-type: none"> Registe como foi o envolvimento do grupo na actividade. Registe se alguém apresentou comportamentos de oposição, desafio, de muita fantasia, de culpa ou vergonha muito marcados.
<p>Desenvolver capacidade de ler os sinais do outro, empatia, compreender como uns influenciam os outros</p>	<ul style="list-style-type: none"> Peça ao grupo para se dividir a meio e fazer 2 filas, com cada um frente ao outro. Explique os alunos da fila do lado esquerdo vão ser actores e os do lado direito vão ser o espelho daquilo que os actores vão fazer. Diga uma palavra que represente uma vivência positiva (ex: coragem, felicidade, tranquilidade) e os actores vão ter de representar esse estado de espírito e os espelhos terão que imitar. Diga 3 estados de espírito (positivos ou negativos) para a mesma linha de actores, depois diga para trocaram de papéis e diga mais 3. Pedir para sentarem em círculo e falarem sobre a experiência. Fácil/difícil? O que sentiram? As mesmas emoções podem manifestar-se de formas diferentes em diferentes pessoas e podemos também ser influenciados pelo estado de espírito do outro. A atenção a sinais não verbais ajuda a “ler” o estado de espírito da outra pessoa. 	<p>Nenhum / 10 minutos</p>	<p>Registe se:</p> <ul style="list-style-type: none"> Alguém não quis falar em plenária; Alguém mencionou alguma situação de alarme sobre o seu par; Quantos alunos participaram, quantos rapazes e quantos raparigas; Registe como foi o envolvimento do grupo na actividade. Registe se alguém apresentou comportamentos de oposição, desafio, de muita fantasia, de culpa ou vergonha muito marcados.

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	RECURSOS / DURAÇÃO	MONITORIA
<p>Resolução de problemas, cria-tividades, espírito de entre ajuda</p>	<ul style="list-style-type: none"> Organize a turma em grupos de 7 alunos (pode ajustar o nº conforme a dimensão do grupo) e passe por cada grupo um saco/chapéu com 7 papelinhos. Cada elemento deve tirar um papelinho que está dobrado. Não é permitido falarem entre si e vão descobrir que cada papel tem o nome de um animal. Eles terão de organizar uma sequência de animais, pelo seu tamanho, do mais pequeno até ao maior. No final, reunir em plenária e partilharem como foi a experiência: o que foi fácil/difícil? Que estratégias cada grupo encontrou? Que sentimentos tiveram? O que podem associar com a vida do dia a dia? 	<p>7 papelinhos com um nome de animal escrito em cada Um saco ou chapéu para colocar os papelinhos / 20 a 30 minutos, dependendo da dimensão do grupo</p>	<p>Registe se:</p> <ul style="list-style-type: none"> Alguém não quis falar em plenária; Alguém mencionou alguma situação de alarme sobre o seu par; Quantos alunos participaram, quantos rapazes e quantos raparigas; Registe como foi o envolvimento do grupo na actividade. Registe se alguém apresentou comportamentos de oposição, desafio, de muita fantasia, de culpa ou vergonha muito marcados.
<p>Ajudar os jovens a estarem mais conscientes das suas emoções e terem ferramentas para melhor gerir o stress</p>	<ul style="list-style-type: none"> Diga aos seus alunos e alunas para se sentarem numa posição confortável e sintam o ar a entrar e sair, durante a respiração. Silenciosamente digam a si próprios “estou a encher o meu corpo com calma” e continuem na inspiração e expiração calma. Silenciosamente digam a vocês próprios “estou a deixar sair a tensão” e continuem a respirar a dizer mentalmente a frase. Repitam 5 vezes e podem retomar lentamente ao estado “normal” 	<p>Nenhum / 10 minutos</p>	<p>Registe se:</p> <ul style="list-style-type: none"> Alguém não quis falar em plenária; Alguém mencionou alguma situação de alarme sobre o seu par; Registe se alguém apresentou comportamentos de oposição, desafio, de muita fantasia, de culpa ou vergonha muito marcados.

Baseado no *Danish Red Cross and IFRC Reference Centre for Psychosocial Support (2015) The Resilience Programme for Young Men – A psychosocial handbook e PFA for schools. Field operations guide.pdf*

PROPOSTAS DE ACTIVIDADES A DESENVOLVER COM AS FAMÍLIAS

Uma estratégia integrada de combate e resposta ao fenómeno da violência nas escolas e em particular contra a criança, necessita do envolvimento activo das pessoas mais importantes da vida de cada criança. A família deve, por isso, sempre que possível, estar envolvida nos mecanismos de protecção do bem-estar integral das crianças.

É importante:

- consciencializar as famílias para a importância de estarem envolvidas na educação e desenvolvimento saudável das suas crianças;
- informar sobre direitos e deveres para com as crianças e mecanismos de protecção e apoio na comunidade;
- apoiar as famílias a reflectirem sobre algumas práticas de parentalidade menos positivas, como os castigos corporais, seus impactos nas crianças e formas alternativas/positivas de lidar com as crianças;
- informar as famílias sobre os Sinais de Alerta, para que também possam estar atentas e rapidamente identificar alguma ocorrência.

Para tal podem ser desenvolvidas, por exemplo, as seguintes actividades:

- pequenas sessões de sensibilização¹⁰ na escola ou na comunidade sobre: os direitos das crianças; importância do acesso à educação; factores de protecção e factores de risco para o desenvolvimento saudável da criança; tipos de violência contra a criança, sinais de alerta e mecanismos de resposta na comunidade (ver anexos respectivos);
- sugerir a criação ou apoiar a facilitação de grupos de ajuda mútua entre pais/encarregados de educação. Nesses grupos os pais podem partilhar as suas memórias de quando foram crianças, o que aprenderam, sentiram falta e o que querem alcançar para os seus filhos e que meios têm à sua disposição/precisam desenvolver;
- é importante informar os pais que é muito comum o perpetrador ser uma pessoa próxima da vítima¹¹, frequentemente um familiar (tio, tia, padrasto,...), para que estes possam estar alerta;
- nas sensibilizações, grupos de pais ou em conversas com famílias em particular, motive-as a reflectir em conjunto sobre como é possível proteger as crianças dos riscos de violência na comunidade, família e/ou escola?

MÓDULO 13

Violência contra a criança



MÓDULO 13

Violência contra a criança

Materiais necessários: Papel, canetas, quadro na sala de aula ou *flipchart* e marcadores

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

No final da sessão, os participantes devem:

- Compreender as causas, consequências, diferentes tipos de violência contra a criança e sinais de alerta;
- Compreender o papel da escola na prevenção, resposta e assistência a casos de violência contra a criança;
- Demonstrar o nível de resposta que a escola deve oferecer nos casos de violência contra a criança, de acordo com os Princípios Orientadores da Resposta;
- Entender os casos que ultrapassam o nível de actuação das escolas e encaminhar para os serviços específicos, de acordo com o tipo de caso, utilizando adequadamente o Mecanismo de Identificação, Denúncia e Encaminhamento de Casos;
- Saber como funciona o Mecanismo de Identificação, Denúncia e Encaminhamento de Casos de Violência contra a criança nas escolas.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

1. O que é que está na sala? (Tipos de Violência contra as Crianças)

O/a facilitador/a propõe ao grupo que observe a sala e tudo o que está dentro dela, durante 5 minutos e com máxima atenção aos objectos presentes e suas características;

Depois pede a todos para taparem/fecharem os olhos sem os abrir, até que o/a facilitador/dê um sinal para abrir os olhos; Enquanto os participantes se encontram de olhos fechados, o/a facilitador/a vai trocar objectos de sítio na sala (pode ser pequenos objectos na mesa de apoio à formação, podem ser cadeiras vazias, alterar a posição de portas/janelas entre o aberto/fechado, pode ser modificar as luzes,...). É importante fazer modificações muito evidentes e outras muito discretas;

Depois avisa os participantes para abrirem os olhos e pede para que olhem de novo à sua volta, perguntando se alguém nota alguma diferença na sala; Estimula a participação de todos e se necessário pode dar pistas sobre as alterações, tentando sempre que sejam os participantes a descobrir o que foi alterado; Podem conversar sobre o que é que ajuda a ter mais sucesso neste tipo de actividades (atenção/memorização/o grau de familiaridade com o espaço, ...).

RESULTADOS ESPERADOS**Os participantes são capazes de:**

- Identificar sinais de Alerta de violência (sinais físicos, mudança de comportamento) nas crianças;
- Conhecer vários tipos, causas e consequências de violência contra a criança;
- Entender as ações de resposta que a escola deve acionar para responder a casos de violência contra a criança;
- Avaliar os riscos, factores de protecção e necessidades para cada caso, de forma a definir se é necessária uma resposta ao nível da escola e/ou um encaminhamento a outros serviços;
- Preencher o Protocolo de referência para os casos que ultrapassam o nível de actuação da escola;
- Interpretar o fluxograma;
- Monitorar as respostas de seguimento ao caso.

Estabelecer um paralelismo com a atitude de observação e atenção, aos sinais de alerta, para identificar crianças em situação difícil, em particular situações de violência.

Perguntar aos participantes se recordam os sinais de alerta abordados no módulo de Violência Baseada no Género (VBG) e dizer quais? Perguntar se recordam algum caso específico de alguma criança que conheceram com alguns desses sinais e se eram consequência de situações de violência? Aproveitar para abordar que existem vários tipos de violência e que os sinais podem ser mais ou menos evidentes, assim como nas modificações na sala algumas foram pequenas e discretas, outras foram mais evidentes e mais fáceis de todos darem conta (Ver anexo 13A com os tipos de violência e 12A com os Sinais de Alerta).

NOTAS:

- São vários os tipos de violência que podem ocorrer contra a criança, entre eles: castigos corporais, agressões e quaisquer atentados contra a integridade física; assédio sexual, violação ou abuso sexual; uniões prematuras; intimidação, humilhação e violência emocional; furtos e destruição de bens ou *bullying* (incluindo *cyberbullying*). Todos (alunos, professores e funcionários) devem estar sensibilizados para identificar e referenciar estes tipos de violência, porque são inaceitáveis;
- Os anexos 12B-*Actividades na escola* e anexo 13G-*Actividades para avaliação do risco*, podem ser recursos úteis para utilizar com as crianças, permitindo conhecê-las melhor, identificar sinais de alerta, definir se há uma situação de risco e se é necessário abordar e encaminhar a criança a serviços especializados.

2. Palavras Soltas (Causas(C), consequências(c), tipos(T) e sinais de alerta(S) de situações de Violência Contra a Criança)

O facilitador escreve a seguinte lista de expressões numa coluna no quadro ou flipchart (sem colocar a letra entre parênteses que revela a resposta): (castigo corporal(T)/normas de género(C)/assédio sexual(T)/efeitos negativos na saúde(c)/perdas de urina frequentes e queixas abdominais(S)/uniões prematuras(T)/lesões físicas incompatíveis com a justificação(S)/assimetria nas relações de poder(C)/gozar diariamente com colega no recreio(T)/diminuição do rendimento escolar(S)/ dependência económica da mulher face ao homem(C)/humilhação(T)/abandono escolar(c)/desinteresse repentino da criança por algo que gostava(S)/alterações no sono e apetite(S)/ estigmatização(c)/crenças(C)/violação sexual (T)/interfere com o desenvolvimento da criança(c)/ isolamento (C)/ depressão (c)/ gravidez precoce e indesejada (c).

Separadamente, no quadro ou em flipchart desenha 4 colunas, cada uma com um título: 1- causas da violência nas escolas; 2- consequências/impacto nas crianças; 3- tipos de violência contra as crianças; 4 – Sinais de alerta/Indicadores de violência.

Pedir aos participantes para lerem, em voz baixa, todas as palavras e identificarem qual a coluna onde cada uma pertence.

É sugerido aos participantes, um a um, que se dirijam ao quadro/flipchart e escrevam uma ou mais expressões (dependendo do nº de participantes e permitindo que todos participem) na coluna correspondente.

Dar a possibilidade ao grupo para escrever outras palavras/expressões que considerem importantes e que não estejam na lista.

Depois, possibilitar a discussão em plenária para perceber se todos têm estas ideias claras sobre o que são as causas de violência e quais os seus impactos nas crianças, assim como sobre os vários tipos de violência e sinais de alerta/indicadores a que devem estar atentos.

Ver Anexo 13B – Causas e Consequências.

3. Estudo de Caso para avaliação de risco e encaminhamento

Mantendo o material da actividade anterior exposto, o/a facilitador/a passa a falar sobre o Fluxograma do Mecanismo Multi-sectorial para a Prevenção, Denúncia, Encaminhamento, Resposta e Assistência às Vítimas de Violência na Escola, com apoio do anexo 13C e anexo 13D-Princípios Orientadores.

Depois sugere que os participantes se organizem em pequenos grupos, de forma a cada grupo ficar com um dos tipos de violência escritos nas colunas da actividade anterior. Cada grupo terá de imaginar um caso para esse tipo de violência, apontando toda a informação que é necessário reunir, para avaliar o risco e definir a resposta a dar. Garantir que os grupos identificam pelo menos um factor de risco de cada nível (individual, familiar e social/contextual) e algum factor de protecção (qual(ais)), até apurarem se é um caso de alto, médio ou baixo risco (Ver anexo 13F – Avaliação do Risco).

O facilitador ajuda os grupos a definirem o percurso, desde a denúncia até ao seguimento, ou seja: decidirem para o seu caso hipotético, se a denúncia foi feita por alguém anónimo ou identificado e como foi feita (número 116, caixa de reclamação e sugestão, junto de um adulto, ao ponto focal de género ou outro professor). Deve ajudar o grupo a desenhar, em esquema no papel, o que acontece a seguir, de acordo com as características que escolheram para o caso. Ver fluxograma do mecanismo de denúncia, resposta, assistência e encaminhamento no anexo 13C e explorar dúvidas dos participantes sobre o processo de avaliação do risco e decisões de denúncia, resposta, assistência e encaminhamento, com apoio do mesmo anexo. O Facilitador apresenta também o Mapa de Ocorrências aos participantes, exemplificando como, quando e para que deve ser preenchido (Anexo 13H). No final, reunir os participantes em plenária e, dependendo do tempo disponível, pode sugerir que cada grupo apresente o seu caso, com apoio do esquema que desenhou ou apenas dinamizar uma partilha sobre a actividade, em plenária. Neste momento é importante detalhar o papel da escola nas diferentes etapas de prevenção, resposta e assistência às crianças vítimas de violência (ver anexo 13E).

NOTAS:

- Em **casos de menor risco**, como por exemplo *Bullying*, castigos corporais ou violência verbal, a resposta a activar pode ser ao nível da escola, através dos Primeiros Socorros Psicológicos (PSP) e Apoio Psicossocial (AP) e/ou encaminhamento para a Acção Social (AS), nos casos necessários. Consultar Sinais de Alerta, Avaliação de Risco/Factores de Protecção e Papel da Escola, nos Anexos 12A; 13F; 13G e 13E, respectivamente).
- Quando o perpetrador for o **director da escola**, o caso deve ser encaminhado directamente aos serviços distritais ou direcções provinciais de Educação para abertura de processo disciplinar. No caso de **violação sexual ou violência física grave** o caso deve ser encaminhado primeiramente às autoridades policiais. Quando o perpetrador **não é o director** da escola, a pessoa que identifica o caso deve encaminhá-lo para ele, para que o director encaminhe às instâncias devidas, de acordo com a gravidade do caso, dando início a um **processo disciplinar** e fazendo **denúncia à polícia** e ao mesmo tempo providenciar **apoio à vítima (até às 72 horas)**. Ver anexo 13C).

AVALIAÇÃO:

Avaliar através de uma breve discussão, ou perguntas ou observação, se os participantes são capazes de:

- **Conhecimento:** reconhecem situações de sinais de alerta para identificar casos de violência contra a criança; compreendem as causas e consequências da Violência contra a criança; avaliam as necessidades e os riscos em cada caso; decidem se a resposta é dada pela escola ou se deve ser encaminhado o caso a serviços específicos de protecção da criança; avaliam quando é necessário os dois encaminhamentos em paralelo (processo disciplinar e processo de crime);
- **Habilidades:** demonstram capacidade de escuta activa, empatia com o outro e tomada de decisão sobre o apoio e a activação de mecanismos de referência. demonstram ser solidários e atentos;
- **Valores/comportamento:** demonstram atitudes de compreensão e respeito pelo outro e pela situação que está a viver. Revelam espírito de justiça e protecção pelas crianças. Mostram compromisso com o dever de denúncia.

ANEXO 13A

Tipos de violência contra crianças na escola

A violência contra a criança mina o direito ao acesso a uma educação de qualidade, equitativa e inclusiva. Muitas vezes a violência não é denunciada, fazendo com que as vítimas não recebam o apoio e a assistência necessários para a sua reabilitação e reinserção na escola, implicando da mesma forma a não responsabilização dos perpetradores, de acordo com a lei.

As causas da falta de denúncia são várias, sendo as mais conhecidas o medo da exposição e desonra da família, o receio de represálias, o desconhecimento das leis, dos mecanismos de denúncia e a impunidade dos perpetradores.

Existem vários **Tipos de violência contra a Criança na Escola**¹² que podem ocorrer no âmbito escolar e que interferem negativamente no acesso, aproveitamento e progressão da criança na escola:

ABUSO SEXUAL	Qualquer acto de natureza sexual, envolvendo ou não relação sexual. O abuso sexual inclui: carícias sem consentimento, beijo com o uso da força, insinuações indecentes, tentativas de beijar com o uso da força, propostas sexuais indecentes, tentativas ou consumação da relação sexual com recurso à força ou à sedução” (MINEDH, 2015).
ASSÉDIO SEXUAL	1) Constranger sexualmente alguém com promessa de benefício de qualquer natureza; 2) Abusar da autoridade que lhe conferem as suas funções, assediar sexualmente outra pessoa com ordens, coerção ou intimidação para obter vantagens ou benefícios de natureza sexual e 3) Constranger alguém com o intuito de obter vantagem ou favorecimento sexual, prevalecendo-se o agente da sua condição de superior hierárquico, por meio de ameaça ou coerção” (Código Penal).
VIOLÊNCIA SEXUAL DE CRIANÇAS	“Uso de crianças para fins sexuais, com ou sem uso da força”, até mesmo com o seu consentimento. Ex: 1) envolvimento sexual de um professor/funcionário com um/a aluno/a e manter relações sexuais; 2) quando um adulto mostra à criança filmes e fotos pornográficos, órgãos genitais e 3) quando alguém toca nas suas partes íntimas (MINEDH, 2015). Pode acontecer no âmbito escolar, envolvendo quer professores, quer funcionários ou direção, durante ou fora das actividades escolares e no percurso casa-escola e vice-versa.
VIOLÊNCIA FÍSICA	Consiste em bater, pontapear, mandar ajoelhar, mandar fazer trabalhos como castigo ou punição, puxar as orelhas (castigos corporais). Por exemplo quando um professor bate num aluno porque não fez trabalhos de casa ou fez alguma indisciplina” (MINEDH, 2015) ou quando há agressões (físicas ou verbais, repetidas entre pares: <i>Bullying</i>)
UNIÕES PREMATURAS	“É a ligação entre pessoas, em que pelo menos uma seja criança, formada com propósito imediato ou futuro de constituir família. O casamento, noivado, a união de facto ou qualquer relação que seja equiparável à relação de conjugalidade, independentemente da sua designação regional ou local, envolvendo criança, são havidos como união prematura nos termos da presente lei.” ¹³
VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA	Consiste em usar palavras agressivas para ofender a criança ou outra pessoa, criando danos psicológicos. Por exemplo, quando o professor chama uma criança de burra, estúpida ou preguiçosa” (MINEDH, 2015). Também actos de <i>bullying</i> , tais como coerção, intimidação e ameaças são formas de violência psicológica.
NEGLIGÊNCIA	Falta de resposta às necessidades físicas (como comida, abrigo, roupas), psicológicas, protecção contra o perigo e falta de resposta a casos identificados de violência, impedindo o acesso aos serviços essenciais para criança. Por exemplo, absentismo entre os professores e deliberadamente fornecer uma educação abaixo do padrão.

NOTA A RETER:

As situações de violência contra as crianças assumem, frequentemente, várias formas em simultâneo.

Exemplo:

- Os maus tratos emocionais/psicológicos estão presentes em qualquer forma de violência;
- As situações de maus tratos físicos, além de terem associado o abuso psicológico, envolvem normalmente, situações de negligência (parental ou mesmo escolar);
- A violência sexual tende a associar-se aos maus tratos físicos e aos maus tratos psicológicos/emocionais.
- As uniões forçadas estão geralmente associados ao abuso sexual, a violência psicológica e a negligência por parte da família,;
- As raparigas forçadas a uniões prematuras estão mais sujeitas a todos os tipos de violência, considerando que há uma relação de poder desigual entre a rapariga e o futuro marido (muitas vezes de idade muito superior à dela).

ANEXO 13B

Causas das situações de violência contra as crianças

As causas da Violência Contra as Crianças estão profundamente enraizadas nos aspectos da cultura e tolerância social em relação à vitimização das meninas e à perpetração de violência pelos meninos. Este tipo de abuso é, geralmente, aceite e percebido como normal, quer na escola, quer na família, como forma de educar/disciplinar. Por acréscimo, os sentimentos de vergonha, medo e crença de que ninguém pode ajudar, levam a índices muito baixos de denúncias às autoridades.

Daí que a escola e os professores desempenham um papel fundamental para influenciar uma mudança de normas culturais relacionadas com o género, a infância e a masculinidade. É um aspecto particularmente importante para alcançar a equidade de género, reduzir a violência contra as crianças, em particular contra as meninas/raparigas, implementar acções de prevenção e atender às necessidades específicas de cuidados e apoio que estão ao alcance da escola. Para casos mais específicos cabe à escola o papel de encaminhar a outros serviços, como também é descrito neste módulo.

A violência contra criança na escola afecta rapazes e raparigas. Contudo, as raparigas e as crianças com deficiência são as mais afectadas devido à sua vulnerabilidade a factores sociais, económicos e às relações de género existentes no país.

É importante lembrar que, na fase de combate à pandemia COVID-19, aumentaram as situações de risco e vulnerabilidade, principalmente para crianças e mulheres, a situações de violência. Esta situação decorre da conjugação de várias circunstâncias, tais como: o encerramento das escolas; a maior dificuldade em reportar ocorrências e pedir ajuda, assim como em aceder a serviços de proteção; reduzida proteção familiar; redução da renda familiar; responsabilidades domésticas acrescidas; maior risco de exploração sexual, inclusive para subsistência; aumento dos níveis de trabalho infantil forçado, *stress* e angústia face ao medo e à doença e o estigma e discriminação social dirigidos aos infectados e afectados pela COVID- 19.

SOCIAIS	DESENVOLVIMENTAIS
<p>Há consequências várias ao nível da saúde pública, da economia e educação que reduzem a capacidade produtiva das gerações futuras de um país. Exemplo: as crianças que crescem em ambientes violentos tendem a reproduzir modelos de violência quando são adultas, perpetuando ciclos de violência. Este cenário dificulta a melhoria dos indicadores de sucesso na educação e exigem maior investimento em saúde pública, e nos serviços de resposta à violência, educação e bem-estar infantil.</p>	<p>A exposição precoce a actos de violência pode prejudicar o desenvolvimento cerebral da criança e produzir danos no sistema nervoso, assim como noutros sistemas do organismo (endócrino, reprodutivo, músculo-esquelético, imune entre outros). Ex: traumatismos cranianos; fracturas, infertilidade; hemorragias, úlceras.</p>
SOCIOFAMILIARES	SAÚDE
<p>Muitas vezes as crianças optam por se afastar dos contextos familiares de violência, ficando a viver na rua, sujeitas a trabalho e exploração infantil e ainda exclusão social.</p>	<p>Vários estudos demonstram que a violência na infância aumenta o risco de: lesões; problemas de saúde mental; doenças sexualmente transmissíveis; atrasos no desenvolvimento cognitivo; comprometimento no desempenho escolar; desistência da escola; gravidez precoce e problemas de saúde reprodutiva, entre outros.</p>

ANEXO 13C

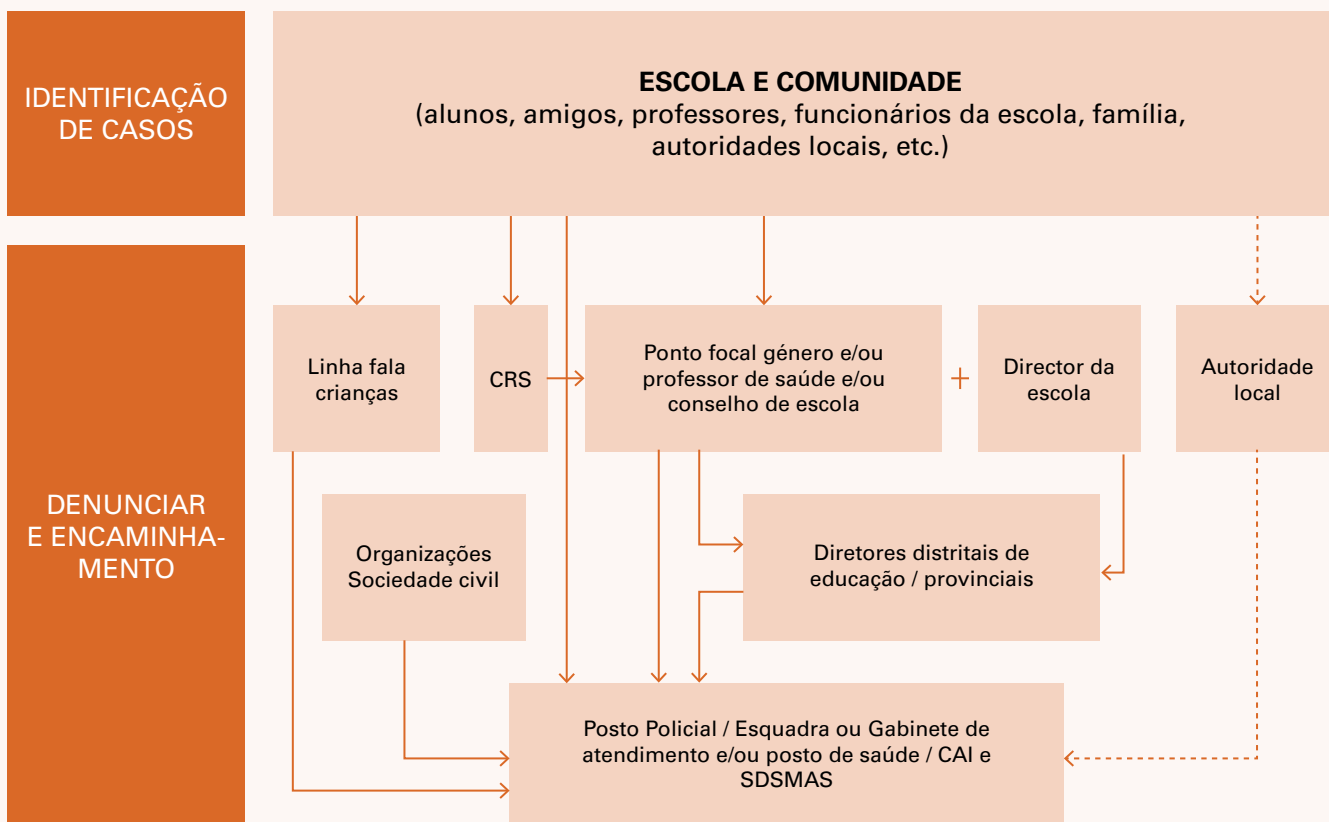
Fluxograma de denúncia, encaminhamento, resposta e assistência a vítima

De maus tratos, abuso ou violência contra a criança na escola, ou sinalizado na escola para proteção da criança e penalização dos agressores¹⁴ **A denúncia é obrigatória, especialmente para os sectores da Educação, Saúde e Acção Social (Artº20, Lei nº7/2008, de 97)**

INTRODUÇÃO

O fluxograma é uma representação gráfica do mecanismo de denúncia, encaminhamento, resposta e assistência a vítimas de violência na escola ou de casos de violência sinalizados na escola. Pretende-se, desta forma, simplificar o caminho a seguir nestes casos e a forma como todos os actores e serviços podem interagir para uma resposta eficiente que, por um lado **proteja as crianças**, e por outro lado **penalize os agressores**. Partindo da escola e da comunidade, onde os casos são identificados, o fluxograma está estruturado para orientar a população e os serviços nas **duas fases cruciais** deste processo: a denúncia e o encaminhamento do caso e depois a resposta e a assistência à vítima.

IDENTIFICAÇÃO, DENÚNCIA E ENCAMINHAMENTO DE CASOS



IDENTIFICAÇÃO

É da **responsabilidade de todos identificar casos de violência contra crianças** e adolescentes na escola e na comunidade.

Para que os casos sejam identificados é importante que **todos estejam informados** e conscientes **dos sinais de alerta e tipos de violência que afectam os alunos**: castigos corporais, agressões e quaisquer atentados contra a integridade física; assédio sexual, violação ou abuso sexual; intimidação, humilhação e violência emocional; furtos e destruição de bens ou bullying (incluindo cyberbullying).

Estes casos, quer sejam perpetrados por **professores, funcionários da escola ou outros alunos**, são alguns exemplos de violência a que todos devem estar atentos para proteger as crianças. É importante que os próprios alunos sejam capazes de reconhecer estes casos de violência, como **algo inaceitável**, para poderem identificar quando eles próprios ou os seus colegas estão a ser vítimas de violência e abuso. Os professores e outros funcionários da escola, as autoridades locais, a comunidade e a família devem também estar conscientes e atentos para poderem identificar estes casos de violência, pois é o primeiro passo para proteger as crianças e adolescentes.

DENÚNCIA E ENCAMINHAMENTO

Denúncia:

Uma vez identificados os casos de violência, é importante que estes sejam denunciados e encaminhados. **A denúncia é obrigatória**, especialmente para os sectores da Educação, Saúde e Acção Social (Artº20, Lei nº7/2008, de 97). A denúncia nem sempre é um processo ou uma decisão fácil de tomar, pois quem identifica o caso pode ter preocupações com o seu anonimato, com possíveis retaliações ou simplesmente pode não saber o que fazer. Assim, **existem mecanismos de denúncia variados**, adequados à pessoa que identificou o caso (aluno/criança ou adulto) e à gravidade do caso de violência.

Dentro da escola:

Quando o caso é identificado por um **aluno** e este quer preservar o seu anonimato pode fazer a denúncia através da **Linha Fala Criança (LFC)** com uma **chamada telefónica gratuita para o número 116**, onde fornecerá os dados necessários para que estes depois façam o encaminhamento do caso, ou pode também fazer a denúncia através das **Caixas de Reclamação e Sugestões** colocadas nas escolas, colocando um bilhete com a descrição do caso e a **informação suficiente** para que a escola possa depois dar seguimento e agir. Outra via de denúncia é a exposição directa do caso **ao Ponto Focal de Género, ao Ponto Focal de Saúde Escolar ou ao Conselho de Escola**.

No caso de a identificação ser feita por um **adulto**, dentro da escola (professor ou outro funcionário) aconselha-se o uso da Caixa de Reclamações e a LFC, se este quiser manter o anonimato, ou a exposição do caso ao Conselho de Escola. **Nos casos de violência sexual ou violência física grave** a pessoa que identifica o caso (criança ou adulto) deve dirigir-se a um **Posto de Polícia ou Esquadra, a um Gabinete de Atendimento à Família e Menores, Centro de Acolhimento Integrado (CAI) ou SDSMAS** (a nível do distrito) e/ou a um Posto de Saúde (para a vítima poder ter acesso a **medicamentos para evitar gravidez e para evitar a transmissão do HIV-SIDA e outras doenças sexualmente transmissíveis**).

Fora da escola:

Quando o caso de violência é identificado, fora da escola, normalmente por um membro da família ou da comunidade, a denúncia deve ser feita através da LFC (no caso de se querer manter o anonimato), ou directamente na Polícia, CAI, Posto de Saúde ou SDSMAS.

Em alguns casos, a comunidade prefere denunciar à **autoridade local que, mesmo não tendo mandato para resolução deste tipo de casos**, tem a **obrigação de fazer a denúncia a outras instâncias**. Portanto, se a pessoa denunciou o caso à autoridade local (líder comunitário, régulo etc.) eles têm obrigação de encaminhar o caso de abuso e violência sexual e de violência física grave para as instâncias competentes (Polícia/Posto de Saude/CAI/SDSMAS).

Encaminhamento:

Após a denúncia, pelas diferentes vias, o encaminhamento de casos é feito da seguinte forma:

Linha Fala Criança (116) – Recebe a denúncia do caso e encaminha directamente para as autoridades policiais, Posto de Saúde, CAI ou SDSMAS ou encaminha para Organizações da Sociedade Civil que, por sua vez, o encaminham para as mesmas instituições.

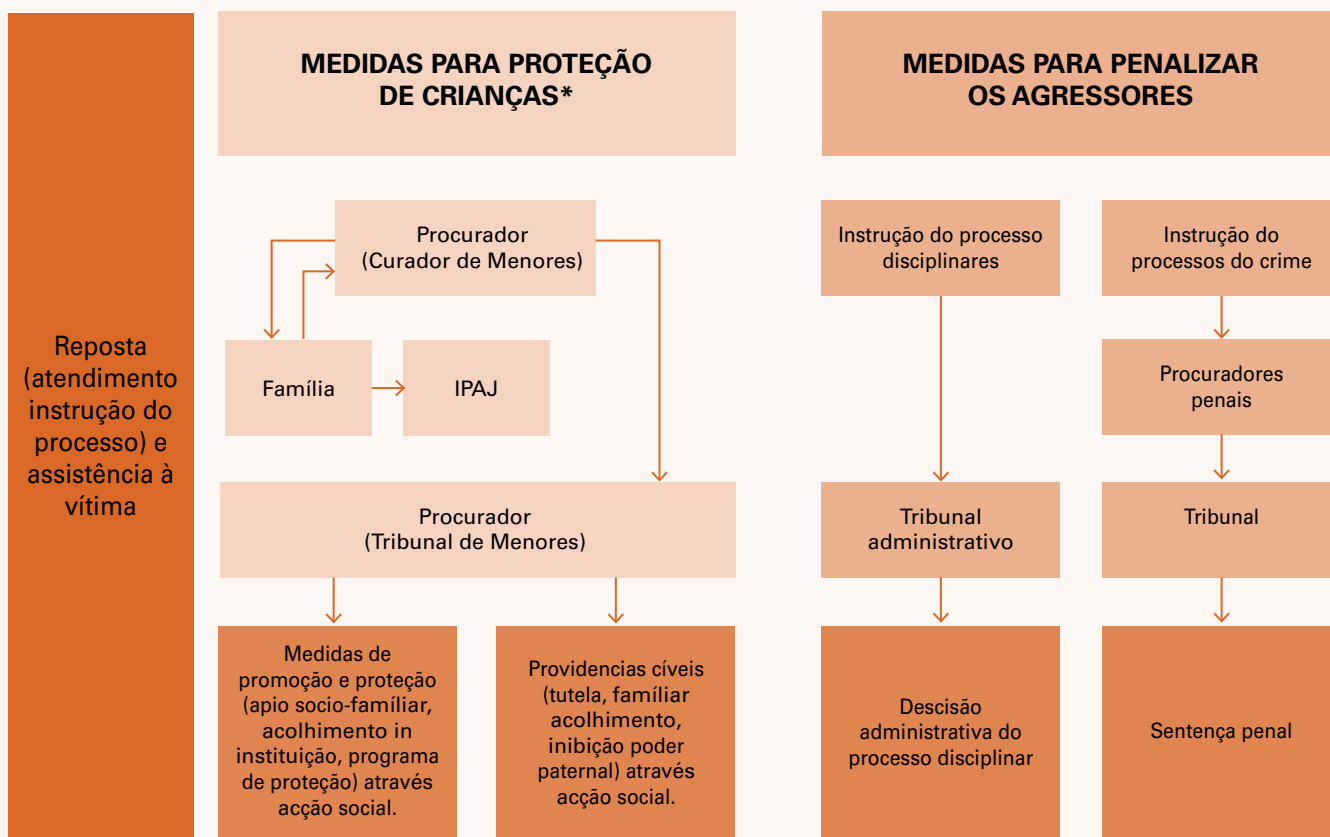
Caixa de Reclamação e Sugestão – Conforme a indicação do MINEDH a Caixa de Reclamações e Sugestões é **aberta pelo Ponto focal de género, Ponto Focal de Saúde Escolar e um membro do Conselho de Escola**. Quando o caso de violência está bem identificado há várias formas de encaminhamento, dependendo do caso: se o director da escola estiver envolvido o caso deve ser encaminhado directamente para os serviços distritais e direcção provincial de educação para abertura de processo disciplinar. **No caso de violência sexual ou violência física grave** tem que se encaminhar directamente para as autoridades policiais, para o Posto de Saúde, CAI ou SDSMAS. Se o director da escola não estiver envolvido no caso de violência, deve ser ele a abrir o processo disciplinar contra o professor ou funcionário envolvido.

Ponto Focal de Género, Ponto Focal de Saúde Escolar, Conselho de Escola – Quando recebem uma denúncia dos alunos, ou através da CRS, devem considerar o seguinte: Quando o perpetrador é o director da escola, o caso deve ser encaminhado directamente aos serviços distritais ou direcções provinciais de Educação para abertura de processo disciplinar, **mas no caso de violação sexual ou violência física grave, o caso deve ser encaminhado directamente às autoridades policiais.** Quando o perpetrador não é o director da escola, a pessoa que identifica o caso deve encaminhá-lo a ele, para que o próprio encaminhe às instâncias devidas de acordo com a gravidade do caso, dando início a um processo disciplinar e fazendo denúncia à polícia.

Posto Policial/Esquadra, Posto de Saúde/CAI e SDSMAS – Quando recebem as denúncias os procedimentos das diferentes instituições são os seguintes: Posto de Polícia ou Esquadra, faz o auto e encaminha a vítima ao Posto de Saúde e contacta a Procuradoria para a instrução do processo; SDSMAS, encaminham a vítima para a Polícia e Posto de Saúde.

Em vários casos de violência nas escolas, após as denúncias e encaminhamento, dependendo da gravidade e do tipo de caso, e se após investigação não houver lugar a instrução de processos, a resposta pode ser dada por várias destas instituições. **Por exemplo, um caso de violência ou *bullying* entre alunos pode ser resolvido pela direcção da escola com sanções disciplinares, apoio psico-social e/ou acções de sensibilização na própria escola.**

RESPOSTA (ATENDIMENTO E INSTRUÇÃO DO PROCESSO) E ASSISTÊNCIA A VÍTIMA



Legenda:

A vítima, tem acesso a apoio psico-social desde o início do processo quando esta necessidade é identificada pelas autoridades policiais, Posto de Saude, CAI ou SDSMAS. As autoridades locais, não tendo mandato para resolução deste tipo de casos, têm a obrigação de fazer a denúncia a outras instâncias.

Quando a gravidade (efectiva ou suspeita) dos casos denunciados requer mais investigação, instrução de processos criminais, cíveis ou disciplinares e assistência às vítimas, é necessário passar à fase seguinte de Resposta e Assistência. As instituições que, depois de receberem denúncias, podem encaminhar os casos a estas instâncias são: as direcções distritais e provinciais de Educação, a Procuradoria e as autoridades policiais, Postos de Saúde/CAI e SDSMAS. O encaminhamento de casos para Resposta e Assistência à vítima dá-se em duas vertentes: através de medidas para a protecção da criança e medidas para a penalização dos agressores.

Medidas para Protecção da Criança:

É da responsabilidade das autoridades policiais, Postos de Saúde/CAI e SDSMAS fazer o encaminhamento dos casos à Procuradoria (Curador de menores) para accionar medidas de protecção da criança, assim como o encaminhamento para apoio psico-social à vítima, caso se justifique. Dependendo do caso, da sua gravidade e das provas reunidas, o Procurador pode encaminhá-lo directamente ao Tribunal de Menores, que decidirá sobre as medidas de promoção e protecção ou providencias cíveis. Nestes casos, o Curador de Menores envolve a família para esclarecer o caso e reunir as provas necessárias. **As famílias podem pedir apoio jurídico ao IPAJ, que por sua vez as orienta no processo.** Quando o caso está bem esclarecido e há provas reunidas que requerem medidas de promoção e protecção como apoio socio-familiar, acolhimento em instituição ou programas de protecção, ou medidas cíveis referentes a tutela, família de acolhimento, adopção ou inibição de poder paternal cabe ao Curador de Menores encaminhar o caso ao Tribunal de Menores. As medidas são posteriormente implementadas pelos serviços de Acção Social, mediante decisão do tribunal.

Medidas para penalizar os agressores:

No caso de os agressores serem profissionais do sector da Educação e o caso requerer a instrução de processos disciplinares, o encaminhamento é da responsabilidade dos directores de escola ou das direcções distritais ou provinciais de Educação. Os casos transitam assim para o Tribunal Administrativo para tomará uma decisão administrativa em relação ao processo disciplinar. Quando a gravidade do caso implica a necessidade de instaurar um processo crime, o encaminhamento é da responsabilidade das autoridades policiais. Estes casos transitam, assim, para os procuradores penais e destes para o Tribunal que profere a sentença penal.

ANEXO 13D

Princípios orientadores para resposta às situações de violência nas escolas (alunos/professores/direção/funcionários)

RESPEITO PELA DIGNIDADE E PELOS DIREITOS HUMANOS	<p>Toda a acção de prevenção, denúncia, encaminhamento, resposta e assistência às vítimas de violência na escola, deve estar enquadrada dentro do respeito pela dignidade e direitos humanos da criança no geral; e em particular o direito à educação e a um ambiente escolar livre de todas as formas de violência</p>
IGUALDADE DE DIREITOS E NÃO DISCRIMINAÇÃO	<p>Toda a acção de prevenção, denúncia, encaminhamento, resposta e assistência à vítima de violência na escola deve ser realizada sem qualquer tipo de distinção, exclusão, restrição ou preferência, baseada no género, condição económica ou outra situação de qualquer natureza. Contudo, deve ser dada especial atenção aos grupos de crianças mais vulneráveis e em maior risco de sofrer violência, como sejam os casos de meninas/raparigas e crianças com deficiência.</p>

INTERESSE SUPERIOR DA CRIANÇA	O dever de aceitar que toda a acção de prevenção, denúncia, encaminhamento, resposta e assistência à vítima de violência na escola é regida pelo interesse superior da criança. Em nenhuma circunstância, a protecção dos direitos da criança deve ser limitada ou ser parcialmente garantida.
CONFIDENCIALIDADE E PRIVACIDADE	<p>Toda a acção de prevenção, denúncia, encaminhamento, resposta e assistência à vítima de violência na escola está sujeita ao dever de confidencialidade sobre as informações partilhadas pela vítima. Será, seleccionada a informação relevante a partilhar com os serviços para onde encaminhar, no entanto serão informações factuais, sem juízos ou interpretações do que foi dito e apenas a informação relevante para a compreensão da situação. Nada mais deve ser comentado fora do âmbito dos encontros com a vítima/família/outros profissionais envolvidos no seguimento do caso.</p> <p>No caso de não existir um armário fechado com chave onde possam ser guardados os registos de ocorrências, a direcção da escola terá de pensar numa solução para manter a informação protegida e confidencial. De modo a garantir a privacidade e bem-estar da vítima, os momentos de partilha destas situações devem acontecer num local que garanta que ninguém escuta a conversa e facilite que a vítima se sinta segura para relatar o que lhe aconteceu. Só deve estar presente a vítima, o/a professor/a/ponto focal e alguém da família quando se trata de uma criança. Paralelamente pode ser necessário ajudar a vítima a guardar confidencialidade sobre o seu próprio processo de apoio, sobretudo em casos nos quais coabita ou frequenta os mesmos espaços com o/a agressor/a (ex: ajudar a definir dia/hora/local para o encontro; definir uma justificação para a sua ausência).</p>
NÃO CAUSAR DANOS	Toda a acção que for desencadeada para prevenir, responder e assistir as vítimas de violência nas escolas deve ser feita de forma a minimizar possíveis danos a longo prazo.
CONSENTIMENTO	Reconhecer e salvaguardar o direito da criança à participação e acesso a uma explicação, em uma língua e linguagem de acordo com sua idade, e considerar a sua opinião. Caso os pais, responsáveis ou representantes legais das crianças se recusem em dar o seu consentimento para o acesso aos serviços, o funcionário deve informar a autoridade competente, para prosseguimento das acções, na salvaguarda da vida e saúde das crianças.
RESPONSABILIZAÇÃO	O autor e o encobridor devem ser punidos pelos factos que venham a ser julgados e provados pelas instituições competentes.

PRINCÍPIO DE ACÇÃO INTEGRADA	O mecanismo baseia-se na aliança e actuação coordenada entre os actores, nas várias componentes de prevenção, denúncia, encaminhamento, resposta e assistência as vítimas.
EMPODERAMENTO E ENVOLVIMENTO ACTIVO DA CRIANÇA A PARTIR DA ESCOLA	<p>Informar as vítimas/famílias que têm o dever de denunciar, pois a violência é um crime público, punido por lei (Ainda que, tradicionalmente estas situações possam ser geridas pelos líderes da comunidade e, geralmente, estas chefias sigam as leis do costume, desconhecendo a Constituição e Leis do país, não sabendo que segundo a Lei da família a esposa e o esposo são os dois chefes da família ou que homens e mulheres têm direitos iguais, por exemplo)</p> <p>A escola deve desenvolver, disseminar e implementar ferramentas para que a criança tenha conhecimentos sobre seus direitos; ter consciência de actos de violência e conhecer instrumentos de denúncia.</p> <p>Informar sobre as possibilidades de apoio que existem na comunidade e apoiar a vítima nas suas escolhas.</p>

Nota: A denúncia é obrigatória, especialmente para os sectores da Educação, Saúde e Acção Social (Artº20, Lei nº7/2008, de 97)

ANEXO 13E

Papel das escolas na prevenção e resposta a violência contra a criança

Os estudos científicos comprovam que o desenvolvimento do cérebro, nos primeiros anos de vida, molda o comportamento futuro, como adultos. Há ainda evidências que crianças que sofreram maus tratos são mais propensas a serem vítimas de violência no futuro ou a serem agressoras. É urgente interromper este ciclo vicioso. A escola desempenha aqui um papel fundamental, na prevenção e em facilitar o acesso a serviços sociais e de protecção das crianças, através do Mecanismo de protecção, resposta e encaminhamento de Situações de Violência Contra a Criança (anexo 13C).

Prevenção:

- A **protecção das crianças** deve considerar, de forma explícita, as bases legais e as consequências punitivas para os perpetradores de violência contra as crianças, que devem ser do conhecimento da população;
- **Contrariar a impunidade**, é uma forma importante de agir preventivamente contra a violência. Quando os casos de violência ocorrem na escola, a acção disciplinar (para além da penal) deve ser exemplar e célere.
- É importante, nas acções de prevenção da violência, sensibilizar para a existência de formas alternativas à violência, para resolver conflitos e problemas quando eles surgem, assim como sensibilizar para o **respeito pelas diferenças entre os indivíduos**, como sendo um aspecto de valor para a sociedade.

- **A escola tem um papel fundamental na divulgação das formas de denúncia** (caixa de reclamação, Linha Fala Criança (número 116), e outros), junto dos alunos e seus profissionais, apelando à sua utilização e pedindo que as denúncias contenham as informações necessárias ao seguimento. Ao mesmo tempo é dever da escola zelar para que as caixas de reclamação estejam visíveis e acessíveis aos alunos, sendo, no entanto **confidenciais e abertas regularmente**.
- Promover valores de relação e comunicação não violentos e relações positivas entre alunos e com professores;
- Prevenir e responder à violência entre pares; (ex: violência verbal, bullying);
- Desenvolver habilidades socio-emocionais positivas nos alunos, atitude inclusiva com respeito mútuo e não discriminação;
- Conhecer os **Princípios orientadores para resposta** às situações de violência nas crianças, nomeadamente o Respeito pela Dignidade e pelos Direitos Humanos; Igualdade de Direitos e não Discriminação; Interesse Superior da Criança; Confidencialidade e Privacidade (Ver anexo 13D).
- Melhorar o conhecimento das crianças sobre como se protegerem de situações de violência;
- Fortalecer os Conselhos de Escola e os Clubes de Crianças para desenvolverem acções de prevenção e discussão sobre a temática da violência contra a criança nas escolas;
- Envolver as famílias em programas educacionais, sensíveis ao género, que abordem **métodos de disciplina e educação não violentos** (promover relações saudáveis entre pais e filhos e uso de métodos de parentalidade positivos, promovendo o desenvolvimento das crianças, em cada etapa da vida de acordo com as suas capacidades);
- Promover relações saudáveis, positivas e de respeito mútuo entre professores e alunos;
- Trabalhar com as comunidades e autoridades relevantes para abordar as preocupações específicas ao nível da protecção das crianças contra a violência, nomeadamente nos trajectos de ida e volta da escola;
- Conhecer Políticas e procedimentos sobre a Protecção da Criança, contra a violência nas escolas, mas também nas famílias e comunidades, uma vez que os professores são modelos e referências para as famílias e lideranças comunitárias;
- Difundir, através de projectos escolares, cartazes e celebrações de datas festivas, os direitos da criança; os mecanismos de protecção, denúncia e encaminhamento;
- Saber quem são os **pontos focais e serviços de referência na comunidade**, na área de Protecção da Criança, Serviços Judiciais e de Saúde (incluindo Saúde Mental) assim como conhecer os Mecanismos de Identificação, Denúncia e Encaminhamento de Casos;
- Identificar aspectos sensíveis que precisam de reforço de capacitação aos professores, em matéria de Protecção das Crianças nas escolas e estabelecer parcerias com parceiros da sociedade civil para formação de professores;
- Utilizar o **código de conduta para os professores e outros funcionários internos**, com princípios orientadores da conduta com as crianças; com descrição clara de quais os comportamentos apropriados e inapropriados dos adultos com as crianças nas escolas (e mesmo entre crianças) e também com formas de actuar claras sobre quem comete actos de violência contra as crianças, nas escolas. À semelhança, podem elaborar **Códigos de Conduta para os alunos**, com metodologia participativa, na sala de aula, conselho de escola ou clubes de alunos e alunas.

Resposta:

- Uma abordagem integrada, forte e eficaz entre os sectores da educação, saúde, acção social e protecção da criança é essencial, para garantir o desenvolvimento saudável das crianças;
- Conhecer e aplicar os Princípios Orientadores ao nível da resposta às situações de violência contra a criança: Não Causar Danos; Consentimento; Responsabilização; Princípio de Acção Integrada; Empoderamento e Envolvimento Activo da Criança a partir da Escola (Ver anexo 13D).
- Detectar rapidamente **sinais de alerta de violência contra crianças** (Ver anexo 12A) e responder rapidamente com a obrigatoriedade de denúncia e encaminhamento é fundamental;
- Denunciar casos de violência graves (sexual ou física com graves sequelas e uniões prematuras) contra crianças à Polícia/serviços de saúde/Centro de Acolhimento Integrado (CAI)/ Acção social.
- Após a denúncia, pelas diferentes vias, o encaminhamento de casos é feito da seguinte forma:
“Linha Fala Criança (116) – Recebe a denúncia do caso e encaminha directamente para as autoridades policiais, Posto de Saúde, CAI ou SDSMAS ou encaminha para Organizações da Sociedade Civil que, por sua vez, o encaminham para as mesmas instituições;
Caixa de Reclamação e Sugestão – Conforme a indicação do MINEDH a Caixa de Reclamações e Sugestões é aberta pelo **Ponto focal de género, Ponto Focal de Saúde Escolar e um membro do Conselho de Escola.**
Quando o caso de violência está bem identificado há várias formas de encaminhamento, dependendo do caso: **se o director da escola estiver envolvido** o caso deve ser encaminhado directamente para os serviços distritais e direcção provincial de educação para **abertura de processo disciplinar**;
Se o director da escola não estiver envolvido no caso de violência, deve ser ele a abrir o processo disciplinar contra o professor ou funcionário envolvido.
No caso de violência sexual ou violência física grave tem que se encaminhar directamente para as autoridades policiais, para o Posto de Saúde, CAI ou SDSMAS.
Posto Policial/Esquadra, Posto de Saúde/CAI e SDSMAS – Quando recebem as denúncias os procedimentos das diferentes instituições são os seguintes: Posto de Polícia ou Esquadra, faz o auto e encaminha a vítima ao Posto de Saúde e contacta a Procuradoria para a instrução do processo; SDSMAS, encaminham a vítima para a Polícia e Posto de Saúde”¹⁵.
- Em vários casos de violência nas escolas, após as denúncias e encaminhamento, dependendo da gravidade e do tipo de caso, e se após investigação não houver lugar a instrução de processos, a resposta pode ser dada por várias destas instituições. Por exemplo, um caso de violência ou bullying entre alunos pode ser resolvido pela direcção da escola com sanções disciplinares, apoio psico-social e/ou acções de sensibilização na própria escola. (ver anexo 13C- Fluxograma do Mecanismo de denúncia, encaminhamento, resposta e assistência a vítimas de violência na escola ou de casos de violência sinalizados na escola);
- A **denúncia é obrigatória**, especialmente para os sectores da Educação, Saúde e Acção Social (Artº20, Lei nº7/2008, de 97);
- No caso de violência contra a criança ser detectada na escola há o dever de informar a família;
- Nos casos de violência sexual, deve **encaminhar-se com urgência para o posto de saúde, até 72h** após o acto sexual, de forma a ser administrada contracepção de emergência à vítima em idade reprodutiva (após a primeira menstruação ou menarca) e feita a profilaxia para as infecções de transmissão sexual (ex: HIV/SIDA/Hepatite B,...)

- Realizar registos de: ocorrências, avaliações de risco, estratégias de mitigação de riscos, informações e intervenções, contribui para um importante monitoramento activo e regular, com vista à efectiva protecção da criança e à melhoria na eficácia das intervenções (ver anexo 13H; 13F e 13G);
- Relatar ocorrências, progressos e lições aprendidas junto dos serviços de Educação mantendo o princípio de confidencialidade e protecção da vítima;
- **Empoderar a comunidade escolar para denunciar** casos de violência, através da disseminação de informação e consciencialização sobre os mecanismos e instrumentos de denúncia e sobre os danos que a violência causa a breve e longo termo, a nível pessoal, mas também a nível da comunidade etc.;
- **Apoiar as famílias e cuidadores**, através de sensibilizações, partilha de informação que ajude a garantir ambientes familiares acolhedores, seguros e sem violência. Ajudar as famílias a conhecerem os direitos das crianças e reconhecerem que o respeito mútuo entre pais e filhos é importante para uma boa convivência familiar. Apoiar as famílias a encontrarem alternativas positivas na forma de educarem e cuidarem das suas crianças, contribui para reduzir situações de negligência, abandono infantil, união prematura (ver anexo 12B e 13E);
- Reconhecer que é difícil mudar tudo de um dia para o outro e que uma atitude de parceria e
- envolvimento com as famílias e outros agentes comunitários é uma estratégia de força para a mudança de condutas sociais prevalentes.

Assistência:

- Dar assistência e apoio a crianças vítimas de violência (ver módulos de Primeiros Socorros Psicológicos e Apoio Psicossocial e os anexos 12B e 13B com propostas de actividades, de acordo com as idades e necessidades de acção). A escola pode também apoiar a criança na denúncia, através do acompanhamento da criança, pelo/a professor/a/ponto focal, à polícia para a denúncia ou ao posto de saúde, caso seja recomendado.
- **Envolver e apoiar as famílias** para explicar o que está a acontecer com a criança, o que ela está a sentir e como a podem ajudar;
- Informar as famílias que nas situações de encaminhamento à Procuradoria (Curador de menores) para accionar medidas de protecção da criança, assim como o encaminhamento para apoio psico-social à vítima, e seguimento para o Tribunal de Menores, **as famílias podem pedir apoio jurídico ao IPAJ, que por sua vez as orienta no processo** (ver anexo 13C) ;
- Assegurar que as crianças que tenham sido vítimas de violência sexual, gravidezes precoces, união prematura e outros traumas recebam **apoio psicossocial e assistência legal especializada** (pelo IPAJ);
- Assegurar que a criança vítima de violência (incluindo a sexual) não é discriminada nem exposta, garantindo privacidade e confidencialidade;
- Assegurar a **reintegração da criança vítima de violência** (incluindo as vítimas de uniões prematuras) na escola, inclusive em caso de gravidez e prevenir a vitimização secundária;
- Apoiar as famílias a aceder ao **atestado de pobreza** para assegurar que as mães jovens acedam ao apoio social necessário e colaborar com a acção social para a inclusão das mães jovens e vítimas de violência sexual, nos programas de apoio social;

- Colaborar com outras instituições responsáveis pela lei e ordem na resposta aos casos de violência;
- Encaminhar os casos para serviços específicos (Polícia, Instituto de Patrocínio e Assistência Jurídica (IPAJ), Procuradoria Geral da República (PGR), Acção Social, Saúde, Saúde Mental, Organizações Não Governamentais (ONG)) de acordo com os critérios apresentados no Mecanismo de denúncia, encaminhamento, resposta e assistência a vítimas de violência na escola ou de casos de violência sinalizados na escola. (Ver anexo 13C)

Adaptado de Keeping Children Safe - Setting Tough International Child Safeguarding Standards; Estudo de Revisão da Literatura sobre Violência Contra Menores em Moçambique. FDC. Maputo.2008 e Proposta de Mecanismo Multi-sectorial para a Prevenção, Denúncia, Encaminhamento, Resposta e Assistência às Vítimas de Violência nas Escolas do MINEDH

ANEXO 13F

Identificação e avaliação de factores de risco e factores de protecção¹⁶

Quando estão presentes, os **Factores de Risco** indiciam tratar-se de uma situação de elevado risco para a criança e podem ser individuais, familiares e sociais/contextuais: São ameaças ao desenvolvimento da pessoa, mas não são exclusivamente determinantes. Eles podem ser atenuados por características individuais e do contexto, que passamos a chamar **Factores de Protecção** (ex: auto-estima, rede de suporte e apoio familiar e comunitário).

Os factores de risco, assim como os factores de protecção são flexíveis e podem variar de situação para situação, assim como determinados eventos podem ser mais ou menos estressantes, dependendo da pessoa, das suas experiências anteriores e do contexto. O grau de risco de violência contra a criança resulta de uma combinação de factores, sendo geralmente mais grave quando há ocorrência de vários factores distintos, no mesmo caso.

Uma criança poderá estar em maior vulnerabilidade quando apresenta uma conjugação dos seguintes factores de risco, em grau de gravidade crescente (quanto mais vezes acontecem, mais danos causam):

INDIVIDUAIS	FAMILIARES	SOCIAIS/CONTEXTUAIS
<ul style="list-style-type: none"> • Idade e características físicas: crianças mais novas, com menor força e baixo peso são menos capazes de se defenderem e reagirem a uma agressão; • Baixa auto-estima; • Criança negligenciada pelos pais • Género feminino; • Temperamento agressivo e reactividade ao stress apresentam maior risco pela maior tendência para os cuidadores recorrerem a meios coercivos para disciplinar; • Crianças que resultam de gravidez não desejada; • Comportamentos de risco, tais como consumo de substâncias, comportamento sexual de risco ou conflito com a lei); • Crianças com deficiência ou problemas de saúde que aumentam a dependência e carga para os cuidadores; • Experiências prévias de abuso, violência, maus tratos e negligência. • Crianças em situação de união prematura e menores grávidas; • Crianças em situação de trabalho infantil. 	<ul style="list-style-type: none"> • Violência intrafamiliar, violência doméstica; • Transtornos mentais na família; • Pobreza e isolamento; • Fraca percepção dos benefícios da educação; • Uso de castigos corporais e violência para disciplinar a criança (estilo parental); • Ausência de apoio social e laços afectivos; • Falta de habilidades parentais; • Perda precoce das figuras parentais; • História de violência infantil no passado dos progenitores; • Abuso de substâncias na família; • Fracas condições habitacionais, por exemplo sobrelotação familiar. • Baixo nível de instrução da família 	<ul style="list-style-type: none"> • Violência de género; • Normas sociais de discriminação de género; • Nível de violência na comunidade; • Difusão nos média de violência e de estereótipos de género; • Fraca aplicação da Lei; • Ritos de iniciação e tradições/costumes de discriminação de género (ex: lobolo); • Longas distâncias a percorrer para ir à escola e fracas condições sanitárias; • Baixo nível de nutrição; • Baixo nível de instrução na comunidade • Índice de desenvolvimento humano do país; • Situações de emergência por calamidade, conflito armado ou pandemia;

Casos graves, como Violência Sexual, Violência Física grave (risco/perigo de vida e/ou consequências físicas severas/permanentes) ou “criança em união prematura”, que têm enquadramento legal, são imediatamente classificados como casos de alto risco.

FACTORES DE PROTECÇÃO:¹⁷	<p>Individuais (Resiliência, Auto-estima; flexibilidade de pensamento; autocontrolo emocional; sentido de humor);</p> <p>Familiares (laços afectivos e vinculação; estabilidade emocional no ambiente familiar; atitude aberta e colaboradora;);</p> <p>Escolares (acesso à educação; aproveitamento escolar; ambientes amigáveis e expectativas elevadas; relações positivas com pares e professores);</p> <p>Sociais (qualidade dos serviços de saúde; grupos de suporte na comunidade; grupos de recreação; grupos que partilham códigos de valores humanistas, como o amor e solidariedade ao próximo¹⁸).</p>
<p>Interagem com os impactos dos factores de risco e proporcionam alternativas de enfrentamento aos problemas do dia a dia.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Nota: Os indivíduos que apresentarem baixos níveis de factores de protecção pessoal poderão ser mais susceptíveis à vulnerabilidade e ao risco social. Identificar e compreender os factores de protecção é tão importante como pesquisar os factores de risco. • A existência de alguns factores de protecção, como por exemplo a existência de redes locais de apoio, na comunidade e/ou família alargada; a existência de um vínculo estável e seguro com algum membro da família, podem influenciar significativamente a redução do risco.

Então, cruzando os factores de risco e os factores de protecção é possível apurar um nível de gravidade do risco a que a criança está exposta:

NÍVEL DE RISCO	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS PARA CADA TIPO DE CASO
Alto Risco	<p>Situação de violência que acontece frequentemente; história de maus tratos con-tinuados/castigos severos/ criança fica so-zinha ao seu cuidado; criança necessita de atendimento sanitário imediato; existem antecedentes de episódios de violência na família com outras crianças; lesões graves com diferentes estados de cicatrização; violência sexual; o agressor convive com a criança; os familiares con-sideram a força como forma apropriada de impor o poder e disciplinar a criança. Criança pode apresentar-se grávida ou com complicações ginecológicas; crianças em união prematura; traumatismos físicos graves em associação com outros sinais emocionais e comportamentais, dependendo também das suas características pessoais e familiares.</p>	<p>Violência Física – lesão grave que requer observação médica urgente; criança exposta a violência doméstica grave e/ou criança apresenta um comportamento violento e descontrolado.</p> <p>Violência sexual – criança exposta ao contacto sexual com algum adulto, com quem coabita ou frequenta mesmos espaços regularmente; a criança está a ser forçada ou sequestrada para uma união prematura; a própria criança é acusada de cometer abuso sexual; a criança passa o dia na rua, embora vá à noite para casa.</p>

NÍVEL DE RISCO	DEFINIÇÃO	EXEMPLOS PARA CADA TIPO DE CASO
	Em casos mais graves há comportamentos auto destrutivos e condutas perigosas, para si e/ou para os outros.	Alguns sinais de alerta : criança apresenta comportamentos antissociais de delinquência e/ou consumo de álcool/drogas; criança já tentou o suicídio, apresenta ferimentos graves ou pensou no suicídio.
Médio risco	<p>Não há evidências que a criança esteja em risco de ferimentos graves ou morte em-nente.</p> <p>No entanto, a criança sofre uma lesão mo-derada ou tem várias lesões com cicatriza-ções de diferentes momentos no tempo; o/a cuidador/a não consegue suprimir ne-cessidades básicas da criança;</p> <p>Há evidências que a criança poderá vir a desenvolver algum dano, caso não haja um plano de acção para protecção e inter-venção.</p>	<p>Violência física – punição corporal severa que causa hematomas e/ou danos emocionais; crianças expostas a comportamentos perigosos e/ou violência doméstica em casa. Bullying (comportamento (físico ou verbal) agressivo, intencional e repetitivo);</p> <p>Violência emocional – a criança é constantemente exposta à depreciação, humilhação e/ou isolamento, sendo tratada de forma discriminada e como inferior às outras crianças (em casa e/ou na escola).</p> <p>Alguns Sinais de alerta: desinteresse recente por actividades que gostava; atrasos e ausências frequentes à escola; fraco desempenho escolar e reduzidos autocuidados; Alterações na atenção/concentração e memória; criança regularmente deprimida ou com manifestações de raiva; criança consome drogas com alguma regularidade e pode passar os dias na rua, mas ir para casa à noite.</p>
Baixo risco	O ambiente familiar é seguro, no entanto há uma preocupação sobre o potencial risco, se não ocorrer o apoio de alguns serviços.	<p>Violência física – não há violência presente; a pessoa que causava a violência afastou-se sem planos de reaproximação;</p> <p>Violência emocional – a pessoa que infligia danos emocionais já não tem contacto com a criança;</p> <p>Alguns sinais a recolher: a criança não apresenta problemas de comportamento ou consumo de drogas e tem, pelo menos, um cuidador significativo que demonstra amor e cuidado.</p>

Retirado do Manual para Atenção de casos relacionados à criança para os Técnicos da Acção Social. Moçambique.2019.pdf

AValiação do NÍVEL DE RISCO E RESPOSTA

BAIXO RISCO	MÉDIO RISCO	ALTO RISCO
<p>↓ ↓ ↓</p> <p>O que fazer?</p>		
<ul style="list-style-type: none"> • Reforçar acções de sensibilização e informação na escola sobre temas relacionados com os direitos das crianças, tipos de violência, consequências, ...; • Envolver os alunos na deteção e prevenção; • Conversar com as famílias sobre práticas parentais positivas e impacto da violência no desenvolvimento da criança, aprendizagem e vida futura. 	<ul style="list-style-type: none"> • 1º Identificar os casos de violência; 2º Denunciar (A denúncia é obrigatória, especialmente para os sectores da Educação, Saúde e Acção Social (Artº20, Lei nº7/2008, de 97).; 3º Encaminhar (com atenção a: nível de risco, se o Director está ou não envolvido e se é uma situação de violência na escola ou identificada pela escola); 4º Responder e assitir as vítimas de violência na escola ou de casos de violência sinalizados pela escola, através de medidas para a protecção da criança e de medidas para a penalização dos agressores (ex: Sanções disciplinares aos agressores quando são elementos da escola) e encaminhar os casos aos serviços disponíveis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Independentemente da via pela qual ocorreu a denúncia ou identificação, nos casos de violência sexual, violência física grave a pessoa que identifica o caso (criança ou adulto) deve dirigir-se a um Posto de Saúde (para a vítima poder ter acesso a medicamentos para evitar gravidez e para evitar a transmissão do HIV-SIDA e outras doenças sexualmente transmissíveis), com urgência, antes que passem 72h. • Em seguida dirigirem-se ao Posto de Polícia ou Esquadra, a um Gabinete de Atendimento à Família e Menores, CAI ou SDSMAS (a nível do distrito). • Nos casos de uniões prematuras, dirigir-se a polícia ou a acção social.
<ul style="list-style-type: none"> • Quando o perpetrador for o director da escola, o caso deve ser encaminhado directamente aos serviços distritais ou direcções provinciais de Educação, para abertura de processo disciplinar, mas no caso de violação sexual ou violência física grave o caso deve ser encaminhado em paralelo às autoridades policiais. • Quando o perpetrador não é o director da escola, mas outro funcionário, a pessoa que identifica o caso deve encaminhá-lo ao director, e é ele que encaminhará às instâncias devidas. De acordo com a gravidade do caso, é dado início a um processo disciplinar e feita, em simultâneo, denúncia à polícia. • Prestar Apoio Psicossocial (AP), sempre que na avaliação foi indicado como útil à criança e Primeiros Socorros Psicológicos (PSP) em casos de crise imediatamente a uma situação estressante (castigo corporal, episódio de <i>bullying</i> com colegas). • Nem sempre a resposta de AP e PSP ao nível da escola é suficiente e por vezes é necessário encaminhar os casos para apoio psicológico especializado e/ou para os serviços da acção social, que fazem um trabalho mais exaustivo e dispõem de outros mecanismos de actuação. O anexo 13G apresenta algumas sugestões de actividades, que ajudam a identificar situações mais graves para encaminhar. • Procedimento a adoptar em todas as situações/casos: Registrar, reportar e monitorar as ocorrências, o que foi feito e resultados (ver anexo 13H- Mapa de ocorrências). 		

NOTA A RETER:

- Após a denúncia ou identificação de um caso o/a professor/a/ponto focal segue os procedimentos de encaminhamento preconizados no Mecanismo de Denúncia, Encaminhamento, Resposta e Assistência a vítimas de casos de violência nas escolas (Ver Anexo 13C);
- Conversar com a vítima, quando está identificada, num lugar tranquilo com privacidade, ouvindo com sensibilidade e empatia, sem causar danos;
- Informar sobre as possibilidades de apoio que existem na comunidade e apoiar a vítima nas suas escolhas;
- Disponibilizar Primeiros Socorros Psicológicos para intervenção em situação de crise (conforto/apoio/segurança/informação), ajudando a pessoa a ficar calma e a confiar no apoio.
- É importante proteger a vítima de mais danos, com um apoio prático e não intrusivo;
- Informar sobre o dever de denúncia e confidencialidade e avaliar as necessidades e preocupações;
- Prestar Apoio Psicossocial individual ou em grupo de pares (clubes e/ou turmas) para fortalecer factores de protecção (resiliência); falar com a pessoa com uma linguagem e postura facilitadora de confiança, para enfrentar positivamente a situação; fortalecer o suporte das redes de apoio próximas; facilitar acesso a bens alimentares ou cuidados básicos de saúde; facilitar a integração com os colegas através de actividades recreativas, culturais e/ou desportivas,...;
- Registrar todas as informações e procedimentos no Mapa de Ocorrências (anexo 13H);
- Acompanhar e monitorar junto dos serviços para onde foi encaminhado, qual o estado do processo;
- Avaliar, com a vítima, a satisfação com os avanços do processo (em relação aos serviços e em relação ao apoio da escola);
- Reportar todas as situações de violência identificadas na escola, com dados desagregados e informações relevantes (nomeadamente dados demográficos, tipo de ocorrência/violência, medidas accionadas, nº de referências, serviços envolvidos, acções de monitoria e impacto);
- Trabalhar em coordenação com outros parceiros envolvidos na assistência das vítimas, tanto do governo como da sociedade civil.

ANEXO 13G

Propostas de actividades para identificação, avaliação de risco e resposta às necessidades das crianças vítimas de violência nas escolas

As crianças reagem a um evento *estressante* e/ou traumático de acordo com as suas experiências anteriores, mas também por influência da forma como os adultos à sua volta lidam com essas situações e com as próprias crianças. Reagem de acordo com o que entendem da situação e esse entendimento depende do seu estágio de desenvolvimento.

Daí que é importante compreender um pouco melhor algumas reações específicas que poderão ser mais ou menos previsíveis, em cada etapa de vida/desenvolvimento. Essa informação irá ajudar os professores a identificar os sinais de alerta, adaptar as actividades lectivas e educativas, para apoiar essas crianças e reconhecer os casos que apresentam um nível de risco alto (ver anexo 13F- Avaliação do risco) e que devem ser encaminhados para serviços externos à escola. Conhecer as reações ao *stress* em cada idade é importante para que estas situações não fiquem silenciadas e sem resposta.

Numa abordagem de apoio psicossocial (AP) às crianças na escola, importa fazer reuniões com pais e cuidadores responsáveis, para uma resposta de prevenção da violência integrada (ver anexo 13E- Papel da escola). Nessas reuniões podem abordar os riscos que as crianças enfrentam na comunidade e explorar como podem proteger as crianças e apoiá-las a desenvolverem as competências protectoras (resiliência, auto-estima, auto-confiança, sentido de humor ...).

Algumas actividades podem ser desenvolvidas para permitir conhecer melhor as crianças, ajudá-las a lidarem com situações difíceis, identificar crianças em situação de risco e crianças que precisam de encaminhamento para serviços especializados e como o fazer. Além dessas actividades que iremos apresentar nas tabelas seguintes, também actividades que envolvam brincadeira e bem-estar, provocando riso e descontração devem ser realizadas e intercaladas. Essas actividades, mais recreativas, aliviam a ansiedade e o medo, em todas as idades. Melhoram a motivação das crianças para estar na escola e facilitam a aprendizagem pois permitem memórias mais fortes sobre os conteúdos que são apresentados de forma lúdica, com máxima atenção das crianças, porque estão interessadas envolvidas.

As actividades divertidas também fortalecem o sentido de grupo e união, melhoram o trabalho em equipa e promovem laços importantes para outras situações. Para a realização de actividades mais recreativas, lúdicas ou mais participativas é fundamental envolver os alunos na definição das regras (regras para as actividades e regras para a conduta). Este passo é muito importante para garantir confiança e segurança às crianças que conseguem ter previsão sobre o que pode acontecer.

Quando alguém falha alguma regra é importante aplicar lembretes das regras para todo o grupo e evitar punições diretas a algum aluno ou aluna que as quebrou. O foco do professor deve ser orientar o grupo a pensar em soluções ou alternativas para que a criança que quebrou as regras, numa próxima vez não o faça. Por exemplo: se alguém chega atrasado podem conversar sobre o que ela pode fazer, para no dia seguinte conseguir chegar a horas, em vez de ralhar ou punir.

Na definição das regras o professor apoia o grupo a escrever as regras e as consequências para o incumprimento, garantindo que há sempre respeito pela integridade de todos.

Ao longo das várias actividades, objectivos e idades podemos perceber o quanto é importante a preparação do/a professor/a/ponto focal em matéria de facilitação de uma relação de ajuda e prestação de primeiros socorros psicológicos. Por esse motivo é apresentada uma lista de orientações para lidar com as crianças e jovens em situação de descompensação emocional e/ou comportamental:

- O adulto estar treinado em reconhecer as expressões emocionais e identificar possíveis causas das emoções;
- Desenvolver relações interpessoais positivas com os alunos favorece essa identificação e o apoio no desenvolvimento de competências emocionais e sociais;
- Quanto mais o ambiente escolar conseguir ser um ambiente positivo, que valoriza todas as pessoas e onde se promove a compreensão pelo outro, mais é um ambiente que protege as crianças e mais se melhora na prevenção da violência;
- Treinar a percepção, o reconhecimento e a expressão de emoções na sua vida pessoal e profissional, desenvolvendo um conhecimento emocional que também é importante para a autorregulação do adulto (professor/ponto focal). É mais frequente uma pessoa ter dificuldade em atender às necessidades do outro quando as suas próprias necessidades não estão satisfeitas, mas ter consciência disso pode fazer a diferença na hora de agir. Exemplo: o professor tem vontade de gritar com uma criança barulhenta porque está com dor de cabeça. Se reparar melhor percebe que está com dor de cabeça porque não descansou bem e que afinal a criança nem está a fazer muito barulho, apenas pediu um lápis emprestado ao colega para responder a uma tarefa que lhe pediu. Então qual será o impacto nas emoções daquela criança quando grita sem uma razão que é dela? Será que se reconhecer o seu estado e disser logo às crianças que está com dor de cabeça, que agradece que façam mais silêncio, pode ajudar para um ambiente mais positivo?;
- Ter em mente que as crianças observam e reproduzem as emoções dos adultos, incluindo pais e professores nas suas vidas. É importante que os adultos monitorem as suas reações e emoções e se mantenham calmos. Escutem as preocupações das crianças e falem com calma e segurança;
- Ao abordar as crianças em situação de crise, pode ser útil mostrar que reconhece as suas emoções, que também já se sentiu de forma semelhante (desde que fale com honestidade) e que é normal ela se sentir como está;

- Se o/a aluno/a tem uma atitude agressiva e de desafio perante o/a professor/a/ponto focal, este deve procurar manter a calma, não cedendo a provocações e tentar pensar uns instantes antes de agir. Procurar direccionar a criança a um comportamento mais ajustado, permitindo que ela explique o porquê do seu comportamento e que há condutas que não são aceites na sala. No caso de o jovem precisar de descarregar energia e tensões, poderia ir fazê-lo fora da sala e voltar. Ou seja, ajudar o jovem a separar entre emoções e condutas: as emoções são dele e são aceites, as condutas devem respeitar as regras do contexto;
 - Se uma criança teve uma situação de choro ou raiva, primeiro deve tentar acalmá-la e pode dar indicações para respirar com calma, deixando o ar entrar pelo nariz e sair, lentamente, pela boca. Se for adequado/positivo, pode dizer à criança que pode fechar os olhos e abrir e fechar as mãos para relaxar.
- Quando a criança está mais calma pode perguntar se ela precisa sair um pouco da sala ou conversar individualmente. Quando a criança diz que não precisa e se recompõe, pode valorizar isso mesmo, acrescentando que se ela precisar pode contar consigo e até pode depois falar de alguma coisa mais leve para divertir as crianças (com esses episódios é frequente que o resto do grupo também fique um pouco tenso e seja útil uma dinâmica de brincadeira ou relaxamento, por exemplo uma canção com movimento);
- Considerar que a família deve ser chamada, quando há sinais de alerta, e ser envolvida numa conversa para compreender os comportamentos da criança ou jovem, avaliar os factores de protecção/de risco da família e sensibilizá-la para práticas parentais que apoiem as necessidades psicoemocionais da criança ou jovem.

ACTIVIDADES PARA GRUPOS COM IDADES ENTRE 6 E 12 ANOS

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
Conhecer melhor as crianças	Propor o desenho de si e da família; Desenhar a si próprios em pequenos papéis/cartões para colocar no pescoço com um cordão e onde o professor escreve o nome de cada criança, para facilitar usar o seu nome quando fala com ela.	Estas actividades facilitam a expressão da criança, algum conhecimento sobre a representação que faz da sua realidade pessoal e familiar e conhecer o nome e detalhes da criança ajuda a que se sinta valorizada pelo professor. Essa relação de valorização e confiança é fundamental para a motivação e aprendizagem.

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
<p>Conhecer melhor as crianças</p>	<p>No início de uma das primeiras aulas fazer uma dinâmica de apresentação que diz mais do que o nome e mostra o estado de espírito de cada criança:</p> <p>Cada criança levanta-se na sua vez, diz o seu nome e uma coisa sobre si: “Bom dia, eu sou o Armando e gosto de andar de chapa”; “Bom dia, eu sou a Délcia e gosto de comer papaia”. A cada criança que se apresenta, todos respondem “Bom dia Armando que gosta de andar de chapa”; “Bom dia Délcia que gosta de comer papaia”,....</p>	<p>Além de dar mais informação do que o nome de cada criança, ajuda na memorização dos nomes e mantém as crianças interessadas e curiosas com o que cada um vai dizer.</p>
<p>Ajudar as crianças a lidar com questões e desafios psicossociais</p>	<p>Numa roda, explorar situações, problema e possíveis soluções com as ideias das crianças; O professor deve dar primeiro um ou mais exemplos de situações que podem ser um problema/desafio de forma genérica ou usar um exemplo específico da sua vida ou algo que já aconteceu na comunidade e fala quais as soluções encontradas.</p> <p>Fazer exercícios de relaxamento e respirações calmas no final de cada aula ou após um momento sobre assuntos mais difíceis de abordar com as crianças.</p>	<p>Actividades que permitem processos participativos das crianças são muito empoderadoras. Facilitar que as crianças encontrem apoio uns nos outros e identifiquem acções para resolver os seus problemas ajuda a que, em próximas situações desafiantes, consigam proteger-se melhor.</p> <p>Os exercícios de relaxamento, respiração, sentir os movimentos do corpo ajudam a regular as emoções e são uma forma de as crianças perceberem que podem fazer esses exercícios facilmente, em qualquer momento, quando se sentem com ansiedade e stress.</p>
	<p>Cores das emoções: Arranjar 5 cartões para colorir uma cor em cada cartão: cartão amarelo; cartão vermelho; cartão verde; cartão preto; cartão azul.</p> <p>O que significa estar triste, estar alegre, ter medo, estar calmo, sentir raiva?</p>	<p>No caso de alguma criança apresentar reações emocionais fortes, como por exemplo choro, agressividade ou tristeza profunda é importante aproximar dela e oferecer uma atenção empática (mostrar que viu que a criança não está bem e que pode contar com o seu apoio, por exemplo falando mais perto dela com voz suave e calma, perguntar se quer sair um pouco da sala, valorizar algo que ela está a fazer).</p>

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
<p>Ajudar as crianças a lidar com questões e desafios psicossociais</p>	<p>Peça ao grupo para associar cada cor a uma emoção. Provavelmente não haverá consenso, pelo que pode fazer uma votação e ver qual a emoção mais votada para cada cor e definir essa associação no quadro da sala. As emoções a associar às 5 cores são: alegria; medo; tristeza; calma; raiva. Depois o professor mostra um cartão a todo o grupo e pede que façam a mímica dessa emoção e assim até fazerem as 5 mímicar.</p> <p>Volte ao primeiro cartão e pergunte que situações nos podem deixar “tristes”; depois que situações nos podem deixar “com raiva”; continuar com cada uma e terminar com a “alegria” ou a “calma”.</p> <p>Se tiver tempo pode pedir voluntários para fazerem mímicar de emoções para os outros adivinharem.</p> <p>No final agradeça as participações e observe como é importante darmos conta quando as emoções começam a aparecer no nosso corpo. Quando notamos esses sinais é mais fácil procurarmos algo para mudar essa emoção para nos sentirmos melhor. Quais os sinais que viram no outro quando representaram a “raiva”? Nota: se achar mais adequado pode escolher outras cores/emoções.</p>	<p>Essa criança deve ser observada noutros momentos para perceber se há mais sinais de alerta de gravidade para encaminhamento ou para um apoio mais próximo na escola e até chamar a família para conversar.</p>
<p>Identificar crianças que estão em risco, a passar por uma situação difícil ou precisam de apoio especial</p>	<p>Usar bonecos, brinquedos ou outros elementos construídos em material local, que possam representar figuras humanas e outros elementos da realidade quotidiana das crianças. São utilizados para brincar ao faz de conta e observar como elas brincam e que situações reproduzem através desses objectos.</p>	<p>As crianças pequenas projectam as suas vivências para o brincar. É através do brincar, nomeadamente ao faz de conta, que imitam os outros e ensaiam os papéis que futuramente vão desempenhar na sociedade.</p> <p>Observar as crianças a brincar é, portanto, um bom meio para identificar características das suas vivências e também um bom meio para intervir com as crianças.</p>

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
<p>Identificar crianças que estão em risco, a passar por uma situação difícil ou precisam de apoio especial</p>	<p>Sinais de alerta: quando a criança reproduz actos de violência graves através dos bonecos; quando tem reacções estranhas/inapropriadas com os bonecos e em associação apresenta grandes flutuações emocionais/comportamentais.</p>	<p>Com crianças pequenas, através da brincadeira o adulto pode representar modelos positivos, formas seguras e tranquilas de resolver problemas, valorizar a criança, elogiar, rir e passar bons momentos que fortalecem a relação.</p> <p>As memórias dos momentos de brincadeira com prazer são mais fortes e significativas para a criança aprender. Ex: O/a professor/a/ponto focal pode brincar ao faz de conta que estão são uma família e estão em casa e começa a representar tarefas que tradicionalmente são do sexo oposto; ou na brincadeira a criança simula que caiu ou fez alguma asneira e o adulto, na brincadeira, mostra uma forma positiva de lidar com ela (perguntar e está bem; dizer que poderia ter acontecido também a ele, perguntar como a criança acha que pode correr melhor na próxima vez,...)</p> <p>No caso de não ser possível ter bonecos ou outros brinquedos para apoiar o faz de conta, podem brincar apenas com o que têm disponível. A imaginação pode fazer o resto, desde que o professor valorize intencionalmente esse apelo ao imaginar que uma coisa/situação representa outra, naquele momento de faz de conta.</p>
	<p>Propor aos alunos fazerem um desenho livre, com as ideias que aparecem na sua cabeça. O professor vai circulando pela sala e, sempre que um desenho chamar a sua atenção, ou o comportamento de alguma criança (mais parada, riscando muito forte, rasga/amassa a folha, evita fazer,...) aproxima-se e conversa com ela.</p>	<p>Evite interpretar os desenhos das crianças, peça que elas expliquem e reconheça o valor das suas ideias, emoções e acções. Agradeça a partilha deles consigo. Peça a elas que escrevam o seu nome e data (quando não sabem, faz o professor) e pergunte se pode ficar com os desenhos ou se eles querem levar.</p>

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
<p>Identificar crianças que estão em risco, a passar por uma situação difícil ou precisam de apoio especial</p>	<p>Dependendo da situação concreta pode explorar o que a criança fez ou falar sobre o comportamento que está a ver na criança: “fala-me do teu desenho”; “onde estás neste desenho?”; “como se sentia aí?”; “E agora?”; “estou a reparar que não desenhaste na folha. Queres falar sobre isso?”; “estou a ver que amassaste/rasgaste a folha. O que isso quer dizer?”</p> <p>Sinais de alerta: além dos referidos na actividade anterior, pode ainda acontecer que a criança risca de forma agressiva o desenho, chegando mesmo a rasga-lo. A criança pode zangar-se quando tenta falar com ela sobre o desenho ou evitar e desviar o assunto.</p>	<p>Quando a criança apresenta um dos sinais de alerta, sugere-se que o professor evite atribuir significados, interpretando a atitude da criança. Pode apenas observar sem interferir, no caso de a criança riscar ou zangar, mas de seguida controla as suas emoções. Aí o professor regista que pode ser uma criança a quem dar mais atenção, para confirmar ou não que há sinais de alerta para intervir.</p> <p>No caso de a criança riscar, zangar, chorar ou outro comportamento que chame a atenção e não se consegue acalmar sozinha, o professor pode falar próximo dela e em voz baixa algo do tipo: “estou a ver que estás a ... (riscar/chorar/ rasgar/dizer o comportamento específico que ela está a fazer sem interpretar). Queres parar o desenho ou falar sobre o que está a acontecer?. Não faz mal riscar/chorar/rasgar.... São emoções que aparecem e depois vão embora. “ Depois, com empatia e atitude de apoio, responder às reações da criança.</p>
<p>Facilitar a tomada de iniciativa e a participação ativa das crianças</p>	<p>Jogo de canto e dança; jogo de mímica onde cada um tem uma parte onde faz algo de destaque.</p> <p>Para um/a professor/a/ponto focal que tenha disponibilidade e a escola/comunidade apresentem as condições favoráveis, pode promover encontros com as crianças e pais (agora em pequenos grupos e seguindo as regras de segurança e combate à pandemia Covid-19).</p> <p>Podem promover encontros com uma regularidade acordada entre todos e o objectivo pode ser apenas facilitar a brincadeira entre pais e filhos naquele momento. Nas brincadeiras/jogos podem abordar temas como as responsabilidades parentais, direitos das crianças,</p>	<p>As actividades culturais e artísticas têm um enorme potencial para gerar bem estar e promoção de competências pessoais positivas.</p> <p>Por um lado, é uma forma de reforçar laços de identidade com um grupo e uma comunidade, quando são tradições ou partilhar interesses com pares quando são práticas mais modernas que os jovens gostam.</p> <p>Actividades que envolvem expressão corporal, criatividade, representação simbólica de emoções, sentimentos, vivências são muito úteis para ajudar a lidar com situações mais difíceis e ajudar as crianças e jovens a encontrarem um foco positivo e esperança.</p>

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
Facilitar a tomada de iniciativa e a participação ativa das crianças	formas de violência e mecanismos de protecção, através do desenho, teatro, canções, jogos de movimento e cooperação,... Com essas actividades promovem-se relações parentais positivas, fortalecem-se laços e factores de protecção na família e na própria criança.	Ao mesmo tempo são actividades que ajudam na produção de hormonas que ajudam a baixar nos níveis de stress e a fortalecer o sistema imunitário das crianças.
	Escolher uma canção fácil e conhecida de todos ou da maioria e fazer uma roda para dançar com novas coreografias. Cada criança acrescenta um movimento novo na coreografia e os outros vão imitando até todos terem participado e aí tentarem dançar usando todos os movimentos sugeridos.	Além do que foi mencionado na actividade anterior, estas actividades têm o potencial de melhorar o bem-estar emocional, promover sensação de segurança e confiança nos outros com quem se partilha a actividade.

Acções de seguimento na escola e/ou encaminhamento para outros serviços

- Para sinais de alerta claros e de alto nível de risco (ver anexo 13F Avaliação do Risco), abordar a criança, sem causar danos, e de forma confidencial, oferecendo apoio e ajuda, através de Primeiros Socorros Psicológicos (PSP) e encaminhar para apoio especializado de saúde e/ou acção social, quando claramente os PSP e o Apoio Psicossocial (AP) ao nível da escola não são suficientes.
- Ainda informar sobre o dever de denúncia e sobre o processo de referência para serviços especializados. Se a criança é pequena falar com a família, para informar e ter um consentimento. Se a criança é mais velha (mais de 15 anos ela deve também conhecer os procedimentos. Podemos recolher o consentimento da família ou um assentimento da própria criança quando tem mais de 15 anos). No caso de ser crime de denúncia obrigatória (casos de violência sexual e física grave e uniões prematuras) é urgente encaminhar e não é necessário consentimento ou assentimento.
- Denunciar à Polícia e Encaminhar para a Acção Social ou para a Saúde (no caso de violação sexual o primeiro posto de entrada é a saúde, para que a vítima possa chegar ao posto de saúde nas primeiras 72h após o acto sexual e receber os medicamentos e apoio necessários).
- Registrar, reportar e monitorar as ocorrências, o que foi feito e resultados (ver anexo 24.8-Mapa de Ocorrências).
- Em casos onde apenas **um conjunto de sinais de alerta mais subtis** ou **situações claras de actuação escolar**, caracterizados como **baixo risco**, como por exemplo casos de *Bullying* na escola cujos actos de violência já cessaram, então deve prestar AP e PSP ao nível da escola sem encaminhamento.

- Nos casos em que se identifica uma situação de violência grave que cessou, mas que não foi resolvida (ex: o perpetrador agora exerce violência sobre outro membro da família ou está emigrado por alguns períodos de tempo, a situação deve ser igualmente denunciada à polícia;
- Reforçar acções de sensibilização e informação na escola sobre temas relacionados com os direitos das crianças, violências, consequências, ... envolver os alunos na deteção e prevenção;
- Aplicar sanções disciplinares aos agressores; e se necessário, as denúncias às autoridades, para instrução de processos crime
- **Nas acções de sensibilização e prevenção da violência contra a criança é importante** organizar encontros para conversar com as famílias, sobre práticas parentais positivas e impacto da violência no desenvolvimento da criança, aprendizagem e vida futura;
- **Nos casos identificados que necessitam de uma acção de apoio psicossocial ou primeiros socorros psicológicos é importante** falar com a família sobre o que está a acontecer, escutar o que eles sabem, quais as suas preocupações, que apoio precisam (que será diferente no caso de o perpetrador ser ou não um elemento da família). Este momento é também importante na identificação do nível de risco, nomeadamente quando o perpetrador é alguém da família. Em qualquer dos casos o professor/ ponto focal pode desempenhar um papel importante **ajudando a família a compreender o que está a acontecer**, o impacto que tem na criança (e nas outras crianças da família se for o caso) e indicar alguns comportamentos e atitudes que é importante terem, para ajudar a criança (ex: evitar deixar a criança sozinha, dar apoio afectivo à criança, evitar punir e responsabilizar a criança pelas condutas de outros,...);
- É importante compreender que, esperar que uma situação se agrave antes de referenciar, não é favorável ao desenvolvimento da criança nem a protege. Na presença de sinais de alerta graves é importante agir o mais precocemente possível e reforçar acções de prevenção na escola, famílias e comunidade, naquilo que estiver ao alcance da escola

ACTIVIDADES PARA GRUPOS COM IDADES ENTRE 12 E 15 ANOS

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
<p>Conhecer melhor as crianças</p>	<p>Escrever nomes das crianças num papel/cartão e usar ao pescoço com cordão, para facilitar tratar cada criança pelo seu nome próprio.</p> <p>Peça às crianças para formarem um círculo. Diga que vai pedir a cada uma, na sua vez, que diga o seu nome + uma qualidade so-bre si + uma coisa que gostaria de mudar em si. Exemplo: “O meu nome é Mbondoro, sou amigo. Falo muito baixinho e gos-tava de falar mais alto” Quando todos tiverem falado, pergunte como se sentiram a esperar pela sua vez? O que estavam a pensar enquanto esperavam? Fala-ram aquilo que pensaram ou escolheram falar aquilo que ficava melhor dizer?</p> <p>Repare se alguma criança falou algo negativo em vez de positivo sobre si ou se o que queria mudar é algo preocupante e registe para dar maior atenção a essa criança nas próximas aulas.</p>	<p>Conhecer e reconhecer a individualidade e o valor de cada criança ajuda na sua auto-estima e confiança.</p>
<p>Ajudar as crianças a lidar com questões e desafios psicossociais</p>	<p>Conversar com os alunos sobre as reações esperadas após uma situação que pode ser traumática e difícil de ultrapassar sem ajuda (calamidades e desastres naturais, conflitos armados, perda de um ente querido, violência (física, sexual, psicológica,...), ...) Abordar que cada pessoa tem uma forma de sentir e viver os momentos difíceis.</p> <p>Incentive os seus alunos a identificar e usar estratégias de enfrentamento positivo. Ajude os alunos, através da conversa a encontrarem ideias que os podem ajudar a lidar melhor com as dificuldades e conseguirem pequenos sucessos em cada dia.</p> <p>Jogo da mochila: Leve duas mochilas ou sacos, mas um/a tem de ser bonita e nova e outro/a velho e gasto. Dentro do saco bonito coloque algum lixo/desperdício e dentro do saco velho coloque um caderno ou caneta novos. Pergunte ao grupo quem queria de presente o saco bonito e pede que levantem a mão; depois pergunta quem preferia o saco velho; Escolha 2 alunos (preferencialmente 2 que se sintam confortáveis com a exposição ou beneficiem desse destaque, considerando a perspectiva de género);</p>	<p>As metodologias participativas, muitas usadas em comunidade como círculos ou plenários para tratar de assuntos da comunidade, podem ser replicados com as crianças As crianças (e também os adultos) empenham-se sempre mais naquilo em que foram envolvidos e suas ideias consideradas.</p>

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
	<p>Veja a surpresa das crianças e abra um espaço de debate em plenária sobre o que aconteceu:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que viram foi diferente do que pensavam? • Facilmente julgamos que sabemos algo sobre a outra pessoa só pela aparência dela; • Podemos estar a julgar, criar conflitos ou magoar alguém por fazer esses julgamentos; • Será que temos alguns preconceitos baseados nas aparências? (Sensibilizar que as aparências podem enganar e que nem sempre quem sorri está bem por dentro e quem está mal apresentado não vale a pena. Explorar ideias pré concebidas sobre deficiência, raças género, tribos,.... Sensibilizar que o que fazemos afecta a outra pessoa; apelar à empatia e compaixão) 	<p>As metodologias participativas, muitas usadas em comunidade como círculos ou plenários para tratar de assuntos da comunidade, podem ser replicados com as crianças. As crianças (e também os adultos) empenham-se sempre mais naquilo em que foram envolvidos e suas ideias consideradas.</p>
<p>Identificar crianças que estão em risco e precisam de apoio especial</p>	<p>Actividade “quem importa”: sugerir que cada criança escreva o seu nome e desenhe um círculo à volta do nome. Pode ser em papel ou até na areia. Depois vai fazer um círculo maior em volta do primeiro e dentro desse círculo que é o da família, a criança deve escrever, assinalar ou desenhar as pessoas com quem pode contar; depois faz outro círculo mais alargado em volta do círculo da família e aí dentro é o círculo da escola e pede à criança para colocar nesse círculo as pessoas da escola com as quais pode contar. Depois faz um outro círculo em redor do da escola e aí aponta as pessoas da sua comunidade com quem pode contar.</p> <p>Quando terminarem, peça que se juntem por pares e falarem ao seu par sobre as pessoas que importam na sua vida, em cada círculo. No final dessa partilha, voltam a um grande círculo e falem sobre: “-O que gostaram mais na actividade?</p> <ul style="list-style-type: none"> • As pessoas importantes da vossa vida eram as mesmas que o vosso parceiro escolheu?” • Porque é importante falar sobre quem é importante nas nossas vidas? <p>Aborde que as pessoas importantes podem dar apoio e suporte em momentos difíceis e que as conexões e ligações emocionais são muito importantes para o nosso bem-estar.</p>	<p>Mais uma vez se ocorrer alguma reação emocional ou comportamental mais forte, o/a professor/a/ ponto focal deve abordar a criança, de acordo com os princípios dos Primeiros Socorros Psicológicos(PSP) que facilitam a relação de ajuda e confiança com a criança. (ver módulo 3 e 4 do manual).</p> <p>Com essa abordagem deve ter o objectivo também e recolher mais informações, além do suporte emocional à criança.</p> <p>Essas informações irão possibilitar perceber o nível de risco (factores de risco vs factores de protecção) e quando este é alto ou mesmo médio, deve encaminhar o caso. Ver coluna “Acções de seguimento” e anexo 13F-Avaliação do risco).</p>

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
<p>Identificar crianças que estão em risco e precisam de apoio especial</p>	<p>Preste atenção aqueles alunos que deixarem algum círculo vazio ou nota angústia/alteração no comportamento durante a actividade. Aproxime-se deles e pergunte se preferem fazer outra actividade ou se estão confortáveis em continuar? Em qualquer situação fique atento a esses alunos nas próximas aulas e diga que está disponível para os apoiar e conversar com eles no final da aula. Se alguém diz que prefere outra actividade pode sugerir que pense apenas numa pessoa que é importante para si, que desenhe essa pessoa e a si próprio e também pode escrever palavras sobre a relação e porque é importante.</p> <p>Sinais de alerta: reacções de ansiedade, de agressividade ou de stress que podem ser consequência imediata, ou a longo prazo, do stress sofrido numa situação de maus tratos (Ver módulo 4. <i>Stress</i> e Trauma e módulos 21 e 22: Actividades de gestão de <i>stress</i>); problemas de comportamento como agressividade, oposição na tarefa, destabilizando a aula e desafiando o/a professor/a, por exemplo ou gozar com as reacções dos colegas.</p>	
	<p>Jogo: “o que nos une/o que nos separa”: todos em grupo ou pequenos grupos se a turma for demasiado grande devem identificar aspectos que têm em comum e aspectos que os distinguem entre si. Abordar também o comum/distinto entre os alunos para emoções, vivências, interesses,...</p> <p>Se houve uma situação comum de calamidade, pandemia ou conflito armado, por exemplo, o professor pode pedir que falem do que sentem com essa situação e ajudar o grupo perceber que todos foram afectados. Ao mesmo tempo facilita algumas pistas para a identificação de sinais de alerta, se houver crianças com reacções emocionais ou comportamentais mais intensas.</p> <p>Sinais de alerta: semelhantes aos da actividade anterior.</p>	

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
<p>Facilitar a tomada de iniciativa e a participação ativa das crianças</p>	<p>Dramatizações com interpretação de papéis; Debates sobre questões que preocupam as crianças e promover a definição e soluções e ações concretas que poderão realizar.</p> <hr/> <p>Dinâmica “Concordo/Discordo”: Defina com o grupo que um lado da sala é o lado “concordo”, o lado oposto é o “discordo e o meio é o espaço “neutro”.</p> <p>Todos os alunos estão ao fundo da sala e o/a professor/a lê uma frase em voz alta e pede ao grupo para quem concorda ir para esse lado da sala/quem discorda ir para o lado “discordo” e quem não sabe fica no meio.</p> <p>Depois de todos escolherem os seus lugares, faça pares com um elemento de cada lado.</p> <p>Diga que cada um tem de apresentar argumentos para convencer o outro a mudar de ideias de de lado (concordo/discordo)</p> <p>As frases para esta actividade devem conter temas polémicos relacionados com as vivências das crianças. Um exemplo: “Os rapazes aprendem mais na escola porque são mais inteligentes que as raparigas.” (frase que permite abordar preconceito de género, condição da rapariga, vulnerabilidades, dificuldades em frequentar a escola, cultura,.....) a actividade em si permite abordar a tolerância e o respeito pelas opiniões do outro.</p> <p>Serão 5 minutos para a discussão e depois inverter os papéis por mais 5 minutos.</p> <p>Depois reunir o grupo e abordar: “quais os sentimentos ou dificuldades em concordar/discordar?; como foi colocar-se no lugar do outro?; Alguém baseou as suas ideias em preconceitos?; alguém mudou de ideias ao longo da actividade?</p>	<p>A participação, iniciativa e dinâmicas de grupo, debates e dramatizações facilitam às crianças destas idades, encontrarem formas de compreenderem quais os valores que são importantes para si, fortalecerem vínculos interpessoais e modelos de convivência comunitária de forma positiva.</p> <p>Esta é também uma idade onde é importante reforçar o acesso a informação sobre o funcionamento da sociedade, favorecendo que os jovens possam reconhecer perigos e serem também activistas dos direitos das crianças na comunidade. Este tipo de iniciativas também facilita que as crianças sintam algo positivo onde colocar a sua atenção, desenvolvendo esperança por um futuro melhor</p>

Ações de seguimento na escola e/ou encaminhamento para outros serviços

- Semelhantes aos da tabela anterior.
- Manter uma atitude atenta e activa na busca de informação, através da observação da criança adolescente em diferentes situações, confirmando ou não os sinais de alerta
- Sugerir a integração de grupos recreativos ou activistas, de jovens na escola.

ACTIVIDADES PARA GRUPOS COM IDADES ENTRE 15 E 18 ANOS

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
Conhecer melhor as crianças	<p>Fazer um jogo de círculo com todos e o professor ler, em voz alta, algumas frases. Para cada frase, os alunos que se identificam com essa frase dão um passo em frente, depois voltam ao seu lugar no círculo, quando o professor diz “podem voltar ao círculo”. As frases serão construídas pelo professor, de acordo com as características do grupo e as suas necessidades de informação. Podem ser do tipo: “Dá um passo em frente quem já bateu em alguém”; “Dá um passo em frente quem sentiu felicidade em algum momento da última semana”; “ dá um passo em frente quem gosta de manga”...</p> <p>Cada criança apresenta-se dizendo o seu nome e um adjectivo sobre si que tem de começar pela mesma letra do seu nome. Ex: “Olá, eu sou a Paulina e sou perfeita”; “Olá, eu sou o Jamu e sou jeitoso”.</p> <p>Procure que os adjectivos sejam positivos. Aqueles jovens que escolheram adjectivos menos positivos sobre si poderão estar a enviar um sinal de que algo não está bem com eles e ser importante observar com atenção o seu comportamento na actividade, sala de aula e outros lugares, de forma natural e não intrusiva.</p>	<p>Exercícios como este, realizados com grupos de jovens podem servir para descontração, diversão e fortalecimento de laços, se as frases forem com conteúdos ligeiros, sobre interesses e hobbies, charadas e adivinhas e situações com humor.</p> <p>Para abordar situações de violência nestas actividades é necessário já conhecer bem o grupo e estar seguro que há competências sociais e de relacionamento que permitem um exercício com respeito mútuo.</p>
Ajudar as crianças a lidar com questões e desafios psicossociais	<p>Trabalho de escrita ou desenho onde cada um apresente uma representação do que é o seu presente e uma outra onde represente o que quer que seja o seu futuro. Depois cada um fala de como se sentiu a fazer esse trabalho e o que colocou no seu presente e no seu futuro. Só fala quem estiver confortável para o fazer.</p> <p>Esta partilha pode permitir aos jovens reconhecer nos outros emoções e vivências semelhantes às suas, facilitando conexão, suporte e compreensão da realidade.</p>	<p>A aprendizagem social e emocional de competências para gerir emoções, definir e atingir metas, valorizar as perspectivas do outro, estabelecer e manter relações positivas, tomar decisões responsáveis e lidar com situações interpessoais de forma construtiva são muito importantes e podem ser promovidas na escola.</p>

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
<p>Ajudar as crianças a lidar com questões e desafios psicossociais</p>		<p>Exercícios que promovam saber escutar e respeitar a opinião do outro são muito úteis. Quando isso não é possível com alguma(s) crianças e jovens é importante abordá-los e procurar oferecer apoio para que os problemas não se agravem.</p>
	<p>Entregue a cada criança/jovem 5 tiras de papel e garanta que cada jovem tem algo para escrever. Peça que escrevam nas tiras os papéis que desempenham na sua vida: um papel escrito em cada tira. Ex: “eu sou uma estudante”; “eu cuido dos meus irmãos”...</p> <p>Depois de terminarem, peça que façam grupos de pares e falem de si ao par, apresentando os papéis que desempenham na vida.</p> <p>Peça para voltarem a uma roda/círculo.</p> <p>Diga para escolherem os papéis que gostariam de deixar de ter, amassando essas tiras e ficarem apenas com os papéis que gostam de desempenhar.</p> <p>Como se sentiram com esta actividade? O que sentiram quando amassaram os papéis e escolheram aqueles que queriam deixar de desempenhar?</p> <p>Diga ao grupo que há mais tiras de papel em branco na sua mesa e quem quiser pode ir buscar para nelas escrever os papéis que gostaria de ter na sua vida futura.</p> <p>Repare se alguém tinha amassado todos os seus papéis e ficou sem tiras com algo da sua vida que goste de fazer e fique com atenção a esse(s) jovens nas próximas aulas e, se possível, procure um momento no final da aula para aproximar, dizer que reparou que amassou todas as tiras e que se ele/a precisar de falar sobre o que está a acontecer na sua vida, pode escutar e tentar ajudar.</p>	<p>Além de permitir observar se há jovens em dificuldade, esta actividade também permite lançar o olhar para o futuro e aquilo que querem alcançar.</p> <p>Promova sentimentos de esperança e dedicação a esses objectivos dos jovens.</p>

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
<p>Identificar crianças que estão em risco e precisam de apoio especial</p>	<p>Propor aos jovens que desenhem uma linha da vida, onde marcam o nascimento no início, do lado esquerdo da linha e a morte, do lado direito da linha. O professor pode fazer também a sua linha no quadro para mostrar um exemplo. Pede para marcarem um círculo no ponto que representa o momento cronológico onde estão, na linha do tempo de vida.</p> <p>À volta desse círculo devem escrever, do lado de cima da linha, “coisas”/memórias/pessoas/situações positivas que têm, presentemente, na sua vida. Na parte de baixo da linha escrevem algum evento difícil, traumático, “coisas” negativas que têm no presente ou passado recente.</p> <p>É importante dizer aos alunos que, no caso de terem vivido uma experiência traumática sobre a qual é difícil falarem em grupo, podem falar com o/a professor/a no final da aula, com confidencialidade e o/a professor/a verá como pode ajudar. Se algum aluno não se sentir confortável com a actividade e/ou com a parte de falar, deve ser permitido que a criança não participe e reconhecer como um sinal para estar mais atento a essa criança.</p> <p>Sinais de alerta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • comportamentos agressivos, de oposição à figura de autoridade e/ou aos colegas; rivalidade pelo poder na sala de aula demonstrando desrespeito e ao mesmo tempo vulnerabilidade emocional; • reacções de medo claro na presença de um adulto/collega em particular; • uso exagerado de linguagem sexual inadequada ao contexto e comportamento sexual gerador de mal estar na turma; • reacções emocionais descontroladas, como choro, riso e/ou saída a meio da aula. 	<p>Este exercício ajuda as crianças/jovens a repararem que a vida tem momentos diferentes, a encontrar pontos positivos e focar nesses para ultrapassar os negativos, com um olhar de esperança no futuro. Outra parte importante deste exercício é fazer com que os jovens identifiquem e expressem desejos e planos para o futuro. Isso ajuda a restaurar a esperança e dar propósito na vida e uma direção a seguir.</p> <p>Ver a continuidade da vida ajuda a não ficar preso a uma situação difícil que geralmente é acompanhada de depressão e / ou raiva. Este tipo de exercícios exige que o grupo tenha um relacionamento positivo entre si e um/a professor/an seguro que pode lidar com distintas reacções emocionais das crianças.</p> <p>Em grupos/turmas onde ocorre frequentemente atitudes de gozar, rir, <i>bullying</i> psicológico, deve evitar-se exercícios que possam expor crianças mais vulneráveis, por terem tido experiências pessoais difíceis.</p>

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
<p>Identificar crianças que estão em risco e precisam de apoio especial</p>	<p>Peça para o grupo se colocar em círculo e pergunte o que é, para eles, ser forte e saudável. Depois de ouvir as ideias, resume dizendo que “ser forte e saudável significa muitas coisas diferentes. Significa ser fisicamente forte e saudável e também significa ser emocionalmente e mentalmente forte e saudável. As crianças e jovens precisam de várias coisas para serem fortes e saudáveis.” Pode explorar as ideias sobre o que é saúde física, mental e emocional.</p> <p>Organize 3 colunas no quadro e aponte as ideias do grupo em cada coluna sobre o que é preciso para ser fisicamente saudável (coluna 1); emocionalmente saudável (coluna 2) e mentalmente saudável (3ª coluna). Certifique-se que as sugestões incluem as seguintes ideias, aproximadamente:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Física – água, comida, dormir, cuidados de saúde; livre de violência • Emocional – ter bons modelos, ter segurança e afecto, sentimento de pertença, bons relacionamentos com outros, ter alguém de confiança com quem falar; estar num ambiente saudável, livre de violência • Mental – cérebro a funcionar bem depende de estimulação, aprendizagem, nutrição, dormir. <p>Organize a turma em 3 grupos e diga que cada grupo fica a trabalhar sobre uma das 3 colunas de necessidades. A tarefa é analisarem nessa coluna de necessidades o que é que depende de nós próprios e o que é que depende dos outros para termos as necessidades satisfeitas.</p> <p>Sinais de alerta:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Circule pelos grupos enquanto realizam a tarefa e observe se há alguém com sinais de estar inquieto, desconfortável, emocionado com os assuntos. • No final da aula fale com esses alunos, diga que reparou que a actividade foi “difícil/intensa/desconfortável...” e pergunte se quer falar sobre isso. Diga que pode contar consigo para apoiar. 	<p>As escolas devem proporcionar oportunidades, formais e informais, curriculares e extracurriculares relacionadas com a saúde (nomeadamente saúde psicológica), os direitos das crianças, noções de género, sexo e violência, formas e identificar, prevenir, denunciar e intervir em situações de violência, na escola, família e comunidade.</p> <p>As escolas devem reconhecer a possibilidade de estigma que existe associado a situações de VBG, violência contra a criança ou mesmo decorrente da COVID-19 (por exemplo, daqueles que venham a positivo ou tiverem familiares que testam positivo; daqueles que já tenham estado doentes com COVID-19; daqueles que tendo doenças respiratórias ou alergias possam ter e espirrar e tossir frequentemente), reforçando estratégias de combate ao estigma e à discriminação, envolvendo os alunos.</p>

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
<p>Facilitar a tomada de iniciativa e a participação ativa das crianças</p>	<p>Realizar debates semanais: Reserve um tempo na semana para um debate na sala de aula com todos os alunos; Será um momento onde todos podem partilhar as suas ideias e opiniões; Elaborar no início as regras do debate com o grupo, garantindo que não é permitido gozar ou criticar alguém; O professor pode sugerir o primeiro assunto, por exemplo: “Reparei que há alguns conflitos entre alguns de vocês lá fora. Gostaria que falássemos sobre isso. O que pensam sobre isto?”;</p> <p>Incentive que partilhem sentimentos e pensamentos e peça ideias de soluções quando há problemas a ultrapassar; Tente que sejam eles a encontrar as soluções. Ajude-os a respeitar a vez de quem está a falar e a fazer o resumo das ideias e regras/soluções definidas em grupo; Pode ficar um espaço no quadro ou uma folha disponível para os alunos escreverem um tema que queiram falar no debate da semana seguinte. Também pode propor debates quando algum episódio grave de violência é falado na comunicação social e aproveitar esse exemplo para informar, esclarecer, ajudar a lidar com medos, desinformação e preconceitos. Nestes casos, o objectivo é aproveitar um exemplo de um caso real, mas que não é da escola/comunidade, para abordar o assunto, impactos, causas e formas de lidar e prevenir que possam acontecer.</p>	
	<p>Conhecer a comunidade: problemas e soluções: organize o grupo em pequenos grupos de 10 elementos e entregue um flipchart/papel grande a cada um e material de escrita/desenho (se não tiver pode realizar actividade no exterior num sítio que dê para desenhar com pauzinhos e usar pedrinhas, folhas,... para compor o desenho).</p> <p>Explique que cada grupo deve desenhar o mapa da sua comunidade Podem desenhar os lugares, edifícios, caminhos, água, Depois devem assinalar (escrevendo, desenhando, representando com elementos) os problemas que existem na comunidade.</p>	

OBJECTIVOS	ACTIVIDADES	CONSIDERAR QUE:
<p>Facilitar a tomada de iniciativa e a participação ativa das crianças</p>	<p>Podem desenhar os lugares, edifícios, caminhos, água, Depois devem assinalar (escrevendo, desenhando, representando com elementos) os problemas que existem na comunidade. O professor circula entre os grupos e ajudando o grupo se vê dificuldade em tomarem decisões, partilharem tarefas ou encontrarem materiais. Depois diga para falarem sobre as coisas boas na sua comunidade e encontrarem alguma coisa boa que pode ajudar a lidar com as dificuldades/ problemas que identificaram.</p> <p>Reúna todos em grande círculo e peça que cada grupo vá à frente apresentar o seu trabalho. Para aqueles que desenharam no chão, todos reúnem à volta do seu desenho para a apresentação. Em cada apresentação peça que falem sobre como foi fazer esse trabalho? O que foi fácil/ difícil? Como foi o trabalho de equipa dentro do grupo? Apareceu alguma ideia nova sobre a vossa comunidade que não haviam pensado antes? Dizer que podem partilhar com as vossas famílias e amigos os resultados desta actividade que fizeram na escola e ouvir as ideias deles.</p> <p>Nota: se não vivem todos na mesma comunidade, pode organizar os grupos por comunidade ou o grupo escolher a comunidade da escola ou a comunidade da maioria presente no grupo.</p>	

Adaptado de: https://resourcecentre.savethechildren.net/node/7101/pdf/facilitators_handbook_1.pdf e <https://pscentre.org/?resource=moving-together-english>

Acções de seguimento na escola e/ou encaminhamento para outros serviços

- Semelhantes aos das tabelas anteriores, nomeadamente sugerir, incentivar ou facilitar que existam grupos de jovens na escola, de acordo com os seus interesses, pois tem o potencial de serem espaços de entreaajuda e fortalecimento de vínculos.
- As respostas psicossociais na escola para jovens devem envolver os Conselhos de Escola e até mesmo envolver famílias e elementos de referência da comunidade.
- Os grupos de jovens, sejam recreativos, cívicos ou de autoajuda são um recurso importante a promover nas escolas.
- Nas aulas e/ou noutros espaços é importante criar oportunidades para abordar os conceitos de género, sexo, normas sociais de género, estereótipos de género, relação entre género e violência, direitos das crianças, numa perspectiva de sensibilização e informação, mas também numa perspectiva de escutar as ideias dos jovens, perceber que conceitos têm já integrados e dar a oportunidade de escutarem ideias diferentes, novas e respeitar cada pessoa nas suas convicções, desde que não afectem a integridade humana.
- Encaminhar para apoio especializado sempre que o nível de resposta da escola não for suficiente.

PROVÍNCIA:		BAIRRO/ALDEIA:		ESCOLA:		ANO:	
1	Nº DE CASO	GÉNERO		IDADE		IDENTIFICAÇÃO	
	DATA						
2	M	COMO TOMOU CONHECIMENTO?		INFORMAÇÃO RECOLHIDA		AVALIAÇÃO	
	F						
3	CAIXA RECLAMAÇÃO	SITUAÇÃO: BULLYING; ABUSO SEXUAL; ASSÉDIO SEXUAL; VIOLÊNCIA SEXUAL; VIOLÊNCIA FÍSICA; VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/ EMOCIONAL; UNIÃO PREMATURA/ CALAMIDADE/ OUTRO		SINAIS DE ALERTA. QUAIS?		SUPORTE FAMILIAR (S/N)	
	DENÚNCIA DIRECTA /INDIRETA						
4	SUSPEITA POR SINAIS DE ALERTA	OUTRO MEIO. QUAL?		EM CASO DE VIOLÊNCIA INDICAR SUSPEITO: PROFESSOR; ALUNO; PAI; MÃE; DIRECT OR; FUNCIO NÁRIO; OUT RO; NA (Sem identificar)		FAMÍLIA É SUPORTE POSITIVO DA CRIANÇA (S/N)	
5		SITUAÇÃO: BULLYING; ABUSO SEXUAL; ASSÉDIO SEXUAL; VIOLÊNCIA SEXUAL; VIOLÊNCIA FÍSICA; VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/ EMOCIONAL; UNIÃO PREMATURA/ CALAMIDADE/ OUTRO		SINAIS DE ALERTA. QUAIS?		SUPORTE FAMILIAR (S/N)	
6		SITUAÇÃO: BULLYING; ABUSO SEXUAL; ASSÉDIO SEXUAL; VIOLÊNCIA SEXUAL; VIOLÊNCIA FÍSICA; VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/ EMOCIONAL; UNIÃO PREMATURA/ CALAMIDADE/ OUTRO		SINAIS DE ALERTA. QUAIS?		SUPORTE FAMILIAR (S/N)	
7		SITUAÇÃO: BULLYING; ABUSO SEXUAL; ASSÉDIO SEXUAL; VIOLÊNCIA SEXUAL; VIOLÊNCIA FÍSICA; VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/ EMOCIONAL; UNIÃO PREMATURA/ CALAMIDADE/ OUTRO		SINAIS DE ALERTA. QUAIS?		SUPORTE FAMILIAR (S/N)	
8		SITUAÇÃO: BULLYING; ABUSO SEXUAL; ASSÉDIO SEXUAL; VIOLÊNCIA SEXUAL; VIOLÊNCIA FÍSICA; VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/ EMOCIONAL; UNIÃO PREMATURA/ CALAMIDADE/ OUTRO		SINAIS DE ALERTA. QUAIS?		SUPORTE FAMILIAR (S/N)	
9		SITUAÇÃO: BULLYING; ABUSO SEXUAL; ASSÉDIO SEXUAL; VIOLÊNCIA SEXUAL; VIOLÊNCIA FÍSICA; VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/ EMOCIONAL; UNIÃO PREMATURA/ CALAMIDADE/ OUTRO		SINAIS DE ALERTA. QUAIS?		SUPORTE FAMILIAR (S/N)	
10		SITUAÇÃO: BULLYING; ABUSO SEXUAL; ASSÉDIO SEXUAL; VIOLÊNCIA SEXUAL; VIOLÊNCIA FÍSICA; VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA/ EMOCIONAL; UNIÃO PREMATURA/ CALAMIDADE/ OUTRO		SINAIS DE ALERTA. QUAIS?		SUPORTE FAMILIAR (S/N)	

NIVEL DE RISCO:	
ALTO	Situação de violência que acontece frequentemente; história de maus tratos continuados/castigo severos/ criança fica sozinha ao seu cuidado; criança necessita de atendimento sanitário imediato; existem antecedentes de episódios de violência na família com outras crianças; lesões graves com diferentes estados de cicatrização; violência sexual; o agressor convive com a criança; os familiares consideram a força como forma apropriada de impor o poder e disciplinar a criança; união prematura.
MÉDIO	Não há evidências que a criança esteja em risco de ferimentos graves ou morte eminente. No entanto, a criança sofre uma lesão moderada ou tem várias lesões com cicatrizações de diferentes momentos no tempo; o/a cuidador/a não consegue suprimir necessidades básicas da criança; Há evidências que a criança poderá vir a desenvolver algum dano caso não haja um plano de ação para proteção e intervenção.
BAIXO	O ambiente familiar é seguro, no entanto há uma preocupação sobre o potencial risco se não ocorrer o apoio de alguns serviços.

Denúncia direta: quando alguém fala diretamente com o professor/ponto focal sobre uma situação que aconteceu consigo ;

Denúncia Indireta: quando alguém fala sobre uma situação que aconteceu com outra pessoa que não o/a próprio/a;

Suporte Familiar: Quando a pessoa pode contar com o apoio/confiança de algum cuidador/adulto da sua família ;

NA: Não se aplica;

Consentimento: quando se trata de crime público não é necessário. Quando é outro tipo de violência deve pedir-se o consentimento da família ou do maior de 18 anos.

MÓDULO 14

Higiene pessoal, saneamento e prevenção de transmissão de doenças



MÓDULO 14

Higiene pessoal, saneamento e prevenção de transmissão de doenças

Materiais necessários: Flipchart, marcador permanente, papel, canetas, fonte de água e fotocópias do anexo 14A, *Lavagem das mãos*, ver a página seguinte).

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

- Os professores e crianças estão conscientes da importância da higiene pessoal, saneamento e prevenção de transmissão de doenças após uma situação de emergência.
- Os professores e as crianças têm conhecimentos e habilidades de higiene pessoal, saneamento e prevenção de transmissão de doenças;
- Os professores actuam como modelos para as crianças, na manutenção de altos níveis de higiene pessoal e saneamento.

RESULTADOS ESPERADOS

- Os professores e crianças mantêm altos níveis de higiene pessoal e saneamento após uma situação de emergência;
- Redução da propagação de doenças após uma situação de emergência.
- Professores e crianças cuidam uns dos outros e lembram-se para cuidar da higiene pessoal e do meio ambiente. E elogiam-se uns aos outros quando fazem algo positivo, para o meio ambiente ou limpeza geral da escola.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES, ABORDAGEM E EXERCÍCIOS


1. O formador apresenta uma visão geral da sessão, objectivos e resultados esperados (5 minutos);
2. O formador discute a importância da higiene pessoal (ou seja, prevenção de disseminação de germes e doenças) e saneamento (ou seja, manter a saúde e o ambiente limpos) e demonstrar como lavar as mãos correctamente. Todos os professores se revezam para lavar as mãos;
3. Os formadores discutem a importância da prevenção da propagação de doenças (especificamente, de malária e de cólera), a importância de beber água limpa, usar as latrinas e enterrar as fezes, e da prevenção de malária dormindo sob uma rede mosquiteira;
4. Secção de Perguntas e Respostas (10 minutos).

AVALIAÇÃO:**Avalie através de perguntas, discussão ou observação se os participantes:**

- **Conhecimento:** Demonstram que eles podem lavar as mãos correctamente.
- **Habilidades:** Demonstram como podem manter seu ambiente escolar limpo
- **Comportamento/ Valores:** Demonstram cuidar da higiene pessoal e escolar, e elogiar quando apropriado ou merecido.

ANEXO 14A

Lavagem das mãos

 Duração total do procedimento: 40-60 seg.



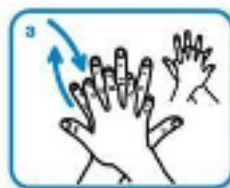
0 Molhe as mãos com água



1 Aplique sabão suficiente para cobrir todas as superfícies das mãos



2 Esfregue as palmas das mãos, uma na outra



3 Palma direita sobre o dorso esquerdo com os dedos entrelaçados e vice versa



4 Palma com palma com os dedos entrelaçados



5 Parte de trás dos dedos nas palmas opostas com os dedos entrelaçados



6 Esfregue o polegar esquerdo em sentido rotativo, entrelaçado na palma direita e vice versa



7 Esfregue rotativamente para trás e para a frente os dedos da mão direita na palma da mão esquerda e vice versa



8 Enxague as mãos com água



9 Seque as mãos com toalhete descartável



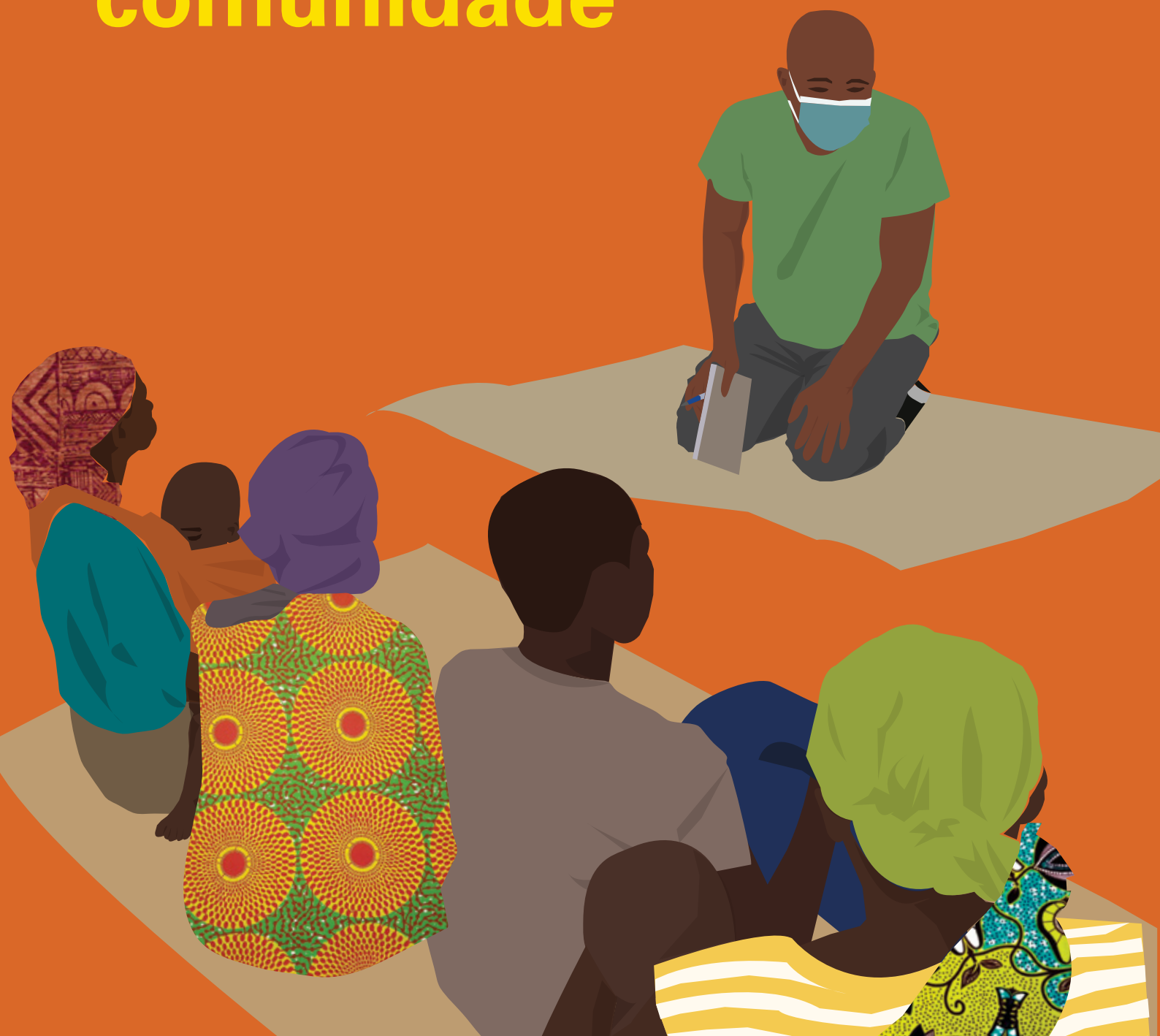
10 Utilize o toalhete para fechar a torneira se esta for de comando manual



11 Agora as suas mãos estão seguras.

MÓDULO 15

Envolvimento da comunidade



MÓDULO 15

Envolvimento da comunidade

Materiais necessários: Flipchart, marcador permanente, papel e canetas.

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

Aumentar o envolvimento da comunidade no apoio a professores e alunos antes, durante e após uma emergência. No final da sessão:

- Os professores e alunos estão cientes do benefício mútuo de reforçar o envolvimento da comunidade após uma situação de emergência;
- A comunidade envolve-se em todas as etapas de educação em situações de emergência, incluindo preparação, resposta e recuperação.

RESULTADOS ESPERADOS

- Professores e alunos compreendem a importância do envolvimento da comunidade antes, durante e após uma situação de emergência;
- As comunidades se envolvem nas escolas após uma situação de emergência.
- Há abertura e disponibilidade a colaborar com as comunidades antes, durante e após situações de emergência.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

- 1. O formador apresenta uma visão geral da sessão, objectivos e resultados esperados (5 minutos);**
- 2. O formador explica a importância do envolvimento da comunidade antes, em e após situações de emergência:**
 - *Trabalhando continuamente de perto com as comunidades, os/as educadores/as podem melhorar a relevância, a oportunidade e a sustentabilidade da preparação, resposta e recuperação de uma emergência.*
 - *As comunidades não devem ser sobrecarregadas e, em particular, tem que se evitar transferir as responsabilidades financeiras e materiais para as comunidades que, por sua vez, já estão sob pressão.*
 - *A importância das contribuições da comunidade, deve ser entendida de uma forma holística, e não ser equiparada ao apoio material. Ao invés disso, considere o conjunto de capacidades, apoios em espécie e, se apropriado, bens e recursos materiais da comunidade.*
 - *Os jovens voluntários também podem ser mobilizados para apoiar a gestão da sala de aula e as relações escola-comunidade. Isto beneficia os professores com um “par de mãos” extra, na sequência de uma emergência, oferecendo-lhes um bem administrativo, oportunidade de*

voluntariado seguro para valorizar o seu sentido de pertença e de trabalho em equipa, o que pode facilitar o seu bem-estar psicossocial e promover a sua identidade.

- 3. Discussão com os participantes sobre as formas pelas quais os professores podem envolver as comunidades locais no contexto da sua escola antes, durante e após as situações de emergência, e como podem incentivar os alunos a também envolverem as suas comunidades locais.**
- 4. Os participantes professores procuram identificar e anotar cinco maneiras pelas quais podem incluir as suas comunidades locais antes, durante e após uma emergência. Esta informação é recolhida pelo formador (10 minutos).**

AVALIAÇÃO:

Avalie através de perguntas, discussão ou observação se os participantes:

- **Conhecimento:** Compreendem a importância do envolvimento da comunidade na preparação, durante e após as emergências
- **Habilidades:** Podem analisar as respostas dos professores na sessão de troca de ideias, e os seus contributos, e determinar se eles constituem bons exemplos de envolvimento da comunidade nestas fases diferentes da preparação, resposta e recuperação.
- **Comportamento/ Valores:** Estão abertos e dispostos a trabalhar com a comunidade
- antes e durante a resposta e recuperação de uma emergência.

MÓDULO 16

Mapeamento dos riscos e oportunidades



MÓDULO 16

Mapeamento dos riscos e oportunidades

Materiais necessários: Flipchart, marcador permanente, papel, canetas, fotocópias do Anexo 14A. “Criar um mapa de riscos e oportunidades”

Tempo: 90 minutos ou mais, meio dia ou mesmo um dia inteiro (dependendo de quantos detalhes são apresentados ou solicitados para finalizar o mapa). Pode levar um dia inteiro, ou alguns dias, se as crianças e os professores tiverem outras tarefas para fazer)

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

Aumentar o conhecimento sobre Redução do Risco de Desastres (RRD) para professores, alunos e a comunidade local. No final da sessão:

- Professores e alunos conhecem a importância da RRD na escola;
- Os professores estão conscientes do seu papel vital no foco na RRD.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes, enquanto professores, são capazes de:

- Identificar riscos na sua própria comunidade;
- Repetir a actividade com os seus alunos, no caso dos professores;
- Reconhecer a importância da RRD, alunos e professores.
- Envolver crianças, estudantes e comunidade nos esforços de RRD e respeitar todas as contribuições (seguindo o princípio de que “não existe uma má ideia”)

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

1. O formador apresenta uma visão geral da sessão, objectivos e resultados esperados (5 minutos);
2. O formador explica a importância da RRD nas escolas (incluindo o aumento do risco global de desastres, e que os professores têm um papel fundamental a desempenhar na preservação de vidas). O formador dá ainda exemplos de tipos de desastres;
3. Os formadores explicam como criar um mapa de risco e oportunidades para reforçar a protecção e resiliência das pessoas e infraestruturas escolares durante a sessão de treinamento para os professores, para depois fazerem com os seus alunos numa actividade de um dia inteiro (veja o anexo);
4. Reflexão sobre o propósito da actividade, e como ela pode ser usada para despertar uma maior consciência dos riscos, e promover a RRD na escola e comunidade.

AVALIAÇÃO:

Avalie através de perguntas, discussão ou observações se os participantes:

- **Conhecimento:** Sabem o que é DDR e como estabelecer ou melhorar a RRD
- **Habilidades:** Podem avaliar a compreensão dos professores com base nas suas respostas nos seus mapas.
- **Valores/comportamento:** Estavam a dar oportunidades para que outros expressassem sua opinião e fossem bons ouvintes.

ANEXO 16A

Criar um mapa de risco e oportunidades (actividade diurna)

1. Desenhe um mapa do seu bairro, localidade, vila ou cidade. Inclua os lugares onde passa a maior parte do tempo: a sua casa e a sua escola.
2. Inclua marcos naturais, como rios e canais, montanhas e colinas íngremes, ou litorais, bem como grandes infra-estruturas (estradas, pontes, túneis) e importantes edifícios públicos (bombeiros, estações ferroviárias, hospitais, esquadras, plantas.) Deve incluir edifícios potencialmente perigosos¹⁹.
3. Depois de desenhar o mapa, é hora de se tornar um detective de risco de desastre! Descubra quais os perigos que a sua comunidade pode estar a enfrentar. Divida-se em pequenos grupos e entreviste pessoas na sua comunidade - desde jornalistas locais e funcionários de gestão de desastres, ou mesmo a sua família e amigos. A internet ou mesmo a biblioteca podem ser óptimas fontes de informação. Descubra as respostas para as seguintes perguntas:
 - Quais são os perigos em que o seu bairro /localidade/ vila / cidade está exposto? Quais áreas serão mais afectadas se um desastre se manifestar?
 - Que desastres ocorreram no passado na sua área? Quais foram secções mais afectadas e porquê?

- A sua comunidade já possui mapas de risco para diferentes perigos? Em caso afirmativo, sabe se as pessoas da sua comunidade foram consultadas? O mapa inclui mudanças de riscos resultantes das mudanças climáticas?
- 4. De seguida, marque as áreas e edifícios que estão em risco face a um determinado perigo. Diferentes grupos de alunos podem trabalhar em diferentes cenários de perigo (como por exemplo, uma pequena inundação ou uma grande inundação).**
- É comum estar nessas áreas que estão em risco?
 - A sua escola está numa dessas áreas que está em risco?
- 5. De seguida, discuta as vulnerabilidades:**
- O que torna certas pessoas na sua vizinhança mais vulneráveis do que outras?
 - O que torna certas áreas, edifícios ou infra-estruturas na sua área mais vulneráveis do que outras?
 - Que coisas fazemos que possam aumentar as vulnerabilidades?
- 6. Finalmente, pense, discuta e pesquise tendo por base os riscos identificados, as oportunidades e possibilidades para fortalecer a segurança, protecção e resiliência das pessoas (alunos, professores, pais e membros da comunidade) e infraestruturas escolares.**

ALGUMAS DICAS

- Se a sua comunidade for grande demais para caber num mapa de risco, pode formar grupos, cada um deles responsável por mapear uma área específica dentro da comunidade. Pode até pensar em trabalhar em conjunto com outras escolas da sua comunidade.
- Os perigos podem ser diferentes em diferentes estações do ano. Se este for o caso, grupos diferentes podem criar mapas de risco para diferentes estações do ano. Também pode criar um mapa de riscos separado para cada perigo, em vez de combinar todos os perigos num mapa.
- Os mapas de risco são sempre baseados em probabilidade e, às vezes, podem acontecer coisas muito improváveis (essas coisas são chamadas de eventos do cisne negro - tente descobrir o porquê!). Isso significa que, mesmo que a sua casa e a sua escola estejam em áreas relativamente seguras, faz sentido estar preparado para desastres.

MÓDULO 17

Educação para a paz



MÓDULO 17

Educação para a paz

Materiais necessários: Flipchart, marcador permanente, papel, canetas, fotocópias do documento “Orientações acerca de violência extrema e paz” (ver anexo 17 A)

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

Sensibilizar professores e alunos para a importância da educação na promoção de ambientes de aprendizagem e sociedades pacíficas. No final da sessão, os participantes devem:

- Garantir que os professores e alunos estejam conscientes da importância da paz para no seu processo de aprendizagem;
- Sentir-se confiante para discutir violência e paz com os alunos.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes, enquanto professores, são capazes de:

- Definir violência e os seus impactos, bem como a importância da paz;
- Comunicar eficazmente questões de violência e paz.
- Demonstrar, ao longo de toda a sessão, respeito por diferentes opiniões, procurar ser um ouvinte activo, reduzir conflitos e fomentar a união entre pessoas apesar de opiniões diferentes e evitar a violência (incluindo violência verbal).

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

1. O formador apresenta uma visão geral da sessão, bem como os seus objectivos e resultados esperados (5 minutos). Para ajudar na sua preparação, o formador pode ler o texto no anexo.

2. No caso de ser uma sessão dirigida a professores, o formador faz uma breve apresentação, sobre como os professores podem conversar com os seus alunos sobre violência e paz e convida os participantes a realizarem um exercício prático.

3. Exercício prático. O formador ou professor:

- Começa por perguntar que tipo de violência os alunos conhecem (como por exemplo, insultos, bullying, opressão, medo, etc.).
- De seguida pede aos alunos que identifiquem situações ou casos em que tenham sentido esta forma de violência na escola e/ou sala de aula; O professor tem que ficar atento a algum aluno que fique incomodado com a pergunta, pois pode dizer que terá experienciado alguma forma de violência a título pessoal.
- Finalmente, pede aos alunos que pensem nas razões ou causas da violência que dizem ter visto, sentido ou experienciado na escola e/ou na sala de aula.

4. **Discussão sobre formas de combater a violência na sala de aula e promover comportamentos mais pacíficos.**
5. **O professor pede aos alunos que se dividam em pequenos grupos e pede a cada grupo que responda à pergunta: “Como é a escola pode ajudar a construir sociedades mais pacíficas?” O objectivo é guiar os alunos a reconhecer que ao aprenderem formas de convivência mais pacíficas na sala de aula, estão a desenvolver competências de vida em sociedade e que isso lhes permite sere cidadãos mais conscientes das desigualdades e injustiças.**
6. **O formador apresenta a definição de educação para a paz (ver anexo 17 B) e termina a sessão sensibilizando os participantes para a importância do papel de cada um e cada uma na promoção da paz na sala de aula e outros espaços da vida quotidiana.**
7. **Varição: O formador introduz o tema de extremismo violento antes de apresentar as definições (ponto 7) e convida os alunos a partilharem alguma situação que conheçam que possa ser considerada de extremismo violento (ver o anexo 17C).**

AVALIAÇÃO:

Avaliar através de discussões, perguntas ou observações, se os participantes:

- **Conhecimento:** Entendem as diferentes formas de violência e o conceito de educação para a paz; Compreendem a importância de discutir estas questões com os alunos, e como isso pode levar a paz em toda a comunidade;
- **Habilidades:** Sentir-se confiante em abordar esses assuntos com os alunos;
- **Valores/comportamento:** Mostram habilidades de escuta e comportamento pacífico e activo, que ajudem a reduzir conflitos e a promover o entendimento mútuo.

ANEXO 17A

Relação entre Educação e Conflito

As instituições educativas, nomeadamente escolas, podem reproduzir formas de violência existentes na sociedade. Assim, escola ou qualquer outro espaço educativo pode transformar-se num espaço opressor e promotor de conflitos interpessoais que, associados a fenómenos de massas podem contribuir para a intensificação da violência contra os grupos minoritários. Para além da influência na estrutura escolar e de escolarização, também o currículo escolar é fundamental no que se refere ao impacto da educação sobre situações de violência e conflito.

ANEXO 17B

Educação para a paz

O objectivo da educação para a paz é criar um entendimento das manifestações da violência, o desenvolvimento de capacidades para responder de forma constructiva a essa violência e conhecimento específico de alternativas à violência. Os dois conceitos fundamentais de educação para a paz, são o respeito e habilidades. Respeito refere-se ao desenvolvimento do respeito por si mesmo e pelos outros; as habilidades referem-se à comunicação específica, cooperação e habilidades comportamentais, usadas em situações de conflito (consulte o modulo 14. Gestão e Resolução de Conflitos para referência).

Paz

- A paz vem das pessoas
- A Paz é quando todos estão calmos e seguros
- A Paz pode estar dentro de uma pessoa, uma comunidade ou um país
- A Paz significa que ninguém ficou ferido na guerra
- A Paz é um sentimento de harmonia
- Paz é quando todos estão livres
- Todos nós podemos fazer a paz acontecer, sendo activamente bons uns para os outros.
- Toda a criança tem a responsabilidade de fazer a paz acontecer em casa, na escola e na comunidade
- Antes, falavamos de sentimentos. Quando estamos em Paz, nos sentimos felizes e não assustados.
- Todos nós podemos aprender a lidar com nossos sentimentos de modo que, mesmo quando estamos chateados ou sob pressão, ainda permaneçamos pacíficos em relação aos outros.

ANEXO 17C

Extremismo violento

- O extremismo violento refere-se ao uso de um sistema de crenças particular, para justificar a violência ou a força contra uma pessoa ou grupo, como um meio para atingir um fim específico.
- Discutir emergências de grande escala na sala de aula, pode ser uma forma de prevenir o extremismo violento.
- Sentir-se sobrecarregado e apreensivo ao discutir isso com o aluno é normal, tratando-se de um assunto tão delicado. Os alunos também podem temer discutir tais questões com adultos.
- Explique que partilhar medos comuns após uma emergência pode fazer com que as crianças se sintam menos sozinhas, e corram menos riscos de se juntar a um grupo extremista para ganhar um sentimento de pertença.
- As discussões sobre o extremismo violento estendem-se ainda mais à criação de um ambiente seguro e favorável às crianças. Pode ser assustador discutir o trauma em toda a comunidade, no entanto, criar uma sala de aulas na qual os alunos se sintam emocional e fisicamente seguros, ajuda a construir uma cultura de paz fora da sala de aulas.

COMO PREVENIR O EXTREMISMO VIOLENTO

- “Professores, escolas e instituições educativas: os professores e professoras recrutadas devem representar a diversidade de grupos étnicos e pontos de vista de uma mesma sociedade. As escolas devem criar uma atmosfera de tolerância e harmonia. Devem procurar o envolvimento da comunidade, incluindo as instituições religiosas e políticas, e assumir-se como um espaço seguro para todos, incluindo as minorias.
- Crianças e Jovens: a educação deve incluir as vozes de crianças e jovens e dar-lhes a eles algum poder sobre as suas próprias vidas. A educação deve apoiar cada criança enquanto pessoa com opiniões, necessidades e aspirações individuais.
- Espaços seguros: as comunidades têm que garantir que as escolas são espaços seguros para discutir opiniões diferentes e ambientes seguros para aprender novas ideias e competências.
- Acesso: o acesso à educação tem de ser universal. O estatuto socioeconómico não pode ser uma barreira à educação de qualidade, assim como não o podem ser o género, a etnia ou a língua.” (INEE, “Prevenir o Extremismo Violento”)

NA SALA DE AULA:

- As crianças querem e precisam de factos. A imprecisão pode ser confusa e angustiante.
- Permita que as crianças discutam suas próprias teorias e ideias.
- Direcione os alunos para recursos de informação e assistência.
- NÃO peça aos alunos para contar suas próprias histórias, ou para destacá-las quando tiver informações sobre suas experiências. Cabe a eles partilhar, a seu próprio critério.
- Deixe-os saber que é bom ter medo, ficar confuso, zangado ou se sentir culpado. Estas são respostas normais.
- Pergunte-os se têm algumas questões. Escute cuidadosamente e responda honestamente.
- Responda apenas às perguntas feitas.
- Se não tiver uma resposta, seja honesto. Saber que não tem todas as respostas, pode fazer com que os alunos se sintam melhor. Procure responder quando puder.
- Use termos realísticos, e evite eufemismos.
- Enfatize que:
 - > Cada aluno é valorizado, e será apoiado
 - > Defina regras básicas, estabelecendo que ninguém será colocado por baixo pelos seus sentimentos, ou será demitido quando os seus sentimentos forem diferentes de outrém.
 - > Lembre-os que a escola é um lugar seguro.
 - > Deixe-os saber que as reacções variam de aluno para aluno, e do dia-a-dia - isso é bom.

MÓDULO 18

Os 5 sentidos



MÓDULO 18

Os 5 sentidos

Materiais necessários: grande papel branco, papel, canetas coloridas, quadro da sala da aula, ou flipchart e marcadores

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

No final da sessão, os participantes devem:

- Saber o que é resiliência e como criar reacções positivas em crianças e adultos;
- Demonstrar como organizar e implementar uma discussão participativa sobre: “O que é que aconteceu?”;
- Demonstrar como potenciar os diferentes sentidos de uma pessoa;
- Entender que os formadores/professores podem assumir um papel de líder, facilitador na área de AP e estimular o princípio de participação ativa de todos os alunos.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Explicar o que é resiliência, e de que forma uma conversa ou discussão aberta sobre o que aconteceu, pode encorajar diferentes reacções nas crianças;
- Demonstrar como estimular as reacções positivas pela maioria das crianças;
- Demonstrar como todos os sentidos (tacto, olfacto, audição, paladar, visão) podem ser usados nesta discussão.
- Demonstrar como organizar uma discussão aberta ou diálogo entre pares.
- Demonstrar empatia e respeito por qualquer reacção e reconhecer a importância das discussões frequentes sobre acontecimentos passados.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

Título/tópico: ‘o que é que aconteceu?’

1. Os participantes são convidados e preparados para falarem sobre a sua própria experiência com a situação de desastre. Para tal, ajude os alunos a revisitarem e expressarem as sensações sentidas durante esse mesmo desastre.

- Coloque um grande pedaço de papel na parede e divida-o em cinco segmentos (também pode usar o quadro preto, se disponível na sala).
- Desenhe um símbolo por cada um dos cinco sentidos (orelha, olho, nariz, boca, mão) em cada um desses segmentos.
- Diga aos alunos que a classe vai falar sobre o que aconteceu durante o desastre, percorrendo cada um dos cinco sentidos.

2. Discussão

- Primeiro, peça aos alunos que partilhem o que se lembram do desastre.
- Em seguida, percorrer cada sentido e perguntar aos alunos, o que eles sentiram, cheiraram, ouviram, viram, os sabores que sentiram, etc.
- Valide as experiências partilhadas, mas procure corrigir percepções erradas, orientando os alunos.
- Anote as respostas nos respectivo segmento do papel afixado na parede.
- Respeite o facto de que algumas crianças não quererem partilhar suas experiências. Pode sempre dizer-lhes que está disponível para lhes falar sobre as suas experiências se quiserem fazê-lo noutro momento.

3. Variação

- Depois deste exercício, peça aos alunos que desenhem o que vivenciaram, levem para casa e partilhem com os seus pais.

AVALIAÇÃO:

Através de uma rápida conversa ou perguntas individuais, procure perceber se:

- **Conhecimento:** os participantes aprenderam o que se pretendia transmitir na sessão? (ver os resultados esperados)
- **Habilidades:**
 - a) Na formação: os participantes (formadores/professores) conseguem demonstrar como estimular reacções positivas em situações de emergência e organizar actividades para grupos das crianças, que ajudem a construir e reforçar a resiliência?
 - b) Na sala da aula/para os alunos, algumas possíveis perguntas:
 - i. Como se sentiu ao partilhar as suas experiências sobre o desastre?
 - ii. (Para alunos/as do segundo ciclo e ensino secundário): Porque é que considera importante partilhar as suas experiências e sentimentos após um desastre?
 - iii. (Para alunos do ensino secundário): de que forma os nossos sentidos nos ajudam registar o que aconteceu?
- **Valores/comportamento:** Os participantes (formadores e/ou professores) já demonstram um entendimento, sobre os valores importantes no trabalho de reforço da resiliência como o respeito, trabalho em conjunto, paciência, empatia, etc.?

MÓDULO 19

Desenhar os sentimentos



MÓDULO 19

Desenhar os sentimentos

Materiais necessários: grande papel branco, papel, canetas coloridas, tintas, quadro na sala da aula, ou flipchart e marcadores

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

Os participantes devem:

- Explicar o que é resiliência e como encorajar diferentes reacções nas crianças;
- Demonstrar de que forma os alunos podem reconhecer os seus sentimentos;
- Encorajar os alunos a criarem empatia com outros alunos e mostrarem por qualquer sentimento;
- Entender que os formadores/professores podem assumir um papel de líder, facilitador
- na área de AP e estimular o princípio de participação ativa de todos os alunos.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Explicar o que é resiliência e de que forma um desenho sobre acontecimentos passados, pode encorajar diferentes reacções nas crianças;
- Demonstrar como é que um desenho ou outra forma de arte pode construir resiliência e estimular reacções positivas na maioria das crianças;
- Demonstrar como organizar uma atividade em que todos os alunos fazem um desenho ou outra expressão artística.
- Demonstrar empatia e respeito por qualquer expressão artística ou desenho.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

1. Introdução à actividade

- Falar sobre a diversidade de emoções humanas e destacar que todas as pessoas têm sentimentos diferentes, em momentos diferentes.
- Note que depois de uma situação de desastre é normal demonstrar sentimentos e emoções diferentes, às vezes ao mesmo tempo. Não há problema que isso aconteça.
- Mencione a dimensão de empatia, observando que todas as outras pessoas também têm sentimentos que devem ser respeitados.

2. Fazer um desenho

- Peça aos alunos que façam um desenho de um sentimento que eles sentiram após a situação de desastre ou um sentimento que eles acham que alguém na sua classe/família sentiu, também depois desastre.

2. Apresentação e avaliação

- Pergunte aos alunos se estão dispostos a partilhar o seu desenho com os outros na classe.
- Anote no quadro a emoção/sentimento que os alunos mencionarem.
- Após a apresentação, discuta com os alunos os sentimentos referidos, semelhantes ou diferentes.
- Mais uma vez, validar os sentimentos dos alunos e reforçar a necessidade de respeitar os sentimentos de outras pessoas.

3. Variação

- Caso haja tempo e seja pertinente, os alunos podem formar pequenos grupos e expressar os sentimentos referidos através de mímica.

AVALIAÇÃO:

Através uma rápida conversa ou perguntas individuais, procure perceber se:

- **Conhecimento:** os participantes aprenderam o que se pretendia transmitir na sessão? (ver os resultados esperados)
- **Habilidades:**
 - a) Na formação: os participantes (formadores/professores) podem demonstrar como estimular reacções positivas em situações de emergência e organizar actividades com grupos de crianças que ajudam a construir e reforçar a resiliência?
 - b) Na sala da aula/para os alunos, algumas possíveis perguntas:
 - i. Como te sentiste ao partilhar as suas emoções sobre o desastre?
 - ii. Que sentimentos achas que as pessoas à tua volta sentiram?
 - iii. (Para alunos/as do ensino secundário): além desses que outros sentimentos podem estar lá?
 - iv. (Para alunos do ensino secundário): Com que frequência alguns destes sentimentos se manifestam? São mais ou menos frequentes com o tempo?
- **Valores/comportamento:** Os participantes (formadores e/ou professores) demonstram um entendimento, sobre os valores importantes no reforço da resiliência tais como o respeito, trabalho em conjunto, paciência, empatia, entre outros? Os alunos demonstram respeito por qualquer tipo de emoção, sentimentos e desenhos dos outros alunos?

As actividades psicossociais não devem ser utilizadas para avaliar os alunos.

MÓDULO 20

Expressão dramática, escrita e musical



MÓDULO 20

Expressão dramática, escrita e musical

Materiais necessários: grande papel branco, papel, canetas negras e/ou coloridas, tintas, roupa usada, corda, tesoura, instrumentos musicais

Tempo: 90 minutos por actividade (este módulo propõe 3 diferentes actividades)

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

No final da sessão, os participantes devem:

- Explicar o que é resiliência e como encorajar reacções positivas em crianças e adultos;
- Demonstrar de que forma os alunos podem reconhecer os seus sentimentos;
- Facilitar o uso de diferentes formas de expressão para permitir a expressão de sentimentos;
- Encorajar os alunos a criarem empatia com outros alunos e mostrarem por qualquer sentimento;
- Entender que os formadores/professores podem assumir um papel de líder, facilitador na área de AP e estimular o princípio de participação activa e a expressão artística de todos os alunos.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Explicar o que é resiliência e de que forma expressões artísticas de acontecimentos passados, pode encorajar diferentes reacções nas crianças.
- Demonstrar de que forma a expressão artística pode construir a resiliência e estimular reacções positivas na maioria das crianças.
- Demonstrar como organizar actividades em que todos os alunos se expressam através de uma forma artística, por exemplo expressão dramática: fantoches, jogos teatrais, cartão postal, carta, canção e conto.
- Demonstrar empatia e respeito por qualquer forma de expressão artística.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

1. Fazer uso de fantoches e jogos teatrais:

- Disponibilize aos seus alunos diferentes formas de uso de fantoches- auto- expressão, exercícios de pares e de grupo, expressando-se diante de um público.
- Os alunos mais velhos podem usar espetáculos de fantoches ou teatro para sensibilizar os alunos mais jovens ou a comunidade sobre segurança e higiene após uma situação de desastre.
- Dependendo da cultura local e do público do espectáculo, os meios de expressão podem ser diferentes.
- Discuta com os participantes que formas de expressão podem ser as melhores para alcançar um determinado público.

2. Escrever um cartão postal ou uma carta a um amigo ou membro da família sobre acontecimentos passados (“o que aconteceu”) ou envie uma foto sobre o evento.

3. Elaborar uma canção, um texto ou um conto sobre o que aconteceu.**AVALIAÇÃO:****Através de uma rápida conversa ou perguntas individuais, procure perceber se:**

- **Conhecimento:** os participantes aprenderam o que se pretendia transmitir na sessão? (ver os resultados esperados)
- **Habilidades:**
 - a) Na formação: Os participantes (formadores/professores) podem demonstrar como estimular reacções positivas em situações de emergência e organizar actividades para grupos de crianças que ajudem a construir e reforçar a resiliência?
 - b) Na sala da aula/para os alunos: algumas possíveis perguntas **a fazer sobre os fantoches e os jogos teatrais:**
 - i. Por que razão escolheste fazer e/ou representar esta determinada personagem?
 - ii. Como te sentiste quando estavas a usar os fantoches?
 - iii. Que sentimentos o teu personagem foi tentando expressar e porquê?
 - iv. Isso representa os teus próprios sentimentos?
 - v. Como chegaste a esta história? Porque é que escolheste este público em particular?
 - vi. Como reagiu o público? O que farias diferente se fizesses esta actividade de novo?
 - c) **Sobre o cartão postal, carta ou foto:**
 - i. Para quem enviaste o seu cartão postal, carta ou foto?
 - ii. Com quem a partilhaste?
 - iii. (para o ensino secundário) Como te sentiste ao partilhar a tua história com os outros?
 - iv. (para o ensino secundário) Foi difícil partilhar a tua história com os outros? Porquê?
 - v. (para o ensino secundário) A outra pessoa respondeu-te? Como te sentiste quando recebeste a resposta?
 - d) **Sobre a canção ou conto**
 - i. Que sentimentos procuraste expressar através da canção/conto?
 - ii. Como chegaste a esta letra/história?
 - iii. (para o ensino secundário) Como te sentiste ao criar a letra/história?
 - iv. (para o ensino secundário) Como decidiste a quem contar/cantar?
 - v. (para o ensino secundário) Como reagiu o público?
- **Valores/comportamento:** Os participantes (formadores e/ou professores) demonstram um entendimento, sobre os valores importantes no reforço da resiliência tais como o respeito, trabalho em conjunto, paciência, empatia, entre outros? Os alunos demonstram respeito por qualquer tipo de emoção, sentimentos e desenhos dos outros alunos?

As actividades psicossociais não devem ser utilizadas para avaliar os alunos.

MÓDULO 21

A girafa e a hiena



MÓDULO 21

A girafa e a hiena

Materiais necessários: Flipchart, marcador permanente, papel, canetas, fotocópias do Anexo 19B. “Gestão de conflitos na sala de aulas” e Anexo 21A. A Hiena e a Girafa

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

Garantir que os professores são treinados em resolução de conflitos No final da sessão, os participantes devem:

- Entender o que significa conflito;
- Saber lidar com comportamentos inesperados no contexto da sala de aulas, sem usar violência física, abuso verbal ou humilhação social.
- Ter as ferramentas necessárias para a gestão e resolução de conflitos.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Lidar, efectiva e eficientemente, e de forma não violenta com o comportamento inesperado na sala de aula;
- Lidar, efectiva e eficientemente, com situações de conflito na sala de aula.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

- 1. O formador apresenta uma visão geral da sessão, objectivos e resultados esperados (5 minutos);**
- 2. Apresentação do formador sobre o comportamento inesperado e gestão de conflitos (10 minutos);**
- 3. Actividade em grupo: Exercício sobre a Girafa e a Hiena (20 minutos)**
 - O formador desenha uma girafa e uma hiena e pergunta aos alunos quais as características típicas de cada um destes animais?
 - Continua perguntando: como é que esses animais se comunicam e se comunicam de maneira diferente?
 - Pede aos participantes que se dividam em dois, sendo que um dos grupos é convidado a dramatizar uma situação na escola ou sala de aula que represente o estilo de comunicação da girafa e o estilo de comunicação da hiena.
 - Já me plenário e depois das apresentações, explica o que é a linguagem da girafa e da hiena (ver Anexo 21A) e usa-os para discutir como se pode comunicar durante uma situação de conflito.

4. Reflexão sobre o que os participantes aprenderam relativamente à importância da linguagem na resolução de conflitos (5 minutos).

AVALIAÇÃO:

Avalie através de perguntas, discussão ou observação, se os participantes:

- **Conhecimento:** entendem como lidar com comportamentos inesperados na sala de aulas; entendem a importância da linguagem, tom de voz e comportamento quando resolvem um conflito;
- **Habilidades:** conseguem demonstrar as habilidades de comunicação que são propícias à resolução de conflitos.
- **Valores/comportamento:** demonstrar que são ouvintes activos e diplomatas, preparados para resolver, reduzir ou evitar os riscos que levam a conflitos.

ANEXO 21A

Actividade sobre comunicação não-violenta: a linguagem da girafa

Desenvolvido com base na teoria sobre comunicação não violenta de Marshall Rosenberg, que visa a comunicação clara.

1. O facilitador inicia, apresentando um desenho de uma girafa e de uma hiena.
2. Os participantes farão uma lista de todas as características físicas dos dois animais.
3. Depois, o facilitador solicitará aos participantes, que listem as características particulares dos dois animais.

4. O facilitador pode complementar as características e informações descritas abaixo:

- **A girafa (características físicas)**

Pescoço longo

Orelhas grandes

Comedor de plantas (herbívoro)

Comunica-se infrasonicamente (ou seja, eles se comunicam através de ruídos como grunhidos e gemidos muito baixos, para os humanos ouvirem)

A girafa: Tem uma visão generalista; um grande coração (o maior coração de qualquer animal terrestre); pensa antes de falar (é mais uma observadora); ouve mais do que fala; fala a linguagem do coração; é alta o suficiente para ver as características de todos; é gentil, mas ao mesmo tempo forte, relacionando-se com os outros; sente e solicita, em vez de exigir.

- **A hiena (características físicas)**

Caçadora - caça em grupo

Olhos pequenos

Comedor de carne (carnívoro)

Corre rápido

A hiena: fala antes de pensar; em algumas culturas é um símbolo de solidão e abandono; usa uma linguagem que fere, culpa e critica; gosta de julgar os outros; é muito exigente.

O facilitador pode explicar:

- Estes dois animais, representam dois tipos de comunicação.
- Na nossa vida quotidiana, muitas vezes usamos o método de comunicação de uma hiena. A maioria de nós somos ensinadas a falar e pensar como uma hiena.
- A hiena é boa em dizer às pessoas o que está de errado com elas: és preguiçoso, feio, etc.
- Se tentarmos falar mais como uma girafa, os conflitos podem ser resolvidos.
- A girafa representa uma linguagem de solicitação; hiena representa uma linguagem de exigências.
- No final, as hienas são apenas girafas analfabetas.
- Precisamos aprender a falar como a girafa para nos comunicarmos de forma eficiente e não violenta.

O facilitador então explica que é importante quando se comunica usando a linguagem da girafa e que se pode seguir estes quatro passos:

1. Descreva a sua observação - sem criticar ou julgar (por exemplo, quando entro na sala de aulas e não sou cumprimentado)
2. Identifique o seu sentimento (por exemplo, isso faz-me sentir triste e excluído)
3. Faça o seu pedido (por exemplo, "Gostaria que da próxima vez, por favor, me dissesse olá. Isso me faria sentir incluído").

Se houver tempo, o facilitador pode ler estas declarações e o grupo pode identificar se é uma forma de expressão de uma girafa ou uma de uma hiena:

- Por tua causa, sinto-me miserável! (hiena)
- Ele é muito estúpido, sempre a cometer os mesmos erros! (hiena)
- Estou muito orgulhoso dos resultados do meu exame! (girafa)
- Estou exausta. É porque sou muito má no meu trabalho (hiena)
- Eu sinto-me assustada, porque não me sinto segura neste ambiente(hiena)
- Sinto-me triste. Alguém me pode ajudar? (girafa)
- Todos na minha comunidade foram tão estúpidos depois do ciclone, ninguém se importou comigo (hiena).
- O ciclone foi uma experiência muito traumatizante, mas ajudou a falar com família e amigos acerca das coisas difíceis que aconteceram. (girafa).

Fontes

Baseado na Teoria de Rosenberg

Professores de bússola (2019) Jacal vs Girafa.

Retirado de <https://compassteachers.weebly.com/jackal-versus-giraffe.html>

Network (2019). Learning to speak Giraffe – Comunicação não violenta em ação

Retirado de <https://networkmagazine.ie/articles/learning-speak-giraffe-nonviolent-communication-action>

ANEXO 21B

Gerindo o comportamento na sala de aulas

O que fazer:

- Aceite que a criança está irritada e demonstre que a/o compreende.
- Ouça atentamente. Antes de responder, espere até que a criança expresse a sua irritação.
- Mantenha uma atitude aberta sobre o que está errado e o que deve ser feito.
- Ajude o outro a enfrentar a situação, assim que perceba que o seu comportamento está errado.
- Se possível, fale com a criança educadamente e numa zona privada.
- Sente-se para conversar com mais calma.
- Mantenha um tom de voz baixo e fale suavemente.
- Reserve para si os seus próprios juízos de valor sobre o que deve ou não ser feito pela criança que está zangada.
- Crie empatia com a criança que está irritada, sem necessariamente concordar com ela/ele, assim que os níveis da sua hostilidade ou raiva tenham diminuído.

- Exprese os seus sentimentos após o evento, e solicite que, nas oportunidades subsequentes, a criança adote um comportamento diferente.
- Peça ajuda de outra pessoa se achar que não consegue enfrentar a situação.

O que não fazer:

- Rejeitar a ideia da criança ou tentar acalmá-la.
- Recusar ouvir.
- Defender-se antes de ouvir ou entender as várias perspectivas do problema.
- Envergonhar a criança pelo seu comportamento errado.
- Zangar-se e gritar em áreas públicas.
- Permanecer de pé, em vez de sentar-se, se for possível.
- Levantar o tom da sua voz para se fazer ouvir.
- Tirar conclusões precipitadas sobre o que é que a criança irritada deve ou não fazer.
- Argumentar sobre as vantagens de um comportamento diferente.
- Ocultar seus sentimentos após o evento.
- Continuar a tentar, apesar de se sentir incapaz de enfrentar a situação.

MÓDULO 22

Reunião da turma



MÓDULO 22

Reunião da turma

Materiais necessários: Papel, lápis de cor, lápis de cera, tintas, etc.

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

Promover a realização de reuniões de turma, para falar acerca dos nossos sentimentos e problemas. No final da sessão, os participantes devem:

- Devem saber que é bom falar dos nossos sentimentos
- Podem falar dos seus sentimentos e problemas
- Respeitam os sentimentos dos outros

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Identificar diferentes actividades que permitam falar dos seus sentimentos e problemas após o desastre.
- Reconhecer a importância de discutir os seus sentimentos e desafios.
- Demonstrar a capacidade para identificar, discutir e encontrar a solução para um desafio;
- Respeitar os sentimentos, emoções e opiniões das outras pessoas.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

Palavras importantes a aprender:

- **Reunião:** uma reunião de pessoas, realizada por um motivo específico.
- **Discussão:** falar sobre um determinado assunto, ouvir e dar oportunidade a todas as pessoas de falar.
- **Desafio:** uma questão ou situação (tal como uma situação de emergência) à qual é difícil reagir, o que lhe deixa a pessoa chateada ou triste, ou outro, mas que precisa ser superado. Assunto: uma coisa sobre a qual se escreve ou fala.
- **Solução:** resposta ou correção positiva identificada que vai ajudar a melhorar a situação, ou mesmo se a situação acontecer novamente

1. Introdução. Diga aos participantes: *Hoje falaremos sobre a reunião de turma. Uma reunião de turma especificamente sobre os nossos sentimentos e desafios. É bom falar acerca dos nossos sentimentos.*

Os nossos professores podem ajudar quando falamos sobre os nossos sentimentos. Numa reunião de turma podemos falar sobre um determinado tópico com os nossos professores e amigos. A reunião de turma pode se repetir ao longo de toda a semana. Praticaremos conversar e ouvirmo-nos uns aos outros.

2. Peça aos participantes para olhar para a figura apresentada abaixo). Segure a imagem e discuta o seguinte:



- O que vês na imagem?
- Onde estão estas pessoas?
- Como acham que elas se estão a sentir?
- O que é que a sua linguagem corporal² nos está a dizer?

3. Diga:

- É bom falar sobre seus sentimentos com pessoas em quem se confia.
- Nas reuniões de turma podemos falar sobre o que gostamos, mas também sobre o que tememos, o que nos deixa tristes, etc.
- Às vezes, há um evento inesperado, como uma inundação ou um conflito, o que significa que temos que sair das nossas casas.
- Quando isso acontece, podemos realizar uma reunião de turma de emergência. Podemos falar sobre essa emergência. Se está preocupado, poderá ajudar. Pode começar a aprender novamente.

4. Leia as mensagens principais:

- Partilhe os seus sentimentos, preocupações e medos durante as reuniões de turma.
- Repita várias vezes essas reuniões, com as crianças nos meses ou semanas que se seguem à situação de emergência.
- Crie um ritmo com o som das mãos e dos pés.
- Crie uma mensagem principal para a música.
- Crie uma música com os alunos, usando o ritmo e mensagem principal.

5. Falando dos desafios, preocupações e medos

- Organize os alunos em grupos de 4
- Peça aos alunos que partilhem um desafio, preocupação ou medo que tenham em casa, na comunidade ou na escola.
- Peça às crianças que falem uns com os outros.
- Peça às crianças que conversem com os pais, vizinhos e amigos sobre o que as faz se sentir melhor.
- Peça às crianças que contem à turma.
- Leia a mensagem principal:
Compartilhe seus sentimentos, preocupações e medos durante as reuniões de classe.
 - > Repita isto com as crianças.
 - > Repita a mensagem principal juntamente com o ritmo da música.
 - > Cante a mensagem principal.

AVALIAÇÃO:

Através de um exercício prático rápido. Organize os alunos em grupos de 2. Peça a cada grupo de 2 alunos para falar sobre as seguintes questões:

- **Conhecimento:** Diz duas coisas que aprendeste hoje?
- **Habilidades:** O que mais gostaste e o que achaste que fizeste bem?
- **Valores/comportamento:** O que dirias hoje aos teus amigos da comunidade, aos teus pais, familiares ou vizinhos?

ANEXO 22A

Partilhar os nossos sentimentos

MENSAGEM-CHAVE: FALAR SOBRE OS NOSSOS SENTIMENTOS COM PESSOAS EM QUEM CONFIAMOS

ACTIVIDADE 1: INTRODUÇÃO

1. Diga:

- Toda a gente tem sentimentos.
- É bom falar sobre os nossos sentimentos.
- Converse com alguém de confiança.

2. Pergunte:

- Em quem é que confias?

ACTIVIDADE 2: DISCUSSÃO DA IMAGEM

1. Mostre a imagem apresentada na página seguinte “Expressando os sentimentos”.

2. Aponte para uma das expressões ilustradas.

3. Pergunte:

- Como é que esta pessoa se sente?

4. Demonstre o sentimento com seu próprio rosto.

5. Peça aos alunos para fazerem o mesmo e manifestarem o sentimento com o rosto e com o corpo.

6. Repita a mesma coisa para todas as expressões ilustradas.

7. Pergunte:

- Porque é que é importante entender como uma pessoa se sente?

8. Diga:

- Podemos entender como as pessoas se sentem olhando para a expressão nos seus rostos.
- Podemos ajudar as pessoas a se sentirem melhor.
- É bom partilhar os nossos sentimentos.

9. Leia a mensagem principal: Fale sobre seus sentimentos com pessoas em quem confia.

10. Repita com os alunos.

11. Crie um ritmo de música usando as mãos e os pés.
12. Leia a mensagem principal criada para esse ritmo.
13. Repita com os alunos.
14. Crie uma música com os alunos, usando a mensagem principal.
15. Repita com os alunos.

PALAVRAS IMPORTANTES:

- **Partilhar:** conversar com os outros sobre a forma como nos sentimos
- **Triste:** contrário de feliz
- **Zangado:** um sentimento forte causado, por exemplo, algo ou alguém que é injusto
- **Assustado:** um sentimento forte despoletado, por exemplo, quando se sente perigo ou dor
- **Confiança:** sentir-se seguro e honesto com alguém ou algo



MÓDULO 23

Diálogo positivo



MÓDULO 23

Diálogo positivo

Materiais necessários: Flipchart, marcador permanente, papel e canetas.

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

Entender como o stresse, angústia e trauma afectam as crianças, e conhecer formas de reforçar a resiliência das crianças. No final da sessão, os professores:

- Os professores entendem o que é stresse, angústia e trauma, e conseguem identificar os sintomas de cada delas nas crianças (para mais informações, consultar o módulo 4);
- As crianças adquirem ferramentas para lidar com o stresse, angústia e trauma e para consolidar a sua resiliência.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Entender o significado de stresse, angústia, trauma e resiliência;
- Identificar os sintomas de stresse, angústia e trauma nas crianças;
- Disponibilizar às crianças, as ferramentas necessárias para superar esses problemas;
- Consolidar a resiliência entre as crianças.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

- 1. O formador apresenta uma visão geral da secção, objectivos e os resultados esperados (5 minutos);**
- 2. Recapitula a sessão sobre os sinais de stresse, angústia e trauma (5 minutos) como seguimento do módulo 4;**
- 3. O formador faz o esboço de um corpo num flipchart e os participantes dão exemplos de sinais físicos e emocionais de stresse, angústia e trauma (10 minutos);**
- 4. Apresentação sobre a consolidação da resiliência infantil:**
 - Definir resiliência e gratidão.
 - Identificar exemplos de resiliência de professores e crianças na sua vida quotidiana (exemplos: continuam a ir a escola após uma situação de emergência, optam por fazer os trabalhos de casa, estabelecem relação com os cuidadores, professores e pares).
 - Como os professores e as crianças podem reforçar a sua resiliência: promovendo uma diálogo interno positivo, encontrando motivos para ser grato (Ver anexo 23A) nos momentos difíceis, de modo a mostrar há sempre esperança, dar enfoque às pequenas realizações, manter um “diário de gratidão” e demonstrar gratidão para com os outros (15 minutos);

5. Cada participante anota (i) o que significa resiliência; (ii) uma lista de actividades que irão usar para reforçar a sensação de resiliência nas suas salas de aulas; e (iii) enumerar formas pelas quais a gratidão e a auto-estima podem criar uma sensação de resiliência. Isto é recolhido pelo facilitador no final desta sessão (5 minutos).

AVALIAÇÃO:

Avaliar através de uma breve discussão, ou perguntas ou observação, se os participantes são capazes de:

- **Conhecimento:** Dar respostas recolhidas, definir resiliência e dar exemplos de resiliência em crianças;
- **Habilidades:** Demonstrar algumas actividades que lideram à resiliência, em circunstâncias difíceis ou de emergências;
- **Valores/comportamento:** Demonstrar alguns valores ou condutas/attitudes como gratidão, auto-estima, etc, que ajudam a ser mais resiliente em circunstâncias difíceis ou situações de emergência.

ANEXO 23A

Gratidão e diálogo interno positivo

Gratidão

Reconhecimento e apreço pelas coisas que temos nas nossas vidas. Trata-se de reconhecer o que já temos e prestar mais atenção a isso, ao invés de nos concentrarmos naquilo que não temos. Exemplos de tais situações no contexto de emergências são o enfoque no facto de os estudantes serem capazes de continuar os seus processos educativos mesmo depois de, por exemplo, os ciclones, e não no facto das escolas estarem seriamente danificadas.

Diálogo interno positivo

Refere-se ao diálogo interno que todos nós temos connosco mesmos. Isto pode ser tanto positivo, como negativo. Por exemplo, indivíduos podem ter pensamentos negativos, que podem afectar adversamente o seu trabalho. O objectivo do diálogo interno é o de criar mensagens positivas acerca das nossas capacidades, nas nossas mentes. Estas podem ser coisas simples e gentis, que dizemos a nós mesmos.

- **Exemplo 1:**

Declaração Negativa – “Eu estou nervoso.”

Declaração Positiva – “Eu estou calmo e determinado.”

- **Exemplo 2:**

Declaração Negativa – “Não gosto do que está a acontecer ao meu redor.”

Declaração Positiva – “Eu aceito as coisas que não posso mudar, e mudo as coisas que posso mudar.”

Diário de gratidão

Um diário de gratidão ou diário de bordo de professores e estudantes, onde podem anotar diaria ou mensalmente as coisas pelas quais são gratos, de modo a se recordarem das coisas positivas nas suas vidas. Isso não é negar os sentimentos que podem estar a sentir logo após os ciclones, como por exemplo, ira, ansiedade e stresse, mas sim permitir que eles se concentrem nos factores positivos nas suas vidas, sempre que possível.

MÓDULO 24

Exercícios de relaxamento



MÓDULO 24

Exercícios de relaxamento

Materiais necessários: Folhas de Flipchart, marcadores, paus de bambú (ou paus de madeira)

Tempo: 90 minutos

OBJECTIVOS DA FORMAÇÃO

No final da sessão, os participantes devem:

- Saber mais sobre os benefícios psicossociais do jogo
- Demonstrar a capacidade de identificar diferentes formas de jogo
- Conseguir compreender, aceitar e respeitar o brincar, como uma ferramenta eficaz para aumentar o bem-estar psicológico das crianças nas escolas e na comunidade.

RESULTADOS ESPERADOS

Os participantes são capazes de:

- Dizer quais são os benefícios que o jogo pode trazer às crianças;
- Demonstrar a capacidade de identificar as formas de jogo que melhoram o bem-estar psicossocial.
- Compreender, aceitar, respeitar o jogo como uma ferramenta eficaz para reduzir o stresse, construir o espírito de equipa, proporcionar o relaxamento e fortalecer o bem-estar psicológico durante e após situações de emergência.

DESCRIÇÃO DAS ACTIVIDADES

Explique aos participantes que existem quatro formas de jogo: desporto, jogos, brincadeiras criativas ou brincadeiras livres (ver anexo 24A).

1. Explique e demonstre que:

- Você tem 4 cartas. Cada carta representa uma forma diferente de jogar.
- E que vai pedir dois voluntários para escolherem um cartão.
- Esse par de voluntários representará um exemplo dessa forma de jogo para que outro grupo de dois participantes possa adivinhar.
- O grupo tem 15 minutos para preparar a sua dramatização.

2. Explicar as seguintes definições

- **Desporto** - é uma actividade física, com um conjunto acordado de regras. Pode ser praticado por competição, diversão ou ambos.
- **Jogos** - é uma actividade recreativa, definido por um objectivo que os jogadores tentam alcançar e um conjunto de regras para jogar.
- **Brincar com Criatividade** - “Expressa-se quando as crianças usam materiais conhecidos de uma maneira nova ou incomum, e quando as crianças se envolvem em jogos de papéis e brincadeiras imaginativas.” Isso inclui arte, drama, dramatização e performance.
- **Jogo Livre** - jogo que as crianças escolhem livremente e se auto-direccionam.

Diga aos participantes que o brincar é uma ferramenta poderosa, que permite que as crianças processem emoções e lidem com o stresse. Dê a indicação que farão uma actividade simples. Explique que ao longo da história, a dança e a música têm sido usadas como uma forma de arte para pessoas e culturas expressarem suas ideias, sentimentos e poder, através das interações lúdicas entre os seres humanos.

3. Distribua um par de paus de bambu a cada participante, e diga-lhes que iremos criar música, em conjunto, através do movimento.

4. Explique e demonstre ao mesmo tempo, ou seja:

- Convide os participantes a formar um círculo.
- Divida o círculo em secções. Dependendo do tamanho do grupo, cada secção de músicos pode ter entre 3 a 5 pessoas.
- A tarefa deles é ter uma conversa rítmica com a sua secção.
- A única regra é ouvir a secção, iniciar e terminar juntos - qualquer coisa que se faça pelo meio é jogar. Sejam responsáveis uns pelos outros e sejam brincalhões!

5. Comece com a primeira secção e diga-lhes que serão o coração do grupo. Mostrelhes como batendo os bastões e mantendo uma batida constante (como um batimento cardíaco). Um por um, dê a cada secção um ritmo que eles possam continuar; e adicione cada vez mais ritmos ao círculo.

Nota para o facilitador: Os participantes também podem usar sons vocais e percussão corporal (ou seja, bater palmas, bater os pés), incentivar a experiência:

6. Assim que todo o grupo estiver activo e envolvido, permita que as secções improvisem seus próprios ritmos lúdicos, de acordo com a forma como o grupo se sente. A actividade termina ao seu critério.

7. Peça aos participantes para terem um momento após esta actividades, sentirem as suas emoções e perceberem o quão rápido o seu coração está a bater.

8. Lidere uma discussão com as seguintes perguntas, como orientação:

REFLECTIR	a. Como se está a sentir? A sua mente e corpo sentem-se diferentes agora?
CONECTAR	b. Que tipo de actividades gostas de fazer com crianças? c. Em que tipo de actividades lúdicas as crianças da sua comunidade gostam de participar? (Escreva as respostas num pedaço de papel flipchart.)
APLICAR	d. Que benefícios podem trazer para as crianças com quem você trabalha? Como poderia melhorar o seu bem-estar psicossocial?

9. Ver os Benefícios do Jogo neste manual sobre AP para os formadores e professores, página 44.

10. Dê aos participantes 15 minutos para refletir sobre diferentes formas de jogo que podem ser usadas para promover a resiliência das crianças.

11. Explique que:

- Também podem encontrar informações sobre como liderar actividades livres, actividades lúdicas criativas e actividades desportivas no geral.
- **Dê aos participantes alguns minutos para refletir sobre “Como liderar as actividades Brincando com Criatividade”** e faça perguntas que lhes permita esclarecer alguma dúvida.
 - > Oferece um espectro abrangente de brincadeiras, o que permite que as crianças experimentem uma variedade de benefícios psicossociais.
 - > Também permite uma diversidade de experiências, o que significa que há opções adequadas a todas as crianças, mesmo com interesses diferentes.

AVALIAÇÃO:

Através de um exercício prático rápido, procure perceber se:

- **Conhecimento:** os participantes aprenderam quais são os benefícios que poderiam trazer para as crianças?
- **Habilidades:** os participantes conseguem mostrar as suas habilidades de identificar formas de brincar no manual de bem-estar psicossocial e dizer qual é o objectivo específico dessas peças?
- **Valores/comportamento:** os participantes entendem, aceitam, respeitam e adoptam o brincar como uma ferramenta eficaz de apoio psicossocial?

ANEXO 24A

Formas de jogo

<p>DESPORTO</p> <p>É uma actividade física, com um conjunto acordado de regras. Pode ser praticado por competição, diversão ou ambos.</p>	<p>BRINCANDO COM CRIATIVIDADE</p> <p>“Expressa-se quando as crianças usam materiais conhecidos de uma maneira nova ou incomum, e quando as crianças se envolvem em jogos de papéis e brincadeiras imaginativas.” Isso inclui arte, drama, dramatização e performance.</p>
<p>JOGOS</p> <p>Correspondem a actividades recreativas, definido por um objectivo que os jogadores tentam alcançar e um conjunto de regras para jogar.</p>	<p>JOGOS LIVRES</p> <p>Jogo que as crianças escolhem livremente, e se auto-direccionam.</p>

BENEFÍCIOS PSICOSSOCIAIS DO JOGO²⁰

Brincar livremente permite que as crianças aprendam sobre seu ambiente, aliviem os níveis de stresse e lidem com a situação na qual se encontram. Disponibilizar um conjunto abrangente de brincadeiras, permite que as crianças experienciem uma variedade de benefícios psicossociais. Também permite uma diversidade de experiências, o que significa que há opções adequadas mesmo para crianças que têm interesses muito distintos.

Exemplos de benefícios do jogo:

- A actividade física permite que as crianças libertem energia, o que as ajuda a **relaxar** e acalmar;
- Apoiar as crianças a desenvolver **habilidades para a vida**, que estejam relacionadas com a sua resiliência.
- As actividades recreativas organizadas permitem uma sensação de **segurança, normalidade e estabilidade**.
- Permite que as crianças **controlem** seu ambiente.
- Pode promover um **sentimento de pertença** e permitir que as crianças **trabalhem juntas**; a realização de tarefas colaborativas convida as crianças a trabalhar através das diferenças.
- Pode promover uma sensação de **domínio de uma competência** (por exemplo, dominando uma habilidade ou criando uma obra de arte).
- Pode permitir que as crianças **se concentrem no presente**. Por um lado, a actividade física pode

proporcionar às crianças um período de relaxamento e energia, no qual não estão a pensar na sua perda. Por outro lado, o tempo e o espaço, para brincar pode permitir que as crianças revisite e revivam situações vividas. Ao reproduzir os seus próprios sentimentos e sonhos, as crianças podem ser apoiadas para chegar a um acordo, e alcançar uma sensação de controlo.

- Permite que as crianças **expressem emoções** verbalmente ou não verbalmente.
- Ajuda as crianças a superar a dor emocional e recuperar o controlo sobre suas vidas.
- Os desafios criativos levam as crianças a expandir os seus modos de pensar e resolver problemas. Lentamente, isso pode **mudar a forma como eles pensam sobre sua própria situação**, e incentivar a gestão saudável de riscos.
- Pode restaurar um sentido de **identidade**, valor pessoal e **auto-estima**.
- Pode ajudar as crianças a **dar sentido** do que lhes aconteceu.
- Desporto, arte, jogos, música e dança podem ajudar as crianças a recuperar a sua criatividade e capacidade de **diversão**.

APÊNDICE

1. United Nations Disaster Management Training Programme, disponível em <https://www.humanitarianresponse.info/sites/www.humanitarianresponse.info/files/documents/files/Module%201%20-%20Why%20Education%20in%20emergencies.pptx>
2. Retirado de Proposta para Mecanismo Multi-sectorial de Prevenção, Denúncia, Encaminhamento, Resposta e Assistência às vítimas de Violência na Escola. Documento de trabalho. *MINEDH. MEPT.CESC.UNICEF*
3. A Agenda 2030 corresponde ao compromisso assumido por 193 países membro da ONU, na Assembleia Geral das Nações Unidas de setembro de 2015, relativo às metas de desenvolvimento global, a cumprir até 2030 (UNGA,2015). Esta agenda contempla a concretização de 17 Objectivos de Desenvolvimento Sustentável, sendo o Objectivo 4 relacionado com o acesso à e a qualidade da Educação: “Assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos” (ibidem:17))
4. A Declaração de Incheon “Educação 2030: rumo a uma educação de qualidade inclusiva” corresponde ao compromisso assumido pelos países presentes no Fórum Mundial de Educação de 2015, no que se refere às metas de acesso e qualidade da educação para todos/as a cumprir até 2030. O correspondente Quadro de Acção corresponde ao plano de operacionalização dessas metas e comunga totalmente das mestas sugeridas no âmbito do ODS 4 (UNESCO, 2015).
5. Documento de Referência da INEE sobre Apoio Psicossocial e Aprendizagem Social e Emocional de Crianças e Jovens em contextos de Emergência, disponível em http://s3.amazonaws.com/inee-assets/resources/INEE_PSS-SEL_Background_Paper_POR_v5.3.pdf
6. Referente à recomendação de não causar sofrimento ou danos desnecessários através da intervenção humanitária. Em Inglês “Do No Harm”
7. Fonte: https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf
8. Na fase de combate à pandemia Covid-19 é importante minimizar contactos e, sempre que possível, limitar o uso partilhado de materiais
9. Retirado de Proposta para Mecanismo Multi-sectorial de Prevenção, Denúncia, Encaminhamento, Resposta e Assistência às vítimas de Violência na Escola. Documento de trabalho. *MINEDH. MEPT.CESC.UNICEF*
10. Importante considerar as medidas de segurança recomendadas pelas autoridades de Saúde Pública, face à situação da Pandemia de Covid-19
11. Consulta no Inquérito Demográfico de Saúde (IDS) de 2011
12. Baseado em: *Guião Escolar para os Professores, Métodos para Identificação de Sinais de Violência em Crianças e Adolescentes*, MINEDH, 2015 E Código Penal, Lei 35/2014, República de Moçambique
13. Lei nº 19/2019 de 22 de outubro. Capítulo I. Artigo 2. Boletim da República
14. Retirado do Mecanismo Multisectorial para a Prevenção, Denúncia, Encaminhamento e Resposta a Violência contra Crianças nas Escolas, Incluindo Assistência às Vítimas. *MINEDH. MEPT.CESC.UNICEF*
15. Mecanismo de denúncia, encaminhamento, resposta e assistência a vítimas de violência na escola ou de casos de violência sinalizados na escola. Ver anexo 24.3
16. Baseado em RIBEIRO, A.. *Comportamentos de risco, factores de risco e de protecção em adolescentes e jovens moçambicanos*. Tese de Doutoramento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Porto Alegre. Fevereiro. 2017 e Mecanismo Multisectorial para a Prevenção, Denúncia, Encaminhamento e Resposta a Violência contra Crianças nas Escolas, Incluindo Assistência às Vítimas. *MINEDH. MEPT.CESC.UNICEF*

17. Idem; Guia de Orientações para os profissionais da Acção Social na abordagem de situações de maus tratos ou outras situações de perigo. Promoção e Protecção dos Direitos das Crianças.pdf
18. Por exemplo, algumas práticas religiosas podem ter um papel positivo na prevenção e no enfrentamento, no entanto há também práticas religiosas que podem constituir factor de risco à protecção da criança
19. Um perigo é definido como “Um fenómeno perigoso, substância, actividade ou condição humana que pode causar perda de vida, ferimentos ou outros impactos à saúde, danos à propriedade, perda de meios de subsistência e serviços, interrupção social e económica ou danos ambientais.” Fonte: UNESCO (2014) Um Guia do Estudante para Redução do Risco de Desastres Fique Sábio e esteja preparado. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000228798>.
20. Bingley, D. (2015). Um Manual para Voluntários: Supporting children grieving the dying and death of a loved one.; Casey, T. (Ed.), King- Sheard, M. & Mannello, M. (2017). Access to play for children in situations of crisis.; Cook, P. (2017). The Virtuous Cycle of Play and Psychosocial Wellbeing: A Review of Right To Play’s Education in Emergency Programs Supporting Syrian Children in Lebanon; ICSSPE. (2008) Sport and physical activity in post-disaster intervention (2nd ed.); Kostelny, K. (2008). Starting up child centered spaces in emergencies: A field manual.; RTP. (2009). Sport specific: Discussion guide for leaders.; StC. (2009). Child friendly spaces facilitator training manual.; UNICEF. (2009). The psychosocial care and protection of children in emergencies: Teacher training manual.; War Child Holland. (2007). Arts manual. Amsterdam: War Child Holland.; World Vision. (n.d.). Creativity with children: A manual for children’s activities



República de Moçambique
Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano